

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

“Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...”: as visões antagônicas sobre Isabel Perón através da imprensa partidária peronista (1973-1976)

Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski

Pelotas, 2020.

Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski

“Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...”: as visões antagônicas sobre Isabel Perón através da imprensa partidária peronista (1973-1976)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra

Pelotas, 2020.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

K33l Kendzerski, Nádia Cristiane Coelho da Silva

“Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...” : as visões antagônicas sobre Isabel Perón através da imprensa partidária peronista (1973-1976) / Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski ; Edgar Ávila Grandra, orientador. — Pelotas, 2020.

168 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Peronismo. 2. Isabel Perón. 3. Argentina. 4. Primeira presidente. 5. Imprensa peronista. I. Grandra, Edgar Ávila, orient. II. Título.

Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski

“Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...”: as visões antagônicas sobre Isabel Perón através da imprensa partidária peronista (1973-1976)

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 19 de março de 2020.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra (Orientador)

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Charles Pereira Pennaforte

Doutor em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas

Agradecimentos

Muitas foram as pessoas que, ao longo desses dois anos de mestrado, me incentivaram a efetuar essa pesquisa e acompanharam a minha trajetória acadêmica. Meus sinceros agradecimentos a todos que, de alguma forma, doaram um pouco de si para que a realização deste trabalho se tornasse possível:

Ao professor Edgar Gandra por me orientar, me ouvir, me aconselhar e sempre me incentivar a crescer como pesquisadora.

Aos membros da banca de qualificação, professor Aristeu Lopes e professor Charles Pennaforte pelas contribuições, bem como ao professor Paulo Renato da Silva que aceitou compor a banca de defesa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPel que, durante as disciplinas, indicaram leituras que enriqueceram essa dissertação.

Aos colegas de mestrado que hoje considero meus amigos: Lisiane, Iago e Lucas. Obrigada pela força, pelos debates, risadas e parceria sempre! E aos demais que convivi durante esse tempo, foi ótimo estar com vocês.

À Maribel Motta, que há tantos anos despertou ainda mais minha paixão pela língua espanhola e me entusiasmou a ler a bibliografia nesse idioma desde a época da graduação.

À minha família pelo apoio e compreensão quando em alguns momentos tive de me ausentar para me dedicar a escrita deste trabalho. Valeu o esforço! Amo vocês!

Ao meu esposo, Matheus, por sempre me encorajar a seguir em frente e, principalmente, por ter me dado o melhor presente da vida em meio a essa jornada, que ainda está sendo gestado e esperado com muito amor: a nossa Rafaella!

E a tantas outras pessoas que torcem por mim, muito obrigada!

“La gente está acostumbrada a conducir el orden. Pero en política no existe jamás el orden. A lo que hay que acostumbrarse es a manejar el desorden”.

Juan Domingo Perón, entrevista a Tomás Eloy Martínez, 1970.

Resumo

KENDZERSKI, Nádia Cristiane Coelho da Silva. **“Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...”**: as visões antagônicas sobre Isabel Perón através da imprensa partidária peronista (1973-1976). Orientador: Edgar Ávila Gandra. 2020. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

A Argentina foi o primeiro país do continente americano a viver a experiência de ter sido governado por uma mulher. María Estela Martínez de Perón, conhecida como Isabel, garantiu o cumprimento da constituição ao assumir a presidência após a morte de seu esposo, o presidente Juan Domingo Perón, pois era sua vice na chapa que o elegeu em 1973. Entretanto, enfrentou uma realidade adversa ao tentar conduzir um país traumatizado após a perda de seu líder, somado a outros fatores conjunturais, sendo deposta por um golpe militar em março de 1976. Seu governo foi marcado pela divisão e o enfrentamento entre a direita e a esquerda do Movimento Peronista, que possuíam visões distintas sobre Isabel, a qual levou adiante um programa de direita de linha muito autoritária com a ajuda de seu ministro, *el brujo*, José López Rega. Sendo assim, esse trabalho propõe uma discussão sobre a trajetória de Isabel Perón e o papel político que desempenhou ao lado de Perón como vice e, posteriormente, presidente, em uma perspectiva que pretende abranger sua escala de poder, o apoio e a rejeição de sua figura representados através da imprensa partidária peronista dos anos setenta. Para isso, foram analisadas quatro publicações editadas pela Organização Político-Militar Montoneros: *El Descamisado*, *El Peronista Lucha por la Liberación*, *La Causa Peronista* e *Evita Montonera* no período que vai de maio de 1973 a março de 1976; bem como as edições da revista *El Caudillo de la Tercera Posición* publicadas entre novembro de 1973 e dezembro de 1975. Ambicionou-se alcançar uma releitura de Isabel enquanto personagem com sua devida importância histórica, pois mesmo se tratando da primeira mulher a chegar ao maior posto político da Argentina, acaba sendo esquecida ou “lembrada” em chave muito crítica/negativa quando comparada à memória de Perón.

Palavras-Chave: Peronismo. Isabel Perón. Argentina. Primeira Presidente. Imprensa peronista.

Abstract

KENDZERSKI, Nádia Cristiane Coelho da Silva. ***“Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...”***: the antagonistic views on Isabel Perón through peronist partisan press (1973-1976). Advisor: Edgar Ávila Gandra. 2020. 168 f. Dissertation (Masters in History) – Human Sciences Institute, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

Argentina was the first country in the American continent to live the experience of being ruled by a woman. María Estela Martínez de Perón, known as Isabel, has guaranteed the fulfillment of the constitution when she took on the presidency after her husband's death, president Juan Domingo Perón, for she was his vice in the ticket that elected him in 1973. However, she faced a harsh reality when she tried to conduct a country traumatized by the loss of its leader, together with other circumstantial factors, being deposed by a military coup in March 1976. Her government was marked by the division and confrontation between the right and left wings of the Peronist Movement, which had different views on Isabel, who carried on a very authoritarian rightist program with the help of her minister, *el brujo*, José López Rega. Thus, this study proposes a discussion on the history of Isabel Perón and the political role she played next to Perón as vice, and afterwards, as president, on a perspective that intends to cover her power scale, support and rejection of her figure, represented through the 70's peronist partisan press. To that end, four publications published by the political-military organization *Montoneros* were analyzed: *El Descamisado*, *El Peronista Lucha por la Liberación*, *La Causa Peronista* e *Evita Montonera* in the period between May 1973 and March 1976; as well as the issues of *El Caudillo de la Tercera Posición* magazine published between November 1973 and December 1975. A reinterpretation of Isabel as a character with her due historical importance was intended because, even though she was the first woman to reach the highest political position in Argentina, she ends up being forgotten or “remembered” in a very critical/negative key when compared to Perón's memory.

Keywords: Peronism. Isabel Perón. Argentina. First woman president. Peronist press.

Resumen

KENDZERSKI, Nádia Cristiane Coelho da Silva. ***Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...***: las opiniones antagónicas sobre Isabel Perón a través de la prensa partidaria peronista (1973-1976). Orientador: Edgar Ávila Gandra. 2020. 168 f. Disertación (Maestría en Historia) - Instituto de Ciencias Humanas, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Argentina fue el primer país del continente americano en tener la experiencia de ser gobernado por una mujer. María Estela Martínez de Perón, conocida como Isabel, garantizó el cumplimiento de la constitución cuando asumió la presidencia después de la muerte de su esposo, el presidente Juan Domingo Perón, puesto que era su vice en la lista que lo eligió en 1973. Sin embargo, se enfrentó a una realidad adversa al tratar de liderar un país traumatizado después de la pérdida de su líder, agregado a otros factores coyunturales, siendo derrocada por un golpe militar en marzo de 1976. Su gobierno estuvo marcado por la división y la confrontación entre la derecha y la izquierda del Movimiento Peronista, las cuales tenían distintos puntos de vista sobre Isabel quien, llevó a cabo un programa de derecha muy autoritario con la ayuda de su ministro, "el brujo", José López Rega. Por lo tanto, este trabajo propone una discusión sobre la trayectoria de Isabel Perón y el papel político que desempeñó junto a Perón como vicepresidente y, más tarde, presidente, en una perspectiva que intenta cubrir su escala de poder, el apoyo y el rechazo de su figura representados a través de la prensa del partido peronista de los años setenta. Con este fin, se analizaron cuatro publicaciones editadas por la *Organización Político-Militar Montoneros: El Descamisado, El Peronista Lucha por la Liberación, La Causa Peronista y Evita Montonera* en el período de mayo de 1973 a marzo de 1976; así como las ediciones de la revista *El Caudillo de la Tercera Posición* publicadas entre noviembre de 1973 y diciembre de 1975. Se ambicionó lograr una relectura de Isabel como personaje con su debida importancia histórica, pues aunque se trató de la primera mujer en alcanzar el puesto político más alto de Argentina, termina siendo olvidada o "recordada" en una clave muy crítica/negativa en comparación con la memoria de Perón.

Palabras clave: Peronismo. Isabel Perón. Argentina. Primer Presidente. Prensa peronista.

Lista de figuras

Figura 1 – Capa de <i>La Causa Peronista</i> de 03 de setembro de 1974.	74
Figura 2 – Capa de <i>Evita Montonera</i> de Fev./Mar. de 1976.	76
Figura 3 – Capa de <i>El Descamisado</i> de 14 de agosto de 1973.	83
Figura 4 – Capa de <i>El Descamisado</i> de 21 de agosto de 1973.	85
Figura 5 – Capa de <i>El Peronista Lucha por la Liberación</i> de 04 de maio de 1974.	91
Figura 6 – Capa de <i>El Descamisado</i> de 24 de julho de 1973.	94
Figura 7 – Capa de <i>La Causa Peronista</i> de 27 de agosto de 1974.	99
Figura 8 – Homenagem dos membros do <i>Movimiento Nacional Peronista</i> à María Estela Martínez de Perón.	106
Figura 9 – Capa de <i>La Causa Peronista</i> de 09 de julho de 1974.	107
Figura 10 – Capa de <i>El Caudillo</i> de 1º de novembro de 1974.	117
Figura 11 – Panfleto do <i>Comando de Organización</i> (CdeO) desejando Feliz Natal a seus membros e simpatizantes.	120
Figura 12 – Capa de <i>El Caudillo</i> de 15 de outubro de 1975.	125
Figura 13 – Propaganda da <i>Unión Obrera Metalúrgica</i> (UOM) na revista <i>El Caudillo</i> de 26 de novembro de 1974.	132
Figura 14 – Propaganda da <i>Confederación General del Trabajo</i> (CGT) e da <i>62 Organizaciones</i> na revista <i>El Caudillo</i> de 26 de novembro de 1974.	133
Figura 15 – Capa de <i>El Caudillo</i> de 06 de novembro de 1975.	142
Figura 16 – Capa da última edição de <i>El Caudillo</i> de 18 de dezembro de 1975.	154

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
 CAPÍTULO 1 - “LA MEJOR ALUMNA”: OS ANOS DE PREPARAÇÃO POLÍTICA DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ	
1.1. PERONISMO: A COMPLEXIDADE DE UMA CORRENTE POLÍTICA E CULTURAL.....	28
1.2. DE ESTELITA A ISABEL MARTÍNEZ: O ESOTERISMO E A DANÇA	35
1.3. A COMPANHEIRA NO LONGO EXÍLIO	38
1.4. “PERÓN MUEVE LA DAMA”: OS PRIMEIROS PASSOS DE ISABEL NA ARTICULAÇÃO POLÍTICA	53
 CAPÍTULO 2 - “LA MARTÍNEZ”: A FIGURA DE ISABEL NA IMPRENSA MONTONERA	
2.1. <i>EL DESCAMISADO, EL PERONISTA, LA CAUSA PERONISTA E EVITA MONTONERA: A IMPRENSA MILITANTE DA ESQUERDA PERONISTA</i>	<i>68</i>
2.2. “¿POR QUÉ ISABEL?”: O DESPREZO PELA ESCOLHA DA CHAPA PERÓN - ISABEL PERÓN.....	77
2.3. “LA TEORÍA DEL CERCO”: O PERONISMO SOB O COMANDO DE ISABEL E LÓPEZ REGA	89
2.4. A PRIMEIRA PRESIDENTE: ENTRE A NEGAÇÃO E O ESQUECIMENTO	101
 CAPÍTULO 3 - “¡ISABEL O MUERTE!”: A LEALDADE DA EXTREMA- DIREITA PERONISTAS NAS PÁGINAS DA REVISTA EL CAUDILLO	
3.1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA DIREITA PERONISTA E SUA IMPRENSA NOS ANOS SETENTA	113
3.2. “¡SE SIENTE, SE SIENTE, EVITA ESTÁ PRESENTE!”: COMO EL CAUDILLO FEZ DE ISABEL O CATAFALCO DE EVA PERÓN	126
3.3. “EJERZO LA PLENITUD DE MI PODER”: A VIOLÊNCIA PROTEGIDA.....	135
3.4. EM PRIMEIRA PESSOA: UM OUTRO OLHAR SOBRE MARÍA ESTELA/ISABEL PERÓN	142
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
 REFERÊNCIAS.....	160

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escrever sobre a história de María Estela Martínez Cartas não é uma tarefa fácil. Mesmo tendo sido a última companheira do homem que marcou a política argentina há mais de setenta anos, sua vida é repleta de mistérios e episódios com as mais variadas versões. María Estela, mais conhecida como Isabel ou, para seus íntimos, *Chabela*, ao que a historiografia previamente consultada indica, sempre demonstrou uma predileção por conhecer seu futuro, através de diferentes instâncias. Provavelmente não esperava o que o destino lhe reservaria ao cruzar sua vida com a do fundador do *Partido Justicialista*. Certamente os anos de convivência ao lado do general Perón serviram de aprendizado para que desempenhasse papéis que exigiram articulação política, embora sua figura seja menosprezada pela maioria dos argentinos.

Como será possível observar, sua trajetória é complexa e nada banal. Não é possível contar a história desta mulher sem falar de Perón e seu tempo, pois é fundamental para compreender o contexto no qual Isabel estava inserida. Ao longo de sua jornada “puede observarse la transformación mundana que se opera en Chabela tiene la dimensión de una verdadera metamorfosis, gestada por su mentor y maestro profesor ‘Higgins-Perón’, que es quien mueve los hilos detrás de las bambalinas”. (PAVÓN PEREYRA, 1981, p.38). Dessa maneira, Perón foi seu professor e, como diriam seus apoiadores, Isabel foi sua “mejor alumna”.

Vários episódios da vida de Isabel são permeados por muitas versões e, por isso, a heteroglossia,¹ conceito trazido por Bakhtin (1992), serviu para dar voz as diversas interpretações dos acontecimentos. Para Burke (2011), este é um recurso fundamentalmente literário, adaptado às narrativas históricas de modo a demonstrar a variedade de nuances presentes em um fato. Convém ressaltar que, de certa forma, narrar sua trajetória também significa percorrer alguns acontecimentos da história política da América Latina, tais como a ascensão da ditadura do general Juan Carlos Onganía na Argentina, a queda do ditador, Marcos Pérez Jiménez, na Venezuela, a presidência de Ricardo Arias, no Panamá e a ditadura de Rafael Trujillo na República Dominicana, ao mesmo tempo em que ocorre uma profunda

¹ Bakhtin descreve a heteroglossia ou o próprio conceito de voz como a interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais, representando uma estratificação e aleatoriedade da linguagem. O autor afirma que a forma pela qual nos expressamos vem incutido de contextos, estilos e intenções distintas e, nesse sentido, os testemunhos de pessoas próximas ao casal Perón, através da bibliografia, apresentam diferentes visões e versões sobre Isabel.

mudança social e política nestes países, bem como na vida de Isabel. De acordo com Burke (2011), a história narrada entre os mundos público e privado faz com que os acontecimentos e as estruturas sejam apresentados com mais intimidade.

Embora haja uma oposição entre os historiadores que consideram as estruturas mais seriamente que os acontecimentos – como Braudel – e aqueles que continuam a acreditar que a função do historiador é contar uma história dos acontecimentos, considero o estilo da narrativa literária bastante pertinente e válida para narrar fatos históricos, pois torna o texto mais aprazível. Como além da graduação em História, também possuo graduação em Letras e Literatura, a influência da narrativa literária para contar a história de Isabel Perón talvez possa ser identificada na forma como apresento o texto.

No entanto, sabendo que a história não é ficção², mas que a metodologia da escrita ficcional pode servir a história, assim como fez Tomás Eloy Martinez em *La novela de Perón* (1998) e *Santa Evita* (1996) ou, ainda, Rodolfo Walsh em *Operação Massacre* (1957) e no conto *Essa mulher* (2010), é possível valer-se de expedientes da narrativa literária para tratar de fatos reais.³ Logicamente este trabalho não se trata de uma obra de ficção ou de literatura, mas a forma de narrar, por ora, apresentará uma descrição mais detalhada de alguns episódios a fim de tornar a história de Isabel Perón mais compreensível aos leitores, já que se trata de uma personagem pouco explorada e, na maioria das vezes, somente lembrada como a viúva de Perón e uma das responsáveis pela volta dos militares em 1976.

Vale ressaltar que a história política da Argentina nos últimos setenta anos tem sido assinada pelo peronismo, entre governos civis e militares.⁴ Como fenômeno político, esta corrente política e cultural surge na Argentina em meados da década de quarenta, através da figura do general Juan Domingo Perón. Tão grande é a importância deste modelo político que praticamente todos os partidos que hoje seguem o chamado *Justicialismo*, disputam a herança de Perón. Deste modo,

² Segundo Certeau (2015), a história segue um conjunto de práticas científicas, o que a diferencia da ficção e, em sua prática construtora, parte de determinações presentes, isto é, a atualidade é o seu começo real. Para isso os historiadores partem de seu próprio tempo para buscar entender algo do passado.

³ Coerentemente ficam excluídos o discurso inventado e a criação do fluxo de consciência, características do texto literário e que não são utilizados em narrativas históricas.

⁴ A Argentina, durante o século XX, passou por seis golpes que interromperam a ordem democrática: em 1930, 1943, 1955, 1962, 1966, 1976. Os quatro primeiros foram ditaduras provisórias, já os dois últimos foram ditaduras de tipo permanente, segundo o modelo de Estado burocrático autoritário proposto por Guillermo O'Donnell. O próprio Perón, que era militar, participou do golpe de 1943 chegando a assumir os cargos de vice-presidente, Secretário do Trabalho e Ministro de Guerra.

governos posteriores buscam, de alguma forma, recorrer a políticas que façam lembrar o velho caudilho e seu legado.

A figura de sua segunda esposa, María Eva Duarte de Perón, ou simplesmente Evita, é a mais lembrada pela historiografia e cultuada na sociedade argentina, assumindo, desta forma, grande protagonismo dentro do peronismo, aspecto não semelhante ao meu objeto de estudo como se observará ao longo deste trabalho. Reforço que os estudos sobre o papel de Evita como mito político são bastante explorados pela historiografia argentina, o que acaba estabelecendo uma escala na qual Isabel adentra a história de uma forma muito opaca, sempre ofuscada pela sua antecessora. Além disso, temos o papel do imaginário atuando na estrutura basilar do peronismo cujo culto à imagem de Evita é um de seus pilares até hoje.

À Isabel lhe sobram, então, as entrelinhas da história, sendo “acusada” de viver à sombra do mito de Evita. Ao que parece, nas tessituras sobre o papel de Isabel, é sempre a imitação o que, no meu entender, solapa a própria capacidade de interpretação de sua atuação. Não se nega que Isabel utilizou-se desse modelo personificado em Evita para ter aceitação na campanha eleitoral como vice do marido e, mais tarde, para tentar legitimar seu governo como presidente da nação. Destaco que Isabel era atenta ao devir histórico e possuía capacidade suficiente para filtrar esses contextos em benefício próprio. Um deles foi a busca pela aproximação física da imagem de Evita, perceptível na sua forma anacrônica ao se vestir, assim como seus penteados que, em algumas aparições públicas, usou o coque preso à nuca (*rodete*), marca registrada da falecida ex-primeira-dama.

No quadro político, quando Isabel concorre às eleições presidenciais de 1973 como vice de seu marido, alude a 1951, ano em que Evita ambicionava este cargo também ao lado de Perón. Porém, devido a sua saúde debilitada e outros fatores conjunturais, teve de renunciar à campanha, diferentemente de Isabel que seguiu e foi eleita juntamente com velho general. A chapa Perón-Isabel Perón obteve expressivos 62% dos votos e pela primeira vez um casal governava o país.⁵ (ROMERO, 2006). Uma vitória: Isabel conseguiu algo que Evita nunca pode

⁵ O chamado fenômeno “*parejas gobernantes*” (casais governantes) é uma singularidade do peronismo. Tal manifestação ocorreu entre os casais Isabel e Juan Perón; Cristina e Néstor Kirchner. No entanto, Cristina já possuía uma carreira sólida na política argentina tendo exercido os cargos de deputada provincial e senadora da nação, ao passo que Isabel nunca havia exercido um cargo eletivo até ser eleita como vice de Perón.

alcançar. Em contrapartida, Isabel nunca alcançou Evita no campo simbólico, a qual possuía um poder informal e recebeu do Congresso o título de “Chefe Espiritual da Nação”. (PIGNA, 2012).

Durante minha graduação em História, resolvi analisar o papel social e político de Eva Perón na condição de primeira-dama argentina entre os anos de 1945 a 1952. Este foi o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Após a realização deste trabalho, resolvi ampliar a pesquisa sobre o peronismo como fenômeno político para além das décadas de quarenta e cinquenta, chegando aos anos setenta, período em que Perón retorna à Argentina após quase dezoito anos de exílio e já casado com Isabel. Foi quando constatei que, tanto a historiografia brasileira quanto a argentina, careciam de estudos sobre o papel de Isabel Perón que não ficasse limitado apenas à análise de seu governo como a preparação para a última ditadura militar.

A maioria são trabalhos que se atêm as causas que levaram ao golpe que a depôs, atribuindo pouca importância a sua biografia e sua trajetória enquanto sujeito histórico. Sobre Isabel não há uma produção suficientemente satisfatória para a compreensão do papel que desempenhou naquela difícil conjuntura. Importante destacar que, através da bibliografia e das fontes analisadas, assim como Evita, há muitos relatos machistas e até mesmo misóginos em relação à trajetória da terceira esposa de Perón.

Nos últimos anos houve uma redescoberta da pesquisa biográfica, a qual “remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao ‘cotidiano’, a ‘subjetividades outras’; por exemplo, a história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres”. (LORIGA, 1998, p. 225). A socióloga e historiadora Dora Barrancos, referência em história das mulheres argentinas, em seu livro *Mujeres en la sociedad argentina: una historia de cinco siglos* (2007), no capítulo “*Transiciones: el acceso a los derechos políticos y sociales de las mujeres*” faz uma análise, a partir dos anos trinta, a respeito dos fracassos do sufrágio feminino e do divórcio, temas caros ao peronismo que estava em construção. Discute também sobre grupos e associações de ação feminina ou feminista de diferentes ideias políticas que atuaram no cenário político. O capítulo avança até os anos do primeiro peronismo discutindo a experiência da militância feminina e o papel de Eva Perón, assim como os embates da ala conservadora, em termos de gênero, em relação a promoção e participação política das mulheres na organização partidária.

Segundo Alexandre Karsburg (2015) a biografia e o estudo de trajetórias, antes de se oporem, possuem dois pontos que se complementam, sendo que o primeiro “é investigar o lugar do indivíduo no mundo, restituí-lo ao seu tempo histórico para perceber que recursos estão ao alcance e como são utilizados para minimizar as incertezas da vida; como resultado dessa observação do historiador se chega ao segundo ponto: ‘todo indivíduo só vale por aquilo que o singulariza’”. (KARSBURG, 2015, p. 48). Nesse sentido, ao analisar e apresentar a trajetória de Isabel, sem focar exclusivamente nos motivos que a fizeram ser deposta, mas colocando-a em seu lugar como sujeito histórico com seus defeitos e virtudes, faz com que possamos enxergar a figura singular que ela representou naquele momento.

No que diz respeito à concepção de poder, o estudo de Max Weber (1999) sobre as estruturas e funcionamento da dominação, sobretudo o conceito de poder carismático, serviu para elaborar algumas hipóteses sobre a atuação de Isabel diante do desafio de governar o país naquele contexto. Segundo Weber, o poder carismático está na dedicação afetiva à pessoa do chefe (líder) e as pessoas que lhe prestam obediência são seus discípulos. Já Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Pasquino Gianfranco no *Dicionário de Política* (2010) definem poder em seu significado mais geral como “a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais”. (BOBBIO; MATECCCI; GIANFRANCO, 2010, p.933). Dessa forma, creio que se faz oportuno a incorporação sobre as relações entre gênero, trajetória e para uma melhor compreensão do papel de Isabel na história argentina recente.

Partindo dessas considerações, este trabalho visa propor um estudo sobre a trajetória de María Estela Martínez, a Isabel, e o papel político que desempenhou ao lado de Perón como vice e, posteriormente, presidente, em uma perspectiva que pretende abranger sua escala de poder. A proposta foi no intuito de fazer uma releitura sobre sua trajetória, pois mesmo se tratando da primeira mulher a chegar ao maior posto político da Argentina, acaba sendo esquecida ou “lembrada” em chave muito crítica/negativa. Acredito que esse tipo de abordagem possa estimular uma reapropriação de sua memória e talvez sua figura possa ganhar novo interesse para ser explorado com maior atenção e pluralidade.

Certamente há de se considerar que busco discutir uma realidade distinta da vivida no Brasil, uma vez que a Argentina é um país com características políticas singulares.⁶ Nesse sentido, a proposta merece uma interpretação de acordo com as práticas daquele país. Por ter sido a primeira mulher a ocupar a presidência da república na Argentina em um momento difícil em que o país chorava a morte de seu líder, procurei dissertar como se deu o apoio da extrema-direita do peronismo e de parte da esfera sindical, assim como, as estigmatizações e as “acusações” que sofreu por tentar ser uma nova Evita. A oposição de setores de esquerda de seu próprio partido quanto à sua escolha para o cargo e a reprovação de seu governo também será abordado. Tratei sobre algumas de suas polêmicas estratégias de sobrevivência política no conturbado cenário argentino dos anos setenta, o período em que esteve no poder como vice (1973-1974) e, posteriormente, como presidente (1974-1976).

Para esta pesquisa foram utilizadas como fonte principal revistas argentinas publicadas por grupos antagônicos do peronismo durante os anos setenta. A *Organización Político-Militar Montoneros* (OPM-Montoneros), que reunia militantes da esquerda peronista, editou sistematicamente as revistas *El Descamisado*, *El Peronista Lucha por la Liberación*, *La Causa Peronista* e *Evita Montonera*, as quais faziam críticas quanto a escolha de Perón para que sua esposa o acompanhasse na chapa que o elegeu em 1973 e, quando assumiu como presidente, desaprovavam medidas adotadas em seu governo, consideradas como antiperonistas. Irei me referir a essas publicações como revistas montoneras.

Também foram analisados os números da revista *El Caudillo de la Tercera Posición*⁷, porta-voz da extrema-direita do Movimento Peronista, a qual defendia o governo de Isabel Perón e possuía o respaldo de grupos fascistas como a *Juventud Peronista de la República Argentina* (La Jotaperra), *Juventud Sindical Peronista* (JSP) e do grupo parapolicial conhecido como *Alianza Anticomunista Argentina* (Triple A ou Tres A), entre outros. A revista era financiada pelo *Ministerio de Bienestar Social*, comandado pelo polêmico José López Rega, *el Brujo*.

⁶ Cito o fato de, por exemplo, o próprio peronismo se perpetuar e se reinventar ao longo dos anos sendo capaz de condensar forças bastante heterogêneas em suas fileiras ao ponto de, nos anos setenta, ter alcançado o ápice de sua divisão, entrando em um enfrentamento ideológico que acabou gerando um dos períodos de maior violência do país. (LARRAQUY, 2017).

⁷ Irei me referir a publicação apenas como “*El Caudillo*”. O termo *Tercera Posición* (Terceira Posição), parte do título da revista, sintetizava as coordenadas doutrinárias do grupo. Era como Perón se referia a doutrina *Justicialista*: nem comunista, nem capitalista.

O uso das revistas montoneras e de *El Caudillo* como fonte principal se justifica pelo fato de não ter sido encontrado nenhum trabalho que trate da temática proposta a partir da análise dessas publicações. Os trabalhos de María Clara Iribarne (2015) e Juan Luis Besoky (2010) discutem sobre o antagonismo de uma cultura política dividida entre grupos de esquerda e de extrema-direita que entraram em confronto no contexto em que Isabel está inserida. Portanto, o uso dessas revistas, complementada pela bibliografia sobre o tema, servirá para comparar visões distintas sobre o que representava para os diferentes setores do peronismo a presidência de esposa de Perón.

A primeira das publicações sistemáticas dos *Montoneros* foi *El Descamisado* com um total de 47 números publicados entre maio de 1973 e abril de 1974. Após esta ser censurada pelo governo, a revista *El Peronista Lucha por la Liberación* foi sua continuação e contou apenas com 6 exemplares. Logo em seguida apareceu *La Causa Peronista* com 9 edições publicadas, cujo formato, estética e discursos eram semelhantes a *El Descamisado*. A última e mais longeva de todas foi a revista *Evita Montonera*, publicada clandestinamente entre 1975 e 1979, com tiragens mensais ou bimestrais e que nos últimos anos de circulação editava-se quando era possível, teve 25 números. Já o semanário *El Caudillo* publicou 73 edições que circularam pelos quiosques de Buenos Aires de maneira quase regular de novembro de 1973 a dezembro de 1975, ano em que seus responsáveis fugiram do país.

Quanto a metodologia, foi empregada nessa pesquisa a proposta da historiadora Tânia de Luca de como utilizar textos da imprensa escrita, pois a principal fonte analisada foram as revistas da militância peronista publicadas durante o governo de Isabel, como vice e depois presidente. O acesso a essas fontes foi possível graças a um projeto de estudantes de Ciência Política da *Universidad de Buenos Aires* (UBA) que digitalizaram as coleções e disponibilizaram através do site *Ruinas Digitales*.⁸ Algumas revistas também estão disponíveis no site *El Topo Blindado*, do *Centro de Documentación de las Organizaciones Político-Militares Argentinas*.⁹ O foco concentrou-se nos textos das capas e editoriais, porém, também foram exploradas seções e matérias que abordam assuntos sobre a atuação de Isabel e as reações dos militantes sobre acontecimentos ligados as decisões do governo que não estavam presentes nos editoriais.

⁸ <https://ruinasdigitales.com/>

⁹ <https://eltopoblindado.com/agrupaciones/opm-peronistas/montoneros/montoneros-prensa/>

De acordo com Tânia de Luca “o impresso revista merece ser analisado com vagar” (LUCA, 2011, p.121), pois faz-se necessário analisar diferentes aspectos, tais como: periodicidade, impressão, uso/ausência de iconografia e de publicidade, organização interna do conteúdo, público leitor, grupo responsável pela publicação, entre outros. As publicações analisadas tinham cunho político, saíam semanalmente, - exceto *Evita Montonera* - e possuíam um público específico, direcionado à setores da juventude peronista. A autora chama a atenção para a percepção da perspectiva política e cultural que se faz presente através das páginas de uma revista, assim como seus embates ideológicos, o que é explícito nas revistas montoneras e *El Caudillo*, assim como o confronto entre a direita e a esquerda do Movimento através de suas capas e editoriais.

De Luca (2011) considera importante dar atenção para a materialidade desses impressos, o que é extremamente pertinente às fontes desta pesquisa. As revistas *El Descamisado*, *El Peronista*, *La Causa Peronista* e *El Caudillo* possuem aspecto semelhante na estética e diagramação de suas capas, trazendo títulos com letras “garrafais” e ausência quase total de imagens além de editoriais em duas páginas. Já *Evita Montonera* apresenta, majoritariamente, fotografias em suas capas e editoriais mais curtos. Diferentemente de suas antecessoras, era redatada diretamente pela cúpula da direção dos *Montoneros* e a publicação considerava-se o “órgão oficial” do grupo. As revistas eram vendidas em quiosques da Capital Federal, embora seja provável que tenham circulado também no interior do país a julgar por suas coberturas jornalísticas nas províncias. (IRIBARNE, 2015).

Sobre a presença de objetividade ou neutralidade, Tânia de Luca alerta para a análise das motivações que levaram a decisão de publicar determinados impressos e a intenção de seus idealizadores. No caso das revistas em questão, serviam de ferramenta de divulgação e orientações da condução, formação dos quadros militantes, propaganda e meio alternativo de informação devido a censura a alguns veículos de comunicação, inclusive de publicações ligadas ao peronismo. *El Caudillo* nunca foi censurada e publicava chamadas “*solicitadas*” que, em sua totalidade, eram pagas pelo *Ministerio de Bienestar Social* e pela *Unión Obrera Metalúrgica* (UOM).

Por fim, atentei para os discursos presentes e o uso de linguagem específica de cada publicação. Para tanto, utilizei os elementos apresentados para a análise do discurso proposto pela cientista política Céli Pinto (2006), no qual entende-se que

qualquer cidadão pode enunciar o discurso político e não somente indivíduos investidos em cargos eletivos. Da mesma forma, salienta Patrick Charaudeau ao afirmar que “qualquer enunciado por mais inocente que seja, pode ter um sentido político a partir do momento em que a situação o autorizar”. (CHARAUDEAU, 2008, p. 39). Todos os impressos possuíam caráter militante e coube explorar os discursos presentes tanto em suas capas, editoriais e alguns artigos, a partir da perspectiva da análise do discurso político, em busca de uma nova leitura sobre Isabel e sua atuação.

Para completar algumas lacunas, utilizei fontes de apoio como outras publicações da militância peronista, entre as quais: *Patria Peronista*¹⁰ (1974-1976) publicação quinzenal de direita e defensora do governo de Isabel Perón; *Militancia Peronista* (1973-1974) ligada ao peronismo de esquerda e a revista *Movimiento* (1974) órgão da *Juventud Peronista Lealtad*, grupo dissidente dos *Montoneros* e que funcionava como uma espécie de intermediário ideológico das publicações da direita e da esquerda peronista. Todas estão disponíveis no portal *Ruinas Digitales*.

Foram consultados também jornais argentinos alternativos da esquerda peronista *Noticias* (1973-1974) e *Izquierda Popular* (1972-1976) e, da direita, *Alianza* (1963-1973), bem como as revistas brasileiras *Manchete* (1965-1973), *O Cruzeiro* (1965-1973) e alguns jornais brasileiros do período estudado disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.¹¹ Periódicos da grande mídia argentina como *La Opinión*, *La Razón*, *Clarín* e *La Nación* também tiveram números específicos consultados. A escolha desses jornais serviu para confrontar com as demais fontes e verificar como era representada e noticiada as conjunturas política, econômica e social da Argentina através da imprensa escrita durante os governos de Perón e, posteriormente, de sua vice e sucessora, Isabel.

Sobre a produção historiográfica em relação à figura de Isabel, se comparada aos estudos sobre o papel político de Evita, pode-se dizer que ainda é escassa, pois há certa resistência em falar de um período tão complexo, contraditório e difícil de explicar, já que diz respeito a uma personagem bastante negada e estigmatizada. Por mais que seja correto afirmar que o governo peronista (1973-1976) iniciou um terrorismo de Estado, o qual foi institucionalizado pelas juntas militares, é preciso explorar além dessa perspectiva para que possamos compreender o que significava

¹⁰ Infelizmente a coleção não está completa.

¹¹ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

para o peronismo dividido dos anos setenta, assim como para os diversos setores da sociedade argentina, a presença da mulher de Perón na presidência. Alguns autores sustentam que sua aparição na cena política, em 1965, precipitou a divisão no interior do peronismo. O período no qual Isabel atuou marcou outro cenário: as mulheres, em geral, ocuparam pouquíssimos espaços na política, constituindo uma notável queda no número de cargos. A mulher na política passou a ser naquele momento, então, sinônimo de Isabel Perón.¹²

A viúva de Perón é uma personagem incômoda, a qual não somente a historiografia parece deixar de lado, mas principalmente boa parcela do povo argentino. Esse desprezo que sofreu e (ainda) sofre pode ser verificado na ausência de seu busto na *Galería de los Bustos Presidenciales* da Casa Rosada como forma de ignorar sua presidência. Considerando a história recente da Argentina, a ex-presidente peronista Cristina Kirchner, não lhe recordava em seus discursos, como fazia com a figura de Evita, quando mencionava a importância da mulher na política. Eva era sempre lembrada e Isabel, nunca referenciada.

A partir dos trabalhos de María Sáenz Quesada, foi possível conhecer um pouco melhor a trajetória de Isabel. Em 2003, a historiadora publicou o livro *Isabel Perón: la Argentina en los años de María Estela Martínez*, entrando na biografia da primeira mulher presidente constitucional da Argentina e a maneira pela qual os próprios argentinos, em sua grande maioria, ridicularizam este período como forma de esquecê-lo. Seu segundo livro sobre Isabel foi publicado em 2016, *La primera presidenta. Isabel Perón: una mujer en la tormenta*. Trata-se de uma versão mais detalhada de seu primeiro livro, no qual a autora traz os acontecimentos desde o encontro de Isabel com Perón no Panamá e suas várias versões apoiadas em entrevistas e depoimentos de pessoas ligadas ao casal. Temas como o regresso de Perón e o fracasso de sua terceira presidência, assim como a recusa em falar dos *Montoneros*, os quais idealizavam que o velho líder pudesse fazer a revolução, também são analisados. Surgem questionamentos de como a sociedade argentina foi capaz de eleger a chapa Perón-Isabel Perón, sabendo que o estado de saúde do

¹² No entanto, apesar da conotação negativa desta relação, a cultura política argentina não podia apagar o legado deixado por numerosas mulheres que ocuparam distintos níveis de representação na política. Durante o governo de Raúl Alfonsín (1983-1989) foi criada a *Dirección Nacional de la Mujer*, adquirindo novos ares durante a presidência do peronista Carlos Menem (1989-1999) que instituiu o *Consejo Nacional de la Mujer*, órgão que desempenhou um importante papel para a aprovação da lei de cotas para mulheres no parlamento. Posteriormente, com possibilidades reais de inclusão das mulheres na política, o mesmo foi feito nas províncias. Na esfera sindical também foi aprovada uma lei similar.

general era delicado. A historiadora defende que Isabel reunia em sua pessoa muitas das contradições desta sociedade.

Após ser deposto por um golpe militar em 1955, Perón exilou-se em alguns países da América Latina (quando conheceu Isabel) antes de fixar residência na Espanha de Franco, retornando à Argentina após quase dezoito anos. Seu regresso foi preparado sob o comando do *el tío* Hector J. Cámpora através da *Frente Justicialista de Liberación* (FREJULI) que recebia instruções do próprio Perón no exílio. Em *Como cumpli el mandato de Perón* (1975), Cámpora revela de que maneira se deu o retorno de Perón ao poder - quando desempenhava a função de delegado pessoal na Argentina - como desenvolveu seu mandato, reorganizando o *Partido Justicialista* e preparando a Argentina para receber o maior líder do Movimento.

O período excepcional no qual os argentinos viveram entre 1973 e 1976, é investigado por Horacio Chitarroni Maceyra em *Cámpora / Perón / Isabel* (2004) registrando o regresso definitivo de Perón e os quarenta e nove dias do governo de Cámpora, as agitações da *Juventud Peronista* e o embate entre os militantes, a atividade sindical, a terceira presidência de Perón e sua morte, assim como a sucessão de Isabel ao poder e a influência que exercia dentro do governo o ministro de *Bienestar Social*, José López Rega. O autor conclui que as presidências de Cámpora, Perón e Isabel foram marcadas por combates sangrentos, problemas econômicos com uma sucessão de fatos nunca vistos antes no país.

Julio González foi uma testemunha histórica deste período, principalmente quando passou a exercer o cargo de secretário técnico da presidência, secretário privado e homem de confiança da presidente Isabel Perón após a saída de López Rega do país. González foi o único civil que a acompanhou no helicóptero quando a “raptaram” da Casa Rosada em 24 de março de 1976. Durante sua prisão, que durou sete anos, escreveu o livro *Isabel Perón: intimidades de un gobierno* (2007). O autor traz suas memórias durante a presidência desde 1973 até os primeiros meses de 1976 mostrando documentos essenciais, como o *ultimatum* das Forças Armadas, além de examinar o perfil de alguns políticos, homens da Igreja, sindicalistas e militares que estiveram ligados ao golpe que derrubou Isabel. Certamente esta é uma obra importante para se compreender o peronismo dos anos setenta, assim como o livro de Rodolfo Terragno, *El peronismo de los 70: camino a la dictadura*

(2005), escrito em 1977, quando esteve exilado na Venezuela durante a ditadura de Jorge Rafael Videla.

Em *Las muchachas peronistas* (2009), Jorge Halperín faz uma importante análise sobre o papel das mulheres no poder, evidenciando as peronistas de maior relevância: Eva, Isabel e Cristina Kirchner. O autor discute o ódio que sofreram essas mulheres por terem chegado a um posto majoritariamente masculino, no caso de Isabel e Cristina, e de Eva por sua influência no governo, assim como, outra figura feminina bastante cultuada pelos peronistas: Encarnación Ezcurra, esposa do caudilho Juan Manuel de Rosas. Halperín chega a defender que Encarnación desempenhou um papel muito mais importante do que Eva Perón em questões políticas. Não é por acaso que a figura de Rosas estará referenciada na revista *El Caudillo* comparando-o a Perón como exemplo de liderança. Controvérsias a parte, o livro merece atenção por se tratar de uma obra que analisa, mesmo que de maneira pouco aprofundada, as mulheres em postos de comando e poder real.

Como já foi mencionado anteriormente, o terrorismo de Estado começou a ser praticado na Argentina antes da chegada de Videla ao poder. Já nos anos sessenta e início dos setenta surgiram as guerrilhas urbanas ao mesmo tempo em que se formaram grupos de direita que pregavam a aniquilação dos “infiltrados”. Com a morte de Perón, a violência praticada pelo grupo parapolicial *Alianza Anticomunista Argentina*, a *Triple A*, comandada pelos setores de extrema-direita do peronismo e com o apadrinhamento de López Rega, abriu caminho para uma época de perseguições e assassinatos diários pelas ruas do país. Sobre esse tema, em *López Rega. El peronismo y la Triple A* (2007), Marcelo Larraquy faz um apanhado do período, discutindo a atuação do grupo e a aprovação da presidente, que anos mais tarde foi processada por crimes de lesa humanidade.

Em *Intrigas, alianzas y traiciones: el detrás de nuestra democracia* (2016), no primeiro capítulo “*Peronismo: lo que me confesó Isabel Perón*”, o jornalista Gustavo Sylvestre a entrevistou para o Canal 13, durante uma de suas curtas estadias em Buenos Aires. A ex-presidente dos argentinos, que vive exilada na Espanha desde 1981, regressou à Argentina em 1983 quando foi convidada pelo presidente recém-eleito Raúl Alfonsín para que participasse da sua cerimônia de posse. Voltaria outras vezes ao país, talvez com a ideia de retornar à atividade política. No entanto, quando o país era governado pelo peronista Carlos Menem (1989-1999), com quem teve uma boa relação no passado, mas que preferiu afastar-se quando a democracia

foi restabelecida, percebeu que sua presença nunca foi reivindicada na Argentina, nem mesmo pelos peronistas que eram governo naquele momento, sendo que praticamente ignoraram sua ida ao país.

Já Diego Mazzieri, autor do livro *Ni yankis, ni marxistas ¡Peronistas!* (2011), em uma obra pesada e extensa, discute a legitimidade de seu governo a partir de uma perspectiva pró Isabel enquanto “chefe espiritual do Movimento Nacional Peronista”. Para o autor, os *gorilas* (como são conhecidos militares golpistas ou pessoas que possuem uma postura antiperonista) e os infiltrados (militantes de esquerda e/ou marxistas) foram os artífices da retirada da esposa de Perón da presidência. Mazzieri faz parte do referido Movimento e, anualmente, no mês de fevereiro em comemoração ao aniversário de Isabel, o grupo coloca na *Plaza de Mayo* uma placa em homenagem a ex-presidente e entoam as estrofes da famosa *Marcha Peronista*.¹³ A obra pode ser considerada isenta de imparcialidade, mas fornece alguns documentos importantes para analisar o período.

Juan Yofre publicou dois livros que se complementam: *“Nadie fue”: crónica, documentos y testimonios de los últimos meses, días y horas de Isabel Perón en el poder* (2008) e, mais recentemente, *1976. La conspiración. 24 de marzo. Civiles y militares en el día que cambió la Argentina* (2016). Neste último, Yofre apresenta documentos desconhecidos e testemunhos que possibilitam questionar as atuações de Isabel, López Rega, Mario Firmenich (líder montonero), almirante Emilio Massera, general Jorge Videla e outros personagens menores que ajudam a montar o quebra-cabeças da trama que se armou para tirar a presidente do governo. Esses livros, entretanto, limitam-se aos momentos finais de Isabel no poder, não trazendo elementos de sua vida antes de sua ascensão, fazendo com que o livro integre o estilo de “obras-padrão” sobre a presidente, ou seja, reduzindo sua atuação ao período prévio em que foi destituída do cargo.

Embora as obras sobre Isabel Perón sejam em menor número do que as sobre Evita, a bibliografia disponível sobre o peronismo é bastante ampla. Há outros trabalhos que aqui não foram citados, mas estão incorporados na bibliografia e ajudaram a compor esta pesquisa. Constatei que existe ao menos uma dissertação sobre Isabel produzida por Marina Maria de Lira Rocha (2011) que, no entanto, analisa somente os discursos sobre violência nos últimos meses do governo de

¹³ Principal marcha partidária do *Justicialismo* que ao longo dos anos sofreu adaptações como, por exemplo, durante as campanhas presidenciais de Néstor e Cristina Kirchner nos anos 2000.

Isabel, assim como a “Tesis de Licenciatura” de María Celeste Napal (2012) e o artigo de Alicia Servetto e Melisa Paiaro (2013). Ressalto que estes são trabalhos limitados a análise dos discursos proferidos por Isabel para legitimar a violência no país e não trazem uma discussão aprofundada sobre sua atuação enquanto primeira mulher a ocupar a presidência.

Sendo assim, até o presente momento, não foi encontrado nenhum trabalho que trate da trajetória Isabel colocando-a como um agente histórico de relevância para se compreender aquela difícil conjuntura da Argentina dos anos setenta. Embora a influência de López Rega¹⁴ seja incontestável, faz-se necessário refletir sobre a consciência de Isabel em relação à posição que ocupava e não a colocar sempre como uma coadjuvante da própria história. Destaco minha compreensão do desafio de pôr em perspectiva o papel de Isabel devido ao volume de estigmatizações que sofreu. Contudo, como historiadora, creio que seja exatamente um dos aspectos de minha função social e profissional.

Tendo posto essas considerações iniciais, o trabalho está composto de três partes, as quais foram pensadas de maneira a apresentar ao leitor a trajetória de Isabel inserida na complexidade do peronismo como uma corrente política e cultural presente na Argentina até hoje. Busquei discutir as origens e as ambiguidades do Movimento Peronista incorporando a história pública e privada de Isabel antes, durante e depois de Perón. Destaco o importante papel que desempenhou na articulação política na Argentina ao apresentar-se como a “mensageira de Perón” nos anos sessenta e a aparição do controverso *brujo* José Lopez Rega. Em alguns episódios, faço uso do que Clifford Geertz chamou de “descrição densa”, a qual Burke considera como um tipo de narrativa, cuja densidade serve para lidar “não apenas com a sequência dos acontecimentos e das intenções conscientes dos atores nesses acontecimentos, mas também com as estruturas”. (BURKE, 2011, p.347).

A leitura feita pela imprensa montonera sobre a figura de Isabel era completamente diferente da explicitada na publicação da extrema-direita peronista. Suas capas e editoriais evidenciavam o enfrentamento direto através de discursos de rejeição ou de apoio, os quais marcaram o período em que a esposa de Perón esteve no poder. Procurei refletir sobre algumas das razões pelas quais Isabel,

¹⁴ Personagem central na discussão sobre o governo de Isabel, o qual será abordado, principalmente, no segundo e terceiro capítulo.

apesar de ter sido a primeira mulher a ocupar a presidência, é negada e esquecida por boa parte dos argentinos. Levanto algumas versões e hipóteses que levaram Perón a escolhê-la para estar a seu lado nas eleições de 1973 mesmo existindo uma ala dentro do partido fortemente contrária a essa alternativa.

A ascensão de grupos fascistas sob a bandeira do peronismo e a difusão de uma publicação como *El Caudillo* que ao exaltar a figura de Isabel como a herdeira política de Perón e defender a legitimidade de seu governo ao mesmo tempo em que ameaçava de morte os “infiltrados”, “marxistas”, “traidores”, cujos crimes eram praticados pelo braço armado do peronismo de direita *Alianza Anticomunista Argentina*, a *Triple A*, contava com pleno aval da presidente foi um fator significativo para que sua figura fosse associada à ditadura e a repressão. Dessa forma, busquei trazer uma nova leitura sobre o papel político de Isabel levando em consideração o contexto em que estava inserida, destacando pontos que, por vezes, não são ponderados antes do julgamento que fizeram de sua atuação como presidente, por ser mulher e por ter assumido a missão de conduzir o país ao invés de desistir mesmo sabendo que não contava com o apoio de totalidade dos peronistas.

Portanto, pensar na trajetória de Isabel, não apenas como a mulher que assumiu a presidência em decorrência do falecimento de seu esposo, mas considerá-la como um agente histórico importante de sua época, poderá favorecer o entendimento de como funcionava a estrutura da sociedade argentina e como a esposa de Perón foi julgada, aceita e rejeitada através do papel político que desempenhou em um conturbado cenário, no qual boa parte da América Latina estava sob ditaduras militares. A interpretação das fontes, isto é, das revistas antagônicas da militância peronista, permitiu uma análise distinta de grande parte da historiografia que a desconsidera como um ator político de valor e talvez instigue uma compreensão nova de seu governo e de como a divisão do partido favoreceu para que surgissem visões opostas sobre exercício de suas funções políticas estando à frente da presidência.

Esse período da história necessita ser discutido através de outro viés, ou seja, dar a Isabel seu lugar na história e buscar, a partir do estudo de sua trajetória, sua agência e escala de poder para que, assim, possamos buscar novas interpretações de seu desempenho como presidente e mostrar a variedade de caminhos que lhe foram abertos e a importância e consequências das escolhas feitas. Por fim, ao me propor a investigar como deu-se o apoio e a rejeição do seu governo dentro das

fileiras do peronismo, fica evidente o desafio de analisar de forma aprofundada o que significou a presidência de uma mulher como Isabel Perón ao tentar desvelar sua atuação frente ao multifacetado contexto em que estava inserida essa tão estigmatizada *muchacha peronista*.

CAPÍTULO 1

“LA MEJOR ALUMNA”: OS ANOS DE PREPARAÇÃO POLÍTICA DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ

“No pocos piensan que esa figurita obligadamente decorativa, que suele acompañar al General a toda hora, primero como su secretaria particular, y, muy luego, como su inspiración más íntima, su sombra inseparable, su paño de lágrimas, no se conforma con el rol transitorio que se le ha reservado.”

ENRIQUE PAVÓN PEREYRA (1981).

1.1. PERONISMO: A COMPLEXIDADE DE UMA CORRENTE POLÍTICA E CULTURAL

Os traços característicos de uma cultura ou de uma ideologia nacional, às vezes, parecem referir-se, como ressalta Neiburg (1997), não tanto a um consenso sobre seu conteúdo quanto a um certo acordo em reconhecê-lo como objeto legítimo de polêmica. Aos que conhecem minimamente a cultura e a sociedade argentina sabem que isso ocorre em vários sentidos quando invocados pela palavra “peronismo”. Esse é um fenômeno tipicamente argentino, visto que o peronismo remete à figura do coronel Juan Domingo Perón, eleito três vezes presidente da Argentina, fundador e líder histórico dessa corrente política, também conhecida como *Justicialismo* - referência implícita a justiça social, elemento central da doutrina política de Perón.

Após o golpe de Estado de 1943, do qual Perón participou e ocupou os cargos de Secretário do Trabalho, Ministro de Guerra e vice-presidente, o então coronel foi sendo identificado como “homem forte” do novo governo que pôs fim a chamada “década infame”.¹⁵ (NEIBURG, 1997). As políticas econômicas propiciadas pelos conservadores durante a década de 1930 favoreciam os grandes estancieiros e

Antes do advento do peronismo, a Argentina tinha um regime semiliberal, que oferecia à classe média uma ampla participação política através da *Unión Cívica Radical*, e às camadas superiores da classe operária através dos partidos socialistas e comunistas bem

¹⁵ Período iniciado com o golpe de Estado em 1930 contra o presidente Hipólito Yrigoyen por José Félix Uriburu e terminou em 1943 com um novo golpe que derrubou o presidente Ramón Castillo. Essa década foi marcada pela fraude eleitoral sistemática, repressão aos opositores, corrupção generalizada e pela proscrição da *Unión Cívica Radical* (UCR).

como os sindicatos. O golpe militar de 1943, nitidamente fascista, suprimiu qualquer oposição, alienou os intelectuais, mas conseguiu, literalmente, sob a liderança de Perón, reunir com componentes de uma coligação populista. Os sindicatos de elite foram forçados a se transformar em sindicatos de massa, sendo-lhes dada organização e recursos financeiros mais fortes. Algumas importantes reformas sociais foram decretadas. (DI TELLA, 1983, p.354).

Segundo Romero (2006), Perón se destacou entre seus colegas por sua capacidade profissional, por sua amplitude de visão política e por sua forma perspicaz a qual se dedicou a um ator social até então pouco levado em consideração: o movimento operário. Quando esteve à frente da *Secretaria de Trabajo*, dedicou-se a criar vínculos sindicais ouvindo as reivindicações dos trabalhadores e atendendo a algumas, tais como a ampliação do regime de aposentadoria, férias remuneradas, ajuste de categorias profissionais, implantação do Estatuto de Peão, que estendeu ao trabalhador rural os direitos trabalhistas. Fazendo um paralelo com o Brasil, Perón baseou-se no modelo que Getúlio Vargas havia utilizado.

O exército, pressionado pela opinião pública e pela desconfiança de que Perón se parecia mais a um populista de farda, - pois sua relação com o sindicalismo não agradava - forçou sua renúncia no dia 8 de outubro de 1945. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a consequentemente vitória dos Aliados no confronto, setores liberal-democráticos pressionavam pelo término da ditadura de 1943 e o retorno do governo constitucional. Perón foi levado preso à Ilha de *Martín García* e no dia 17 do mesmo mês uma multidão compareceu à *Plaza de Mayo* exigindo sua liberdade e a restituição dos cargos que ocupava no governo. Romero (2006) afirma que o número de pessoas não foi tão importante quanto sua composição definitivamente operária. O dia 17 de outubro ficaria conhecido e comemorado nos anos que se seguiram como “*El día de la Lealtad*”, celebrado até hoje pelos peronistas.

Os dirigentes sindicais fortalecidos pela mobilização de outubro criaram o *Partido Laborista*¹⁶ (Trabalhista), inspirado no que acabara de triunfar na Inglaterra. Perón foi, então, escolhido como candidato à presidência para as eleições de fevereiro de 1946 em uma frente heterogênea integrado com partidos criados apressadamente para tal fim. Na busca de outras bases de sustentação fora do mundo do trabalho, Perón promoveu uma cisão na *UCR – Junta Renovadora*,

¹⁶ Seus principais líderes e impulsionadores foram Cipriano Reyes, Luis Gay y María Roldán.

escolhendo Hortensio Quijano para ser seu vice. Perón saiu vitorioso, sendo eleito presidente da Argentina pela primeira vez, mas o peronismo não estava consolidado e ainda viria a ser construído ao longo dos anos.

Logo após o triunfo eleitoral, Perón propôs dissolver os partidos políticos e fundi-los em um só: o *Partido Peronista*, o que ocorreu em 1947 com esses partidos anteriores os quais se reconheciam como peronistas (contou com uma ala feminina, o *Partido Peronista Femenino* (PPF), conduzido por sua esposa, Eva Perón, em 1949). “Con el nombre de ‘Partido Peronista’ queda definitivamente organizado el Movimiento de la Revolución Nacional...’. Con estas palabras comenzaba la Carta Orgánica sancionada por los congresales de la organización en diciembre de 1947”. (AELO, 2016, p.604).

De acordo com o antropólogo Alejandro Grimson (2019), para entender as origens do peronismo é necessário compreender os pontos de vista dos atores que dele participam, mas também é preciso ter em conta de que não explicará tudo. Para ele, existem três princípios básicos das ciências sociais para analisar os processos políticos que nem sempre são projetados sobre o peronismo. O primeiro deles é sobre a questão de que não existe nenhum dado social que não seja relacional, isto é, para entender o peronismo é necessário relacioná-lo a outra coisa, neste caso, ao antiperonismo. Desde 1945 um não existiu sem o outro e, portanto, são uma relação.

O segundo princípio diz respeito aos processos sociais e culturais que são constitutivamente heterogêneos. O autor afirma que quanto mais o desconhecemos, mais homogêneo eles se parecem. Porém, quando olhamos com menor distância, menos uniformes eles se apresentam. O peronismo não é uniforme, é preciso captar sua heterogeneidade, ou seja, os vários peronismos existentes.¹⁷ E, por fim, não há fato político que não seja histórico. O peronismo, assim como o liberalismo ou comunismo, por exemplo, não são uma coisa somente, mas tem sido coisas diferentes, associadas a atores distintos e que tem produzido consequências específicas em situações históricas muito distintas. Faz-se necessário entender que as circunstâncias históricas são cruciais.

¹⁷ Alejandro Horowicz no livro *Los cuatro peronismos* (2011), discute as mutações do peronismo ao longo de seis décadas e como foi desde à centro-esquerda, à centro-direita e à direita, abrigou *Montoneros* e a *Triple A*, foi defensor do Estado de Bem-Estar Social, bem como o desmontou.

Nesse caso, o peronismo parece impossível de ser entendido, pois parece muito complexo pensar em termos históricos, relacionais e levar em consideração suas heterogeneidades. Como, por exemplo, o peronismo de 1945 (ano de sua ascensão) já não é o mesmo de 1955 (quando Perón é deposto pelos militares da *Revolución Libertadora*), e está ainda mais distante do de 1973 (com seu retorno do exílio de quase duas décadas), isso sem levar em consideração os anos 90 com o Menenismo e o início dos anos 2000 com o Kirchnerismo. Convém explicitar também que o peronismo é tanto uma consequência de um processo muito sedimentado na cultura política argentina como fator decisivo em sua conformação em distintos momentos da história do país desde 1945. (BALBI, 2007).

Dessa forma, podemos dizer que o *Partido Justicialista* (PJ)¹⁸ é a atual expressão institucional de uma ampla corrente política originária da década de 1940 e conhecida como “peronismo” ou “justicialismo”. Entendido como uma tendência política complexa refletida parcialmente por uma ampla variedade de organizações partidárias e não partidárias, o peronismo há mais de setenta anos atua no centro da política da Argentina, sendo uma tendência heterogênea que o PJ expressa de maneira integral. (BALBI, 2007). Não alheio a toda essa complexidade institucional, os peronistas se consideram, antes de adeptos de um partido político, como membros do “Movimento Peronista” ou “justicialista” ou mais formalmente como “Movimento Nacional Justicialista”.

Entre 1955 e 1973 a vida política nacional gravitou em torno da proscrição e o exílio de Perón, da exclusão do peronismo no plano eleitoral com uma larga sucessão de governos militares e de fracos governos radicais (da UCR) eleitos em votações minoritárias. (BALBI, 2007). Durante este período, os peronistas protagonizaram ações de sabotagem, formação de guerrilhas e grupos armados, cujo enfrentamento na década de 1970 somou-se a uma violência tradicionalmente imposta pelos militares e preparou o terreno para o último golpe de estado em março de 1976 acabando com um curto ciclo do peronismo frente à presidência do país. (KANDEL; MONTEVERDE, 1976).

Foi nesse período que o Movimento sofreu uma cisão significativa entre “leales y traidores”, em outras palavras, entre aqueles que defendiam um peronismo com ideais socialistas e anti-imperialistas e aqueles que queriam seguir a *Tercera*

¹⁸ Quando a ditadura de Lanusse, em 1972, proibiu o uso de sobrenome nos partidos políticos, se fundou o Partido Justicialista de viés peronista.

*Posición Justicialista*¹⁹ (nem capitalista, nem socialista) o qual agrupou militantes da chamada *Burocracia Sindical*, também conhecidos como peronistas ortodoxos, com clara inclinação à direita. A *Juventud Peronista* (JP), que sonhava com um projeto socialista encabeçado por Perón, estava agrupada na Organização Político-Militar *Montoneros*. Já os adeptos à ortodoxia peronista reuniam-se sob diversos grupos, tais como: *Juventud Peronista de la República Argentina* (JPRA), *Comando de Organización* (CdeO), *Concentración Nacional Universitaria* (CNU) e na temida *Alianza Anticomunista Argentina* (*Triple A*), braço armado da direita peronista. (BESOKY, 2016).

Essas divisões dentro do Movimento mostram sua complexidade e, para exemplificar, participaram dele personalidades como Carlos Menem, Néstor e Cristina Kirchner, Rodolfo Walsh, José López Rega, Evita, Isabel, indivíduos que demonstram o caráter contraditório e incompreensível do peronismo. Para a maioria dos peronistas os nomes de López Rega (Ministro de Perón e Isabel, chefe da *Triple A*), Menem (presidente entre 1989 e 1999, defensor de políticas neoliberais) e Isabel são repudiáveis, enquanto o nome de Evita é unanimidade entre eles. Grimson (2019) afirma que o peronismo é uma identidade política popular mais persistente no país e que hoje possui mais persuasão do que palavras como “comunismo” ou “liberalismo”. Desde sua aparição no cenário político eleitoral em 1946, o peronismo só perdeu três eleições presidenciais - Alfonsín em 1983, De la Rúa em 1999, Mauricio Macri em 2015, mesmo estando muitos anos proscrito (de 1955 a 1973). Em 1958, com Perón no exílio, Arturo Frondizi, da *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI), foi eleito graças ao apoio do líder peronista que havia feito um pacto com o futuro presidente para que pudesse retornar a política o mais rápido possível.

Perón criou um Movimento e não significa que o peronismo seja uma simples ferramenta eleitoral, a qual para se expressar já esteve sob o nome de *Unión Popular*, *Tres Banderas*, *Partido Blanco*, *Laborista*, *Frejuli* (uma frente que também integravam conservadores e democratas cristãos). A interminável sucessão de frentes eleitorais em nível local, provincial e nacional integrados pelo PJ fez com que em 2003, o partido evitasse a realização de eleições internas e permitiu a

¹⁹ Posição adotada por Juan Domingo Perón, a partir de uma postura internacional de não alienação com os Estados Unidos nem com a União Soviética, durante a Guerra Fria. Ou seja, *Tercera Posición* significava não estar alinhado a ideologia capitalista, nem socialista.

apresentação de três candidatos surgidos de suas fileiras (Carlos Memen, Néstor Kirchner e Adolfo Rodríguez Saá), através de diversas frentes. (BALBI, 2007). O peronismo não é um partido, embora esteja representado por um, o *Justicialista*, e espalha-se por várias agremiações. Perón afirmava que

Si practican nuestra doctrina ¿qué nos interesa dónde están encuadrados y dónde actúan? Nos basta con que se sientan y actúen como justicialistas, cualquiera que sea la organización que los agrupe. ¿Por qué? Porque así los podremos conducir, cualquiera sea el tipo de organización que tengan. (PERÓN, 1998, p.73).

Ainda que fragmentado, o peronismo teve a maioria no congresso e controlou boa parte dos governos das províncias durante os anos em que esteve na presidência. O elemento unificador do Movimento sempre foi sua doutrina, criada e implementada estrategicamente por Perón em seu rol de condutor. (BALBI, 2007). Após sua morte, em julho de 1974, as ideias a respeito da relação entre Movimento e partido tenderam a modificar-se na medida em que antes se concebia como mediada por sua condução, a qual era postulada como indiscutível. Os militantes e as bases seguiram vendo o peronismo como um Movimento antes do que um partido.

Sendo assim, Grimson (2019) lança alguns questionamentos que neste ponto parecem pertinentes para pensar sua complexidade: o peronismo é de direita ou esquerda? Se há as duas ou mais vertentes, como convivem todos ali dentro? As respostas podem ser muito variadas. Para cada argentino o significado do peronismo é entendido de maneira distinta. Alguns contam baseado no que leram, outros em suas próprias recordações que outros narraram, mas nem sempre deixam o interlocutor satisfeito.

Na realidade a pergunta sobre o que é o peronismo está mal formulada. Segundo Grimson (2019), o peronismo não é algo de uma vez e para sempre. Esse tipo de definição pode exigir um plano filosófico, o qual não me aprofundarei, pois somente esta questão originaria um novo trabalho para discutir o tema. Sabe-se que o peronismo nunca teve um único uso ao longo do tempo. Os peronistas dizem que é um sentimento, mas o mesmo poderia ser dito pelos antiperonistas. Os termos *nazis*, *cabecitas negras*, *fascistas*, *villeros*, *turbas*, *patoteros*, *grasas* são alguns exemplos usados contra os peronistas. Para os antiperonistas utilizam: *contreras*, *gorilas*, *cipayos*, *oligarcas*, *radichetas*, *vendepatrias*. A ideia deste trabalho não é responder a estas questões, mas apenas tentar demonstrar o quão complexo é esta

corrente política e cultural para que o leitor possa compreender algumas das contradições que acompanharam a trajetória de Isabel Perón e dos grupos formados dentro do Movimento Peronista.

Faz-se necessária esta breve explicação, pois o período que compreende a trajetória da personagem a ser estudada neste trabalho, foi marcado por intensas batalhas ideológicas dentro do Movimento. Desde seu exílio em Madri de 1960 a 1973, Perón já havia mostrando o jogo duplo em relação ao movimento revolucionário de suas fileiras de esquerda, apoiando as ações armadas de setores radicalizados da *Juventud Peronista*. No entanto, após o *Masacre de Ezeiza*²⁰, ficaria claro o fim da ambiguidade discursiva do líder e sua inclinação aos setores ortodoxos do peronismo. (BUFANO, 2015). Dessa forma, “Perón ponía un pie en el país marcando claramente su apoyo a la vieja ortodoxia sindical y a la derecha política.” (BESOKY, 2010, p.3). Durante os anos 40 e 50 o peronismo era identificado ora com o trabalhismo (comparações com Vargas no Brasil), ora com o fascismo italiano (Perón nunca negou sua admiração por Benito Mussolini).

Existem muitas teorias que persistem sobre como o peronismo poderia/pode ser considerado de esquerda e de direita ao mesmo tempo. Durante os anos 70 foi possível observar de maneira mais nítida, como tentarei demonstrar ao longo desse trabalho. Para muitos Perón foi um ditador, para outros, um presidente preocupado com a justiça social. O coronel Perón foi um grande “frasólogo” de forma que é difícil saber quando disse uma frase atribuída a ele ou se realmente ele a pronunciou. O certo é que o peronismo é uma corrente política duradoura, embora mutante. No ano de 2019 foram realizadas eleições para a escolha do novo presidente da Argentina. As duas principais chapas possuíam três candidatos de vertentes peronistas: Alberto Fernández e Cristina Kirchner, identificados ao espectro de centro-esquerda peronista; Maurício Macri (candidato à reeleição) como sendo de centro e, seu vice, Miguel Pichetto, um peronista de direita, o qual afirmou que o peronismo nunca foi de esquerda.²¹

Sendo assim, é possível afirmar, o peronismo é uma corrente política bastante complexa e ambígua. Como veremos, em suas fileiras existem ou existiram peronistas de direita, de esquerda, de centro, centro-esquerda, extrema-direita,

²⁰ Esse episódio será mais bem discutido a seguir.

²¹ Miguel Pichetto: “El peronismo nunca fue de izquierda”. **La Nación**, Buenos Aires, 09 out. 2018. Política. Disponível em: <https://lanacion.com.ar/politica/miguel-pichetto-el-peronismo-nunca-fue-izquierda-nid2179876> Acesso em: 31 jan. 2019.

esquerda revolucionária... Interessa, neste trabalho, mostrar suas diferentes vertentes para que assim seja possível a compreensão da atuação de María Estela Martínez, terceira esposa de Perón, vice-presidente que o acompanhou na chapa vencedora nas eleições presidenciais de 1973, até chegar ao posto máximo da república. Sua trajetória, como veremos, é tão ambígua quanto a corrente política a qual pertenceu.

1.2. DE ESTELITA A ISABEL MARTÍNEZ: O ESOTERISMO E A DANÇA

María Estela Martínez Cartas era apenas uma menina de 14 anos naquele tão comemorado 17 de outubro de 1945 que transformou o coronel Perón em uma figura célebre. Por casualidade nasceu em La Rioja no dia 4 de fevereiro de 1931, pois seu pai, Carmelo Martínez, era contador no Banco Hipotecário e havia sido transferido para esta província do noroeste da Argentina. Os Martínez passaram somente três anos em La Rioja e logo a família se mudou para Buenos Aires estabelecendo-se em uma casa no Bairro Belgrano. (SÁENZ QUESADA, 2003). Com María Josefa Cartas, Carmelo teve seis filhos: Araceli, Ofelia Luisa, Horacio Eduardo, Dardo Oscar, Carlos Ernesto e, a caçula, María Estela.

Após o falecimento de Carmelo, quando Estelita tinha apenas sete anos de idade, possivelmente, a família de classe média, tenha sofrido uma queda no padrão de vida obrigando seus irmãos mais velhos a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Com uma infância nada excepcional, María Estela estudou o primário na *Escuela Jockey Club* (hoje *Granaderos de San Martín*, no Hipódromo) e começou o secundário, mas não há indícios de que tenha terminado os estudos. Importante ressaltar que em 1944 nem a educação secundária e, muito menos, a universitária faziam parte das aspirações de adolescentes de classe média daquela época. A jovem teve aulas de piano e francês em locais privados, mas sem interesse em obter o título. (PAGE, 2014).

Segundo María Sáenz Quesada (2016), não se conheceu muitos namorados durante a juventude de Estelita, a qual era tida como introvertida e calada por suas colegas de classe. Porém, sua vida mudou de maneira significativa quando se distanciou de sua família biológica. Para Sáenz Quesada, houve uma grande briga entre ela e os irmãos e a relação entre eles nunca mais voltou a ser a mesma. Segundo Joseph Page (2014), o motivo seria a exigência dos irmãos para que ela

fosse trabalhar e, assim, contribuísse com as despesas da família ou, que os Martínez não aceitaram sua vocação de bailarina, profissão ainda carregada de preconceito na sociedade argentina daquela época. Como esse período antes do encontro com o general Perón as referências são escassas, já que María Estela sempre foi bastante discreta sobre acontecimentos de sua vida privada, certos episódios acabam ficando no campo das hipóteses.²² A recusa em falar de sua família também ajuda a formular algumas teorias para certos eventos, os quais veremos a seguir.

Longe da sua família, buscou refúgio na casa de *don* José Cresto e de sua esposa Isabel Zoila Gómez de Cresto. Os Crestos, oriundos da província de Corrientes, no nordeste da Argentina, eram espiritualistas,²³ ou seja, participavam de um culto que acreditava na vida do espírito depois da morte do corpo e aspiravam comunicar-se com os mortos através de um código de sons, movimentos ou estado mental de transe.²⁴ José Cresto havia fundado sua própria escola em 1944 e, desde então, Estelita considerou o casal como seus novos pais. De acordo com Sáenz Quesada (2003), a jovem aproximou-se da escola *San Pantaleón* em 1948, aos 17 anos.

Há um lapso de quatro anos que compreende a data da fundação da escola e quando ela começou a frequentar. Não se sabe se ela aderiu à prática e aos estudos espiritualistas logo que chegou a sua nova família, aos 13 anos de idade, ou se o interesse surgiu depois. O casal, que lhe tratava como uma filha, incentivou sua vocação para a dança e começou a pagar seus estudos. Mesmo praticando o espiritualismo não deixou de seguir a religião católica. Em uma entrevista concedida em 1965, já casada com Perón, quando foi perguntada se era católica, respondeu como se fosse um fato óbvio e demonstrou firmeza: “-¡Claro que soy católica! ¿Qué

²² A primeira biografia de María Estela foi publicada apenas em 2003. O interesse da historiadora María Sáenz Quesada por sua biografada surgiu em 1989 quando o país era governado pelo peronista Carlos Saúl Menen. Depois de vários anos de pesquisas e entrevistas foi publicado o livro *Isabel Perón. La Argentina en los años de María Estela Martínez* pela editora Planeta.

²³ Termo derivado do Espiritualismo, quando uma pessoa é de uma doutrina contrária ao materialismo. Já o Espiritismo acredita em algo além da matéria, tal como os espiritualistas, pois crê nos espíritos, na vida além da morte e na vida espiritual. Portanto todo espírita é, necessariamente, espiritualista, sem que todos os espiritualistas sejam espíritas. Um dos grandes equívocos é comparar o Espiritismo, baseado na codificação de Allan Kardec, com religiões espiritualistas, tais como: Umbanda, Cambomblé, etc. Embora existam pontos parecidos, não representam a mesma doutrina.

²⁴ Anos mais tarde, ao conhecer o ex-cabo de polícia José López Rega, *El Brujo*, surgiram várias histórias de rituais realizados com o corpo embalsamado de Eva Perón para que Isabel absorvesse seu carisma.

quiere que sea?” – Bueno, algunos cuentan que le gusta el espiritismo... -Yo soy católica. Todas esas son mentiras”. (*Confirmado*, 21/05/1965, p.9).

Em 1953 trabalhou pela primeira vez como bailarina na companhia de danças espanholas e folclóricas de Jesus Redondo.²⁵ Foi então quando adotou o nome artístico Isabel, uma homenagem a sua mãe adotiva. Saiu em turnê pelo interior do país com o aval de *don* José Cresto que a ajudava financeiramente. Longe de casa e dona de uma nova identidade, sua vida tomaria um rumo totalmente imprevisível. Isabel, logicamente, deveria ambicionar ser alguém diferente, mas sem deixar de ser uma moça de família, requisito fundamental para as moças da sociedade argentina dos anos 1950. (BARRANCOS, 2007). Após a breve turnê pelo país, Isabel Martínez optou por incorporar-se ao *coro de bailaoras* do *ballet* pertencente ao empresário espanhol Faustino García e foi nessa ocasião que ela iniciou uma turnê maior, a qual incluía alguns países da América Latina.

A jovem Martínez, que deixaria seu antigo nome de batismo para trás, não voltaria a seu país tão cedo. A turnê passou por Chile, Peru e Equador e logo em seguida ela deixou o grupo de García para ingressar na equipe de *ballet* espanhol de Gustavo Córdoba e Amalia Isaura. No entanto, quando o grupo chegou à cidade de Medellín, na Colômbia, se desfez. Como precisava se manter, aceitou a proposta de Joe Herald, um bailarino cubano que vivia na Venezuela para fazer parte de seu conjunto.

Segundo Page (2014), Isabel tinha ares de uma estudante, era de altura mediana, usava o cabelo castanho, era magra e destoava das demais dançarinas. Anos mais tarde, a propaganda peronista, diria que ela era uma folclorista.²⁶ Ainda segundo este autor, depois dessa rápida passagem pela Colômbia, o grupo de Herald foi diretamente para o Panamá no final de 1955. A menina que tão cedo deixou a casa de sua família para seguir a carreira de dançarina, demonstrou que estava disposta a trilhar o seu caminho e fazer suas próprias escolhas. Talvez o fato

²⁵ Saéz Quesada (2003) alega que em uma pesquisa jornalística se agregam outros fatos: Isabel se inscreveu em 1951 na *Escuela Nacional de Danzas* que funcionava no Teatro Cervantes, onde estudou somente um ano. Ela já era considerada um pouco “velha” (tinha 20 anos) para começar a estudar dança e sua professora não a classificou como boa, nem má, era uma aluna mediana. Com talento ou não, sua turnê começou por Montevidéu e sem que se saiba o motivo, abandonou a companhia depois de se apresentar no Teatro Solís. As hipóteses formuladas para explicar o episódio no Uruguai são de que talvez tenha demonstrado um desempenho abaixo do esperado ou que teve uma briga com o empresário.

²⁶ O oficialismo tentaria apagar seu passado de bailarina, assim como fez com Eva Perón, que era atriz antes de conhecer o general Perón em 1944.

de ter deixado seu país natal tão cedo lhe propiciou uma experiência marcada pela negação e o fato de ser mulher em um mundo marcadamente machista, contribuiu para que sua figura fosse tão difamada.

1.3. A COMPANHEIRA NO LONGO EXÍLIO

Após ser deposto da presidência pelos militares da *Revolución Libertadora*, Perón refugiou-se por uma semana em uma canhoneira paraguaia que estava ancorada no porto de Buenos Aires. Em 3 de outubro de 1955 chegou a Asunción sendo hospedado pelo empresário argentino Ricardo Gayol.²⁷ No dia de seu aniversário, 8 de outubro, resolveu dar declarações públicas e ofereceu uma coletiva de imprensa. Em seguida o governo paraguaio pediu que se transladasse a um povoado cerca de cento e cinquenta quilômetros da capital para evitar conflitos diplomáticos. No entanto, um mês depois, o convocaram a Asunción para comunicar que deveria sair do país por pressão do governo argentino. (BELLOTTA, 2007).

Quando abandonou o Paraguai, Perón não tinha para onde ir, pois nenhuma nação mostrava interesse em recebê-lo. Somente o ditador da Nicarágua, Anastacio Somoza, lhe ofereceu asilo. Porém, quando o avião sobrevoava o Brasil, chegou um comunicado do presidente nicaraguense de que não era aconselhável que fora a seu país. Do Brasil Perón seguiu até Caracas, onde o ditador Marcos Pérez Jiménez comunicou-lhe que o governo do Panamá estava disposto a acolhê-lo. O ex-presidente Juan Domingo Perón, por fim, chegou ao Panamá na condição de exilado em novembro de 1955. (PAGE, 2014). O Panamá era uma boa opção, visto que a doutrina peronista da *Tercera Posición* (“ni yankis, ni marxistas”) poderia vir a ter muito mais adeptos no país caribenho.

Na ocasião, Perón viajou acompanhado de dois colaboradores: Isaac Gilaberte, seu motorista e Ramón Landajo, seu secretário pessoal. O presidente panamenho Ricardo Arias lhe sugeriu que se hospedassem no Hotel Washington, em Colón, que já não possuía o mesmo esplendor dos tempos da construção do canal quando recebia personalidades ilustres. O local, segundo Bellotta (2007), era modesto e Perón teve de se contentar com duas peças pequenas, na qual uma

²⁷ De acordo com Juan B. Yofre, Gayol lhe ajudou financeiramente durante seu exílio no Paraguai e no Panamá com a quantia de mil e quinhentos dólares trimestrais. Isabel Perón: su vida desde los inicios en fotos y documentos nunca vistos. **Infobae**, Buenos Aires, 04 fev. 2017. Sociedad. Disponível em <https://www.infobae.com/sociedad/2017/02/04/isabel-peron-su-vida-desde-los-inicios-en-fotos-y-documentos-nunca-vistos/> Acesso em 11 dez 2019.

servia de dormitório e outra foi transformada em um pequeno escritório com duas mesinhas

[...] en las que había colocado una imagen de la Virgen de Luján y el retrato de Eva Perón realizado por Roberto Mezzadra, transformado con el tempo en la postal coloreada que la mayoría de los hogares peronistas escondían de la persecución de los “libertadores”. (BELLOTTA, 2007, p.178).

A morte de Evita, ainda recente, e o fato de o seu cadáver embalsamado ter sido sequestrado e escondido pelos militares golpistas de 55 só fez com que seu mito se fortalecesse. Por mais que haja relatos de que Perón tenha se relacionado com outras mulheres logo após a morte de sua segunda esposa, a presença de Evita era algo que ele jamais poderia esquivar-se.²⁸ Logicamente, o capital político representado na figura de Eva Perón se tornou ainda mais valioso após sua morte, pois a transformou em bandeira da resistência peronista, cujos gritos de “Evita, viviente, en cada combatiente” seriam entoados pela juventude. (*Militancia Peronista*, 16/08/1973, p.8). Até hoje, Eva é referência quando se trata de mulheres na política argentina e, por isso, os peronistas não ousam comparar ela com nenhuma outra mulher. No entanto, a revista brasileira *O Cruzeiro*, logo após a terceira posse de Perón, publicou que

[...] não existem muitos pontos de referência entre Eva e Maria Estela, cujo codinome Isabel fora adotado para as artes. Evita era alta, formosa, loura, fascinante e loquaz. Isabelita é pequena, ruiva, inteligente, discretamente bonita, mas calada. Gosta de agir por dentro, sem alarde. Embora silenciosamente, com eficácia. (*O Cruzeiro*, 24/10/1973, p.103).

A matéria, assinada por Geraldo Romualdo, como podemos observar é bastante machista se considerarmos as várias adjetivações, a maioria relacionada aos aspectos físicos das duas. O jornalista argumenta, ainda, que para Perón “a mulher é seu ponto de apoio para colocar a Argentina no caminho da paz”, ou seja, Perón nunca estava completo sem uma mulher ao seu lado. O sexismo era outra marca presente na imprensa e servia para fazer referência a falecida ex-primeira-dama, a qual teve papel decisivo em vários momentos da política peronista.

²⁸ O culto ao mito de Evita fazia parte do jogo político ao mesmo tempo em que o tornava prisioneiro dele. Pouco tempo depois do falecimento de Eva, segundo o livro de Juan Ovio Zavala, *Amor y violencia* (2014), Perón teria levado a adolescente Nely Rivas, de 14 anos, para viver na residência presidencial. O escândalo rendeu ao general a acusação de pedofilia e um pedido de extradição do governo argentino quando estava exilado em Madri em 1973, pouco antes de voltar em definitivo. Além de Nely, Eleanor Freedman, *La Gringuita*, uma norte-americana que conheceu no Panamá também marcou sua vida e, novamente, seria acusado, dessa vez pelo governo dos Estados Unidos por sequestro.

Perón sempre escolheu mulheres muito mais jovens, embora o destino o fizesse sepultar suas duas primeiras esposas, Aurélia Tizón, aos trinta anos, e Eva Duarte, aos trinta e três. Ambas terminaram seus dias com o mesmo diagnóstico: câncer de útero. Aurélia era treze anos mais jovem que o general, que na época era um militar com futuro promissor. Eva era vinte e quatro anos mais nova e o conheceu já com o posto de Coronel. Sua última esposa, Isabel, contava com trinta e seis anos a menos e dividiu sua vida com Perón até o dia de sua morte. O general certa vez disse que “desde que tengo memoria siempre traté de educar, dirigir, formar a las personas que se me acercan, y esto incluye a las mujeres”. (BELLOTTA, 2007, p.8). De fato, se suas duas últimas esposas participaram da história política de seu país foi porque compartilhou com elas seus ensinamentos. Porém, tanto Eva, como Isabel souberam utilizar-se de diferentes meios para conquistar seus espaços de poder.

A chegada de Isabel no Panamá aconteceu em dezembro de 1955, quando o exílio de Perón ainda era muito recente. O encontro dos dois é carregado de imaginário e algumas versões controversas, assim como o real motivo da passagem de Isabel pelo país para além de sua turnê com a companhia de *ballet* de Joe Herald. Ramón Landajo, o ex-secretário que acompanhou Perón nos primeiros anos de exílio, faz o seguinte relato sobre Isabel

Integraba un ballet, si así podemos llamarlo, a cuyo frente venía uno de esos cafiolos baratos que reclutan muchachas sin experiencia, que contando con el apoyo y ayuda de los servicios gorilas,²⁹ la enviaron para estos lados, pasando previamente por Venezuela, a fin de contar con cierta actuación que los justificara. Creo que lo hicieron en el cabaret Pasapoga. Tanto ella como otras chicas de ese ballet, fueron reclutadas por agentes del gorilismo [...]. (LANDAJO, 1994, p.25).

Para Landajo, Isabel na realidade era uma espiã a serviço dos “gorilas” da *Revolución Libertadora*, uma espécie de Mata Hari.³⁰ Talvez essa versão prove somente que o secretário não simpatizava muito com a nova companheira do líder. De acordo com o ex-secretário, Perón sabia dessa condição e mesmo assim a aceitou. Apesar de pouco provável, é possível que Isabel realmente tenha recebido

²⁹ A expressão era utilizada para designar os militares golpistas da *Revolución Libertadora* e logo após seria aplicada a qualquer pessoa que fosse identificada como contrária ao peronismo.

³⁰ Codinome de Margaretha Gertruida Zelle, uma dançarina exótica nascida na Holanda que atuou como espiã do lado alemão assim como dos franceses durante a Primeira Guerra Mundial. Considerada culpada por revelar detalhes sobre uma nova arma dos aliados, o tanque de guerra, aos alemães, foi condenada à morte por fuzilamento.

uma missão como informante do governo argentino, mas seguramente logo abortou. Talvez poderia ser que Isabel enxergasse nele uma figura paterna, a qual havia perdido a referência ainda muito nova. Algumas explicações semelhantes também serão levantadas quando em sua vida surge o polêmico *Brujo* José López Rega, do qual tratarei mais adiante.

Uma outra perspectiva, trazida pelo historiador Fermín Chávez, diz que o ex-embaixador argentino no Panamá, Carlos Pascali, teria apresentado “una mujer culta que había estudiado musica, danza y francés, se ofreció para hacerle la secretaria”. (SÁENZ QUESADA, 2003, p.39). Assim, sua primeira tarefa teria sido datilografar, ainda na cidade panamenha de Colón, o livro *La fuerza es el derecho de las bestias*. Neste livro, que teria começado a escrever quando estava exilado no Paraguai, o ex-presidente analisa seu governo até 1955, assim como a ação dos militares que o tiraram da presidência. A obra não pode ser publicada na Argentina, já que tudo que estivesse ligado ao “*tirano prófugo*”³¹ estava proibido.

Sáenz Quesada (2003) conta que, segundo um panamenho que fazia parte da segurança do ex-presidente, Isabel atuava em um espetáculo teatral no qual Perón havia assistido. Nessa oportunidade, então, ela astutamente teria tocado a campainha do apartamento no edifício Lincoln, local para onde Perón se trasladou após deixar o Hotel Washington, porém ninguém lhe atendeu. Perón, que jantava cedo, pediu que lhe abrissem a porta, após dizer que “en la casa de un criollo, no se le niega un plato de sopa a nadie”. (SÁENZ QUESADA, 2003, p.39). Ao entrar, Isabel teria jantado, lavado a louça e logo após teria pedido um emprego a Perón. O velho general lhe arrumou um quarto situado acima do seu e, dessa forma, Isabel teria se estabelecido no mesmo prédio desempenhando seu trabalho como ajudante de serviços domésticos. Segundo Page (2014), Isabel exercia funções estritamente domésticas e decorativas neste momento.

Ainda há outra versão, na qual eles teriam se conhecido na Argentina, quando Isabel participava de um grupo de danças nativas. Perón teria assistido a um espetáculo e na ocasião presenteou as dançarinas com medalhas. Isabel, com a mesma medalha em mãos, teria se apresentado o velho general no Panamá

³¹ Esta era a expressão utilizada pelos jornais imposta pelos militares da *Revolución Libertadora* para se referir a Perón. Em 9 de março de 1956, a ditadura de Aramburu decretou a inexistência de Perón, Evita e do peronismo. A exibição de imagens, retratos ou esculturas do presidente deposto e sua falecida esposa passou a ser crime, assim como o uso das palavras “*justicialismo*”, “*peronismo*”, “*peronista*”, a sigla “PP” (*Partido Peronista*), “*Tercera Posición*” e as datas comemorativas celebradas pelo regime anterior, bem como a propagação da *Marcha Peronista* em espaços públicos e privados.

recordando-o do episódio. Como pode ser constatado, a narrativa de Lanjado, quem conviveu com o ex-presidente na intimidade, difere desses outros relatos trazidos por Saénz Quesada e Fermín Chávez. No entanto, o certo é que a partir da aproximação em 1955 os dois seriam inseparáveis. Isabel foi a mulher que mais tempo passou a seu lado, dezenove anos. Aurélia foi a esposa de Perón durante dez e Evita, somente oito. No entanto, parece que o tempo foi inversamente proporcional à importância dada a cada uma das esposas.

A narrativa mais recorrente entre os historiadores é a de que Herald levou suas dançarinas, entre elas Isabel, para se apresentarem no cabaré *Happy Land* na *Ciudad de Panamá*. Landajo afirma que Perón não costumava ir a esse tipo de apresentação, mas que seu amigo, Arnaldo Parra, lhe comunicou que o grupo de dançarinas queria cumprimentá-lo pelas festas de Natal. Então, dia 24, na propriedade de Parra no balneário María Chiquita, organizou-se um churrasco e as meninas, quatro delas argentinas, viajaram acompanhadas de seus namorados. Isabel teria chegado sozinha, se aproximado do general e começado uma conversa contando ser de uma família argentina que queria casá-la com um general que estava em missão diplomática no México. (SÁENZ QUESADA, 2003). Em seu relato teria falado de sua relação com os Crestos, cuja esposa a havia ensinado a dançar e sobre sua atuação em diversas companhias de dança pela América Latina.

De acordo com Landajo, Perón não acreditou nessa história, a qual parecia ser apenas para justificar a estranha presença de uma moça de família em um cabaré apresentando-se em uma companhia de dança de baixa categoria. O ex-secretário acrescenta que em 1956 o próprio Perón havia recebido a informação de peronistas infiltrados no Serviço de Inteligência de Buenos Aires sobre a chegada de Isabel e teria confidenciado a ele que sua confiança nela não era total. (BELLOTTA, 2007). Isaac Gilaberte, também rechaçou os comentários de que Perón teria ido ao cabaré *Happy Land*. Primeiro porque não era de seu agrado tais espetáculos e segundo porque o cabaré ficava na Cidade do Panamá e Perón na ocasião estava morando em Colón. (GALASSO, 2005).

Sáenz Quesada (2016) afirma que após o encontro em María Chiquita, Isabel o visitou algumas vezes até que certo dia apareceu chorando dizendo que Joe Herald queria que ela ficasse com os clientes do cabaré tomando drinques a fim de

conseguir algum dinheiro extra.³² Foi então que pediu a Perón um empréstimo para tentar voltar à Argentina prometendo que sua família lhe devolveria o valor. Ao invés disso, o velho pagou a dívida do hotel em que ela estava hospedada e decidiu levá-la até o edifício Lincoln onde vivia.³³ Sobre as suspeitas de que Isabel foi “alternadora”³⁴ não é banal, pois gerou comentários depreciativos na Argentina originando o cântico entoado nos anos setenta: “*Si Evita viviera, Isabel sería copera.*”³⁵

Marysa Navarro (2000) ressalta a liderança carismática dupla exercida por Perón e Eva, através da relação do casal com os setores da classe trabalhadora que possibilitou sua chegada à presidência pela primeira vez em 1946. Seu carisma sobreviveu a morte de Evita, sua queda em 1955 e seus quase dezoito anos de exílio. No caso de Eva, sua liderança carismática muitas vezes superou a do marido. (SILVA, 2009). Por diversas vezes Eva era aplaudida mais ruidosamente que Perón. Sem dúvida o carisma outorga poder, mas às vezes deve se sustentar sobre habilidades preexistentes e Eva soube explorar muito bem sua qualidade de mulher humilde que venceu na vida. Sua sucessora tentaria beneficiar-se através da aproximação de sua figura mítica, mas não seria uma tarefa fácil. Isabel procurou desenvolver sua capacidade de persuadir e influenciar indivíduos ao longo de sua trajetória como é possível observar através da análise das fontes.

No Panamá ela dividiu a casa na cidade de Colón com Perón, Isaac Gilaberte e Ramón Landajo. A convivência com os exilados a levou a compartilhar sua vida, o que certamente não lhe agradou, pois era evidente que os dois colaboradores de Perón não tinham simpatia por ela. Segundo Larraquy (2007) e Sáenz Quesada

³² Lucho Donadío, dono do cabaré *Happy Land*, pagava de quatro a cinco dólares as dançarinas de Herald. Como esse salário não era suficiente, a maioria das meninas sentava-se com os clientes para dividir alguma bebida, pois elas recebiam cinquenta por cento do valor consumido. Com relação a Isabel, Donadío declarou a uma revista panamenha que nunca viu Isabel tomar “tragos con los clientes.” (SÁENZ QUESADA, 2003, p. 42).

³³ Aqui percebe-se o clichê da prostituta que foi “tirada da vida” por um homem que se tornaria seu esposo.

³⁴ O termo era um eufemismo para prostituta.

³⁵ Com as várias versões apresentadas, surgem alguns questionamentos sobre a relação dos dois: o que movia uma jovem de 24 anos a abandonar tudo para viver com um homem 36 anos mais velho, com os bens confiscados, expulso de seu país, odiado por muitos e vivendo com o medo constante de atentados? Talvez somente o amor ou a admiração pudessem ser a razão para essa escolha. Creio que o fascínio que Perón exercia em seus seguidores pode ser explicado por seu carisma, característica mais saliente e excepcional do peronismo quando comparado a outros movimentos políticos.

(2016), Landajo e Gilaberte faziam de tudo para que Perón perdesse o interesse na bailarina. Apesar dos sentimentos de animosidade, conviviam bem, jogavam cartas, ouviam música e faziam caminhadas. Viviam de sobressalto com medo de atentados, pois havia a informação de que o general Domingo Quaranta, antiperonista declarado e chefe da *Secretaría de Inteligencia del Estado* (SIDE), estaria no país rondando a casa em que vivia Perón disposto a assassiná-lo. (LARRAQUY, 2007).

Enquanto isso, na Argentina, não fazia ainda um ano que o governo golpista do general Pedro Eugenio Aramburu havia tomado o poder quando em junho de 1956 o general Juan José Valle organizou um levante militar em defesa do governo constitucional deposto. A rebelião foi um fracasso e Aramburu prendeu os civis e oficiais rebeldes ordenando o fuzilamento do general Valle.³⁶ Logicamente a batalha entre peronistas e antiperonistas era muito desigual. Em seguida veio mais uma derrota para os peronistas. Menos de um mês do fracasso da insurreição do general Valle, aconteceu na Cidade do Panamá a reunião dos presidentes da Organização dos Estados Americanos (OEA) e o presidente de fato, Pedro Eugênio Aramburu, ameaçou não participar se Perón estivesse no país.

O presidente Arias aceitou a pressão do governo argentino e pediu que Perón se retirasse do país enquanto o evento acontecesse. (BELLOTTA, 2007). Perón partiu rumo à Nicarágua, onde foi recebido como chefe de Estado pelo ditador Anastasio Somoza, gerando protestos do embaixador argentino em Manágua. Isabel não o acompanhou, sendo a primeira vez que o casal se separou, então é possível que tenha se sentido abandonada, sem saber se seu companheiro voltaria vivo ou cairia em uma armadilha dos “gorilas”. Segundo Landajo, Perón viajou muito contrariado e quando regressou ao Panamá decidiu buscar outro país para refugiar-se, pois havia se sentido humilhado por Arias.³⁷

Não tardou que outro ditador, Marcos Pérez Jiménez, o convidasse a se estabelecer em seu país, talvez pensando em uma futura troca de favores. Isabel e Perón ficaram por dois anos em Caracas, de 1956 a 1958, em uma época bastante turbulenta no país. Sobre o governante da Venezuela, Perón afirmaria anos mais

³⁶ O episódio foi muito bem documentado pelo jornalista Rodolfo Walsh no livro *Operación Masacre*, de 1957. Além do general Valle, cinco civis foram fuzilados de forma clandestina em um terreno descampado que servia de lixão em José León Suárez, na província de Buenos Aires. Walsh descobriu que havia sete sobreviventes desse massacre e através de entrevistas reconstituiu o episódio em seu livro. Os fuzilamentos ficaram impunes.

³⁷ O Panamá foi o único país pelo qual Perón se exilou que não estava em uma ditadura.

tarde aos jornalistas que o entrevistaram para o livro “*Yo, Juan Domingo Perón*” que “el gobierno de Pérez Jiménez fue bueno desde el punto de vista administrativo y malo desde el punto de vista humano”. (CALVO; DE TENA; PEICOVICH, 1976, p.246). Gilaberte e Landajo também o acompanharam no exílio na Venezuela, mas ficaram em uma modesta pensão enquanto o casal se hospedou em um apartamento pertencente a um argentino ligado a negócios da noite e de prostituição. (SÁENZ QUESADA, 2003).

Marcelo Larraquy (2007) cita que o referido argentino que concedeu estadia ao casal Perón em Caracas se tratava de Rodolfo “Martincho” Martínez. Segundo este autor, Isabel teria verdadeiro terror de ir à Venezuela, pois Martincho era seu pior inimigo. Ele teria insistido que Perón a abandonasse, assegurando que quando Isabel esteve em turnê pela Venezuela teria “alternado” com alguns clientes no cabaré Paxapoga,³⁸ que ficava somente a meia quadra de onde eles viviam. Larraquy diz que os colaboradores do general fizeram de tudo para apagar a passagem de sua companheira pela Venezuela a fim de evitar alguma situação embaraçosa.

Contudo, na frente do cabaré no qual ela havia se apresentado anos antes, foi colocada uma foto sensual de Isabel vestida de dançarina. Gilaberte e Landajo pediram que a foto fosse retirada para que Perón não visse ao passar pela frente do estabelecimento. O dono se negou e disse que era uma promoção para o cabaré e uma homenagem ao general. A foto foi aproveitada pela revista *Venezuela Gráfica* na mesma semana em que chegaram ao país. O título era “Estrella de ballet es la misteriosa rubia que llegó con el General Perón a Caracas”. (LARRAQUY, 2007, p.72).

Com a convivência, aumentaram as suspeitas de Gilaberte e Landajo de que Isabel fosse realmente uma espiã do governo argentino, mas Martincho assegurou que ela era apenas de uma prostituta comum.³⁹ Provavelmente os dois colaboradores de Perón não entendiam como que seu “chefe” pudesse ter escolhido alguém, no julgamento deles, tão superficial após ter convivido com Evita, quem já era considerada um mito entre os peronistas. Em relação as suas esposas, Perón dizia que

³⁸ Esse relato confere em parte com a versão de Landajo sobre o local onde Isabel teria se apresentado quando passou por Caracas.

³⁹ Esse fato nunca foi confirmado, no entanto foi bastante utilizado para desqualificar a imagem de Isabel na Argentina.

Aurelia Tizón había sido el fuego que lo encendió, y Evita la llamarada, el fuego que lo encendió todo y que también lo había quemado. Y ahora, en la soledad de sus sesenta años, necesitaba un ladrillo caliente para que le abrigara sus pies en el exilio: ese ladrillo era Isabel. (LARRAQUY, 2007, p.74).

Portanto, é possível inferir que a presença de Isabel, em um primeiro momento, serviu para anemizar a solidão e angústia do exílio, já que todos os passos de Perón eram controlados pelo Serviço Secreto da *Revolución Libertadora*. Landajo, em depoimento a historiadora Sáenz Quesada (2003), comenta um episódio curioso ocorrido durante a passagem pela Venezuela. Jack, apelidado de “*el Tunecino*”, ligou para Perón e lhe disse que havia chegado a Caracas para matá-lo, mas que tinha gastado todo dinheiro que recebeu como pagamento e pedia que o general o protegesse. Naquela época a embaixada argentina na Venezuela começou a reclamar a presença de Perón no país e coincidiu com o primeiro atentado que sofreu quando uma bomba explodiu, destruindo seu *Opel Kapitán*. Gilaberte, que dirigia sozinho, saiu apenas com ferimentos leves. Perón afirmou que “*todos los atentados que he tenido los ha dirigido el gobierno*”. (CALVO; DE TENA; PEICOVICH, 1976, p.247).

Em maio de 1957, logo após o atentado, Perón adoeceu e passou vários dias de cama. Isabel aproveitou para mostrar seu valor, pois certas limitações que o general passara competiam somente a ela e nenhum dos seus partidários podiam ajudar. As visitas que Perón recebeu também serviram para que Isabel firmasse seu lugar. Primeiramente ela não participava das reuniões, mas em seguida passou a assisti-las, embora em silêncio. Com o passar do tempo, Isabel formou seu próprio círculo de relações do qual faziam parte o locutor Roberto Galán e sua esposa María Olga, demonstrando que suas amigas nem sempre eram uma escolha de Perón. Segundo Larraquy (2007), o casal Galán incentivou Perón a casar-se com Isabel.

O velho general era como um ímã para os exilados argentinos e todos queriam estar perto dele fosse por lealdade, por admiração ou puro interesse. Após a queda de Perón em 1955, muitos peronistas foram presos e alguns conseguiram fugir. Guillermo Patricio Kelly estava preso juntamente com outros personagens muito conhecidos do peronismo como Jorge Antonio, John William Cooke e Héctor Cámpora. (PAGE, 2014). Kelly foi um dos vários que conseguiu escapar e em 1957 chegou à capital venezuelana para prestar serviços ao líder exilado. O conhecido ex-chefe da *Alianza Libertadora Nacionalista* ocupou-se de organizar a segurança de

Perón em Caracas, assim como de executar tarefas de inteligência a mando do próprio Perón. Interrogou um nicaraguense detido, o qual afirmou que o governo argentino tinha planos de matar o general e com isso produziria um efeito dominó provocando a queda de Pérez Jiménez. Segundo Kelly, o preso recebia ordens do general Domingo Quaranta, o qual pretendia assassinar Perón quando estava no Panamá. (LARRAQUY, 2007). Conhecido por sua truculência, Kelly começou a ser associado às torturas do aparato repressivo venezuelano e, com isso, as acusações direcionadas ao militante nacionalista também se transferiram ao general.

Afirmando que Perón era cúmplice de Pérez Jiménez, a edição de 26 de janeiro de 1958 do jornal *El Nacional* publicou: “Perón dirigió la represión contra el pueblo venezolano” e fez ligações com Kelly chamando-os de “asesores de torturas de la Seguridad Nacional” (LARRAQUY, 2007, p.107). A Argentina passaria por eleições em fevereiro e o candidato pela *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI) Arturo Frondizi, que fora adversário de Perón pouco antes, enviou a Caracas seu delegado, Rogelio Frigelio, para firmar um pacto com o velho caudilho. Perón fez uma longa lista de exigências para que declarasse apoio à candidatura de Frondizi à presidência. Em troca, pediria aos peronistas que suspendessem os atos de violência, a fim de voltar à política no futuro dentro da legalidade. Em resumo, Perón queria que Frondizi lhe abrisse o caminho para voltar a ser candidato. No entanto, o pacto estava pronto para ser assinado quando estourou a Revolução Venezuelana que decretaria a queda de Pérez Jiménez.⁴⁰

Para não ser assassinado, o ditador venezuelano fugiu para a República Dominicana. Perón era outro a quem os revoltosos queriam a cabeça. Seus colaboradores tentaram encontrar embaixadas que aceitassem recebê-lo. Espanha e México se negaram. Segundo a imprensa, havia tiroteio nas ruas e o cenário era de guerra. (BELLOTTA, 2007). Finalmente Perón conseguiu asilo na embaixada da República Dominicana, onde permaneceu de 24 a 27 de janeiro junto com Isabel. (*Jornal do Brasil*, 28/01/58, p.5). Com certeza Perón temia morrer no exílio tal como Rosas, porém pobre e esquecido. Com a ajuda da CIA, alegando que os comunistas

⁴⁰ O pacto acabou sendo assinado na República Dominicana e quinze dias antes das eleições Perón deu a ordem para os peronistas votassem em Frondizi. Os militares “gorilas” não podiam acreditar que Frondizi, o qual havia comemorado a queda de Perón em 1955, pudesse fazer um pacto com o “tirano prófugo”. Naquela conjuntura valia tudo para ser eleito presidente e Frondizi não poupou esforços. Com os votos dos peronistas, o radical intransigente foi eleito o trigésimo terceiro presidente da Argentina. Porém, antes de terminar seu mandato foi destituído pelos militares em março de 1962 e levado preso à Ilha de *Martín García* até a posse de Arturo Illia em 1963.

da Venezuela iriam invadir a embaixada e assassinar Perón e que, por consequência, todo continente estaria sob o domínio comunista, Kelly conseguiu um salvo-conduto para o general. (LARRAQUY, 2007). Perón partiu rumo a *Ciudad de Trujillo* – atual Santo Domingo - escoltado por aviões americanos, deixando Isabel na embaixada. Após a experiência no Panamá, essa foi a segunda vez que o casal se separava desde 1955.

“Respiré cuando llegué a Ciudad de Trujillo porque me sentí en tierra amiga”. (CALVO; DE TENA; PEICOVICH, 1976, p.259). Com estas palavras Perón recordou sua chegada à capital da República Dominicana, terceiro país que o recebeu durante seu exílio. Mais uma vez, Perón estava em uma nação sob uma ditadura que só acabaria em 1961 com o assassinato do ditador Rafael Leonidas Trujillo. Contudo, certamente o temor de passar pelo mesmo que ocorreu na Venezuela não desaparecia. De acordo com Page (2014), Isabel buscava preencher o vazio dos dias se dedicando a novas atividades e chegou a aprender esgrima, esporte praticado pelo general desde os tempos de sua juventude.

Segundo Perón, quando Isabel se refugiou com ele na embaixada dominicana na Venezuela saiu de lá pesando somente trinta e nove quilos em decorrência de seu estado nervoso. Sobre eles terem viajado separados, Isabel recordou o motivo

Yo no salí de Caracas porque no nos dejaron marchar juntos. A mí no me dieron permiso. Existía un plan para asesinar el general. Apenas estalló la revolución venezolana, sus jefes enviaron aviones a Buenos Aires para recoger a los “gorilas”, y los trajeron a Caracas. Su propósito era embarcarnos a los dos con destino desconocido. El embajador dijo que él no consentía que se marchase solo el general Perón y que él embarcaría también porque presumía que algo grave iba a pasarle. Ésta es la razón de que no me dejaran a mí salir de la embajada. (CALVO; DE TENA; PEICOVICH, 1976, p.260).

Conforme o relato de Isabel, essa foi a maneira encontrada para que sua vida fosse preservada, pois o clima de atentados planejados pelo governo argentino era real, conforme os jornais da época. Perón chegou a Santo Domingo e se hospedou no hotel Jaragua, cinco estrelas, que segundo ele, era um local cheio de americanos, o que não lhe agradava. Foi quando procurou o “chefe” Trujillo - pois como não tinha dinheiro e não se sentia à vontade ali - para que pudesse se hospedar em outro lugar. Dias depois Isabel chegou ao país com credenciais de jornalista francesa. Recordando a fuga da Venezuela disse “yo sabía que, alguna

vez, mi licenciatura de francés me iba a permitir salvar la vida”. (BELLOTTA, 2007, p.192).

Diferentemente dos tempos em que viveram em Caracas, a estadia em Santo Domingo foi um pouco mais confortável e o ditador Trujillo disponibilizou seguranças e um chofer oficial.⁴¹ O novo “lar” do casal Perón foi o Hotel de La Paz, menos luxuoso que o Jaragua, onde permaneceram por um ano. Mais tarde, Perón pediu ao “chefe” que lhe alugasse uma casinha. O ditador lhe concedeu uma residência perto do mar, onde passeava com Isabel ao final da tarde. (CALVO; DE TENA; PEICOVICH, 1976). Trujillo era famoso pela ostentação e, segundo o próprio Perón, chegou a lhe presentear com 25 mil dólares.

Com o passar dos meses, a calma desfrutada na República Dominicana ficou ameaçada. As relações com os Estados Unidos ficaram tensas depois da imposição de sanções econômicas e com a interrupção de envio de armamentos. Após o triunfo da Revolução Cubana em 1959, Fidel Castro era outro problema. As ditaduras nos países caribenhos estavam sofrendo um processo de desestabilização e o regime de Trujillo não foi exceção. (LARRAQUY, 2007). Além disso, o fato de Perón se sentir incomodado em estar no “lote” de ditadores refugiados no país, tais como Pérez Jiménez e o recém-chegado Fulgencio Batista, certamente aumentou sua preocupação.

No natal de 1959, o casal recebeu como presente a notícia de que o governo espanhol havia aceitado o pedido para que se estabelecessem em Madri. Segundo alguns historiadores, mesmo sendo contra receber um excomungado, o ditador Francisco Franco quis retribuir a solidariedade que Perón demonstrou para com seu país após a Segunda Guerra.⁴² No dia 26 de janeiro de 1960, aos 66 anos, Perón chegou à Espanha para cumprir a segunda e mais longa etapa de seu exílio. Para evitar manifestações populares, Franco ordenou que aterrissasse na região de Torremolinos, próximo a Málaga.

O empresário Jorge Antonio, amigo e conselheiro de Perón, que durante o primeiro governo peronista foi o representante da fábrica Mercedes Benz na

⁴¹ Segundo alguns autores, a ida à República Dominicana possibilitou a Perón fazer uma depuração de seus colaboradores. Gilaberte e Landajo não ficaram no país, fato que teria agradado a Isabel, uma vez que não tinha simpatia pelos dois. Inclusive, segundo Page (2014), Larraquy (2007) e Sáenz Quesada (2016), eles teriam sido os responsáveis por instigar o encontro de Perón com *La Gringuita*, Eleonor Freedman, por duas vezes quando esta esteve em Caracas. Isabel teria descoberto e intimado Perón a terminar o romance.

⁴² Em 1947 Perón enviou à Espanha um carregamento de trigo para amenizar a fome que assolava o país no pós-guerra.

Argentina e estava exilado na Espanha, recebeu o casal. Primeiramente Isabel e Perón moraram na residência alugada por Jorge Antonio localizada na Av. del Doctor Arce. Depois de um tempo o casal mudou de endereço e foi viver na *Quinta 17 de Octubre* no bairro conhecido como *Puerta de Hierro*, na rua Navalmanzano, na capital espanhola. A casa de três pisos foi, segundo Perón, projetada por ele e financiada por “una gauchada de amigos españoles”. (CALVO; DE TENA; PEICOVICH, 1976, p.270).

Tanto o lote, como a residência foram escriturados no nome de María Estela Martínez de Perón. Desfrutando de um relativo conforto, pois a Europa era um local onde poderia articular melhor a condução do Movimento, Madri se converteu em uma espécie de Meca do peronismo. Após quatro meses de estadia na Europa, o *Jornal do Brasil* publicou a seguinte nota

De visita a Lisboa, Juan Perón deixou que aparecesse em público, pela primeira vez, sua secretária Isabel Martínez. Trata-se, segundo a imprensa europeia, de uma bela e saudável loura de 24 anos. Perón tem 64 anos.⁴³ (Revista de Domingo, *Jornal do Brasil*, 17/04/60, p.4).

Como a imprensa europeia daria cada vez mais visibilidade para a “secretária” do líder, logo surgiram os primeiros comentários a respeito do estado civil dos dois. Sobre o casamento, para a maioria dos historiadores, foi o médico militar que atendia o casal, Francisco Flores Tascón, quem recomendou que Perón se casasse. Em uma sociedade conservadora e católica dos anos 60, viver abertamente em concubinato com uma mulher 36 anos mais nova e ex-bailarina, era inaceitável. De acordo com Landajo, quando questionado sobre o porquê da decisão em se casar, Perón respondeu: “Me obligaron hijo”. (SÁENZ QUESADA, 2003, p.62). Para além do clássico tema machista do homem que é “obrigado” a se casar contra sua vontade, o casamento representava um passo à frente na intenção de Perón em fazer as pazes com a Igreja Católica.⁴⁴ Para Page (2014), o principal motivo era o objetivo de se reconciliar com o Vaticano o que possibilitaria que se abrisse caminho para uma eventual volta à presidência, visto que a Constituição argentina vigente exigia que o titular do executivo fosse católico.

⁴³ Na realidade, na ocasião Isabel tinha 29 anos e Perón, 66.

⁴⁴ Em 1955, em pleno enfrentamento entre o governo peronista e a Igreja Católica, o Congresso sancionou a lei do divórcio, em que os ex-cônjuges poderiam casar-se novamente e Perón, como presidente a promulgou. O Vaticano de imediato publicou uma bula excomungando *latae sententia* a todos que haviam elaborado a lei: senadores, deputados, ministros e o próprio presidente. (GONZÁLEZ, 2007).

Contra sua vontade ou não, a cerimônia religiosa foi celebrada de forma privada, na residência do casal Flores Tascón, que serviram de testemunhas. Quanto a data, Sáenz Quesada (2003), Marcelo Larraquy (2007), Joseph Page (2014), afirmam que ocorreu no dia 15 de novembro de 1961. Já a historiadora Aracelli Bellotta (2007), sustenta que foi no dia 05 de janeiro de 1961, mesmo dia e mês que teria se casado com a primeira esposa, Aurelia Tizón. Creio que tenha sido um equívoco da autora, pois o *Jornal do Brasil* de 27 de dezembro de 1961, publicou uma nota com o título “Perón casa com secretária”. Segundo o jornal, as suspeitas vinham desde novembro e teria crescido no mês de dezembro em virtude das mensagens de felicitações natalinas em postais enviados à Argentina. O episódio é mencionado por Marcelo Larraquy em que “los cónyuges enviaron con orgullo a sus más íntimas amistades una tarjeta de salutación firmada con los nombres de ‘Juan D. Perón e María Estela Martínez Cartas de Perón’”. (LARRAQUY, 2007, p.126).

Agora casada, Isabel tratou de se aproximar de Pilar Franco, irmã do ditador espanhol, que se mostrou uma amiga bastante solícita apesar da diferença de idade entre as duas. Para não haver problemas com o governo argentino, Franco impôs duas condições para que Perón permanecesse em seu país. A primeira era de que se abstinhasse de intervir na política argentina e, a segunda, de que não fizesse menção alguma sobre a conjuntura espanhola. Logicamente Perón ignorou a primeira condição e logo foi convidado a “veranear” na costa Mediterrânea por uns dias. Segundo Larraquy (2007), a primeira dessas viagens punitivas aconteceu no dia 7 de julho de 1960 quando Franco recebeu o presidente da Argentina Arturo Frondizi.

Em 1964 Perón seria submetido a uma cirurgia para a retirada de um tumor benigno na próstata realizada pelo médico espanhol Antonio Puigvert. Mesmo não se tratando de algo grave, logo surgiram especulações de que ele estava com câncer e isso talvez tenha animado àqueles que aspiravam sucedê-lo na liderança do Movimento. Nesse mesmo ano, sucedeu o fracassado *Operativo Retorno*, organizado por sindicalistas argentinos para que Perón voltasse ao seu país. No dia 2 de dezembro o avião que levava o ex-presidente foi detido no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, a pedido do presidente argentino Arturo Illia. Perón, sob a acusação de “persona non grata”, retornou com Isabel e seus colaboradores no mesmo dia à Espanha.

Um dos sindicalistas que participou da organização do *Operativo Retorno* foi Augusto “*El Lobo*”⁴⁵ Vandor, homem que mais abertamente desafiou a liderança de Perón. Tratava-se de um líder metalúrgico, secretário geral da *Unión Obrera Metalúrgica* (UOM) pouco carismático, sem um discurso doutrinário ou ideologia precisa, mas que possuía um grande talento para negociar com o governo e os empresários. Na Argentina do início dos anos sessenta o poder real deveria ser a nova identidade do peronismo e, por isso, durante os anos de 1962 e 1963 Perón seguiu nomeando delegados e criando mecanismos de condução do Movimento com o intuito de frear a influência de Vandor.

A ideia do sindicalista era que na Argentina se estabelecesse um “*Peronismo sin Perón*”, criando um partido legal para poder tirar o peronismo da exclusão onde o próprio Vandor teria as rédeas do Movimento com o líder no exílio. Não está claro quem teria perdido mais com esse resultado fracassado do retorno, se Perón, Vandor ou o próprio governo uma vez que os acontecimentos posteriores tornaram o saldo irrelevante (ROMERO, 2006). O certo é que Perón estava disposto a entrar no jogo para evitar qualquer acordo que o excluísse. Porém, Vandor, nesse sentido talvez estivesse satisfeito, pois

El frustrado retorno escondía un maquiavelismo de Vandor: demostrar – de manera tangible – que Perón no podía volver más al país. Como lógica consecuencia, el liderazgo vacante pasaría a manos del poderoso secretario general de la UOM. (BONASSO, 2002, p.150).

Com as insinuações de cisma rondando o Movimento, para as eleições legislativas de março de 1965 o peronismo estava reunido sob o nome *Unión Popular* (UP), uma vez que o *Partido Justicialista* estava proscrito. Considerados como “neoperonistas”, estes tinham uma visão muito mais ampla e flexível sobre a liderança de Perón. A maior preocupação de Perón era no campo eleitoral, onde poderia competir melhor com Vandor. Sendo assim, se Vandor conseguisse vencer com seus candidatos nas províncias e reunir os grupos neoperonistas, teria conseguido institucionalizar o peronismo sem Perón formando uma poderosa força dissidente. (ROMERO, 2006).

⁴⁵ Joseph Page (2014) explica que seus colegas haviam apelidado Vandor de “*El Lobo*”, pois quando era empregado da fábrica Philips em Buenos Aires havia se relacionado com uma moça a quem todos chamavam de “Chapeuzinho Vermelho”. O apelido ficou para sempre e Vandor logo demonstraria que estava disposto a liderar a “alcateia”.

Nesse contexto, emergiu uma nova personagem, enviada por Perón para tentar mudar os rumos dos acontecimentos. Alguém a quem ele confiava uma importante missão a fim de frear a ambição de Vandor e consolidar o verticalismo do Movimento. Isabel deixou de ser somente a esposa do líder para se tornar sua porta-voz e articuladora. Não se pode negar que os dez anos ao lado do líder certamente serviram de aprendizado para que Isabel recebesse essa missão. Perón não tomaria essa atitude se não tivesse total confiança no êxito de sua mensageira.

1.4. “PERÓN MUEVE LA DAMA”: OS PRIMEIROS PASSOS DE ISABEL NA ARTICULAÇÃO POLÍTICA

Perón demonstrou sua obstinação em não deixar lugar para uma nova geração de líderes. Utilizou uma tática para reafirmar sua autoridade que foi bastante efetiva durante seu exílio: decidiu usar a herdeira de seu sobrenome, sua esposa Isabel, para seguir seus passos. (PAGE, 2014). No decorrer de seu exílio na Espanha, Perón se preocupou em transformar Isabel em sua discípula política. A misteriosa dançarina que ele havia conhecido no Panamá, que até então cumpria um papel decorativo e doméstico, começou a se envolver em assuntos políticos de maneira mais efetiva.

O valor que Isabel mostrou durante a crise na Venezuela e a decisão de acompanhá-lo em um conturbado contexto de tiros e bombas, por certo consolidou a relação do casal. Talvez essa também tenha sido a razão pela qual ele começou a chamá-la em público por seu apelido *Chabela* como aparece em alguns testemunhos. Em uma carta enviada ao general Arnaldo Sosa Molina, pouco antes de Isabel empreender sua jornada política mais importante até então, Perón afirmou que

Ella tiene el tino necesario para obrar bien y está preparada convenientemente para enfrentar estas situaciones con la paciencia y el acierto que se necesita, de manera que hay que dejarla accionar y darle todo el apoyo posible desde las bases. (BELLOTTA, 2007, p.200)

Para seu marido, Isabel possuía discernimento acerca da importância de sua missão. Já instalados na Europa, em 1960, Perón deu uma grande prova de confiança a sua companheira. Enviou Isabel, com quem ainda não era casado, em viagem à Suíça para que encontrasse os supostos depósitos bancários que Evita

teria deixado em 1947 quando passou pelo país. (HALPERÍN, 2009). No entanto, *Chabela* não obteve sucesso na busca e o certo é que ninguém conseguiu rastrear os famosos depósitos.⁴⁶

Essa história ganhou repercussão e polêmica através do deputado da *Unión Cívica Radical* (UCR), Silvano Santander, que publicou em 1955 o livro *Técnica de una traición*, no qual acusa Evita de ter trabalhado para a embaixada alemã, a partir de 1941.⁴⁷ Santander afirma também que devido a suas atividades de espionagem para o governo alemão teria conhecido militares pró-nazistas que articulariam o golpe de 1943, no qual possibilitou a ascensão de Perón. Seu livro traz ainda, fotocópias de documentos assinados pelo embaixador da Alemanha, à ordem de Evita. (SILVA, 2009). De acordo com Ortiz (1997), constatou-se, anos depois, que estes documentos foram grosseiramente falsificados e puderam talvez, enganar o autor ou apenas afirmar sua parcialidade política. A autora chama a atenção para o fato de que se tenha atribuído a Evita ao mesmo tempo cumplicidade com os nazistas e com os anarquistas. O peronismo, como define a autora, “é um bricabraque que permite todos os tipos de interpretação. Mais que isso, ele os propicia”. (ORTIZ, 1997, p.69).

Após retornar sem êxito de sua ida à Suíça, a primeira missão política recebida por Isabel foi a viagem ao Paraguai em maio de 1965, onde ficou hospedada na residência do empresário Jorge Antônio.⁴⁸ Ao chegar em Asunción a esposa de Perón foi recepcionada por vários argentinos que foram até o Paraguai, tais como os sindicalistas Alberto Iturbe, Augusto Vandor, Andrés Framini, o historiador Fermín Chávez e a líder do ramo feminino do peronismo Delia Parodi. Todos levaram cartas a Perón, e para ela, doces e flores.⁴⁹ (SÁENZ QUESADA, 2016). Isabel portava uma mensagem pessoal de Perón ao ditador Alfredo Stroessner. Sobre o conteúdo não se sabe seu teor, mas Perón certamente confiava em Isabel e que sua mensagem estaria protegida com ela.

⁴⁶ Sobre o episódio do “ouro dos nazistas” depositados na Suíça, Miguel Bonasso faz referência à viagem do irmão de Evita, Juan Duarte, juntamente com Héctor Cámpora logo após a morte da primeira-dama. Os dois também voltaram de mãos vazias. (BONASSO, 2002, p.102).

⁴⁷ Os antiperonistas diziam que a viagem que Eva realizou à Europa em 1947, passando pela Suíça, foi justamente para depositar o ouro que havia recebido dos nazistas como parte de seus honorários.

⁴⁸ Após o *Operativo Retorno* Jorge Antonio sofreu sanções de Franco e foi convidado a se retirar do país. Refugiou-se no Paraguai logo em seguida.

⁴⁹ Nesse contexto talvez fosse comum uma mulher ser recebida com doces e flores, mas não podemos ignorar o simbolismo do machismo encontrado nesse “simples” ato de gentileza dos admiradores de seu esposo.

Isabel conversou com os dirigentes e pediu que organizassem atos públicos a fim de reunir os peronistas. Para aqueles que visitavam Perón em Madri talvez pudesse ter parecido estranho ver sua mulher falar, pois ela era bastante calada e não era de emitir sua opinião sobre os assuntos do marido. Talvez fosse uma tática para não chamar a atenção, mas não significa que ela não estivesse a par dos acontecimentos e disposta a tomar as rédeas no momento oportuno. Durante sua estadia no país, concedeu entrevistas à imprensa argentina e declarou a revista *Primera Plana*, de 18 de maio de 1965, que não se metia em política.⁵⁰ Outras publicações também se ocuparam em destacar seu modo luxuoso ao se vestir e fazer elogios as suas pernas torneadas de bailarina e classifica-la como

Menuda, casi un manajo de nervios, algo baja de estatura, elegante (pero quizá demasiado espectacular): Isabel Martínez de Perón agrupa las palabras y las lanza rápida, desordenadamente, con un acento español que oculta de alguna manera su origen riojano. Tiene 32 años: cuando habla parece distante, dura, incomunicada. (*Confirmado*, 21/05/1965, p.10).

Uma correção: Isabel, na ocasião, contava com dois anos a mais, ou seja, estava com trinta e quatro e não trinta e dois. A questão da idade foi sempre um ponto bastante enfatizado que aparece em quase todas as primeiras matérias publicadas sobre a nova esposa de Perón. Era uma maneira de marcar a grande diferença de idade entre o casal, pois Perón já alcançava os setenta. Enquanto alguns veículos da imprensa argentina davam destaque para temas considerados banais (roupas, modo de se portar, aparência), a brasileira considerava que os peronistas viam na viagem de Isabel ao Paraguai um plano para o retorno do líder.⁵¹

Segundo Bellotta (2007), Isabel teve tempo suficiente durante a viagem para estudar o manual escrito pelo general para orientá-la. Sob o título “Método”, Perón recomendava estabelecer um horário de trabalho como, por exemplo, receber as lideranças pela manhã e pela tarde dedicar-se a outras atividades e ao descanso. Uma das instruções dizia “un día por semana debe dejarse totalmente libre para reponer energías. Respetar minuciosamente el horario establecido es fundamental”. (BELLOTTA, 2007, p.200). Segundo a autora, o manual foi redigido em terceira

⁵⁰ A afirmação de Isabel de que não se metia em política, faz lembrar as palavras de Evita que sempre repetia: “yo nunca me metí en política”, como forma de colocar o peronismo em outro plano, o do cotidiano e das coisas ordinárias para estar mais próxima do povo. Era uma estratégia que parece ter sido seguida pela nova esposa de Perón, pois durante os anos que Evita esteve ao lado do general, percebeu-se uma dimensão mais afetiva que política em seus discursos.

⁵¹ *Jornal do Brasil*, 14 de maio 1965, p.8.

pessoa e somente Isabel deveria ler, isto é, Perón lhe forneceu instruções exclusivas.

Após sua missão no Paraguai, Isabel viajou à Argentina na primeira metade de outubro de 1965 e não passou despercebida. Com sua chegada ao país voltaram os enfrentamentos de setores peronistas e antiperonistas. Isabel ingressou em Buenos Aires com o discreto nome de solteira María Estela Martínez para não chamar a atenção, porém, logo surgiram várias pessoas querendo entrevistá-la. A primeira reunião de Isabel após sua chegada foi com o sindicalista Augusto Vandor e seu assessor econômico, Antonio Cafiero. O objetivo de Isabel era justamente restabelecer a verticalidade da condução local até então controlada pelo metalúrgico e secretário da 62 *Organizaciones*.⁵²

A “outra Evita”, como alguns a intitularam, hospedou-se no Alvear Palace Hotel, no aristocrático bairro da *Recoleta*. Houve protesto nas ruas e, durante sua estadia, ouviu toda ordem de insultos cantados pelos antiperonistas, tais como, “*que Isabel se vaya al Bajo / a seguir con su trabajo*”.⁵³ Ao mesmo tempo em que alguns simpatizantes se referiam a ela como uma nova “*jefa espiritual del justicialismo*”. (HALPERÍN, 2009). Porém, a permanência de Isabel no luxuoso hotel terminou quando o *Comandos Civiles*, grupo armado católico de direita e oposto a Perón, escondeu armas, bombas *molotov* em um bar próximo e organizaram uma “*marcha por la libertad*”. Nessa ocasião, o grupo teve enfrentamento com a guarda juvenil peronista e o gerente do hotel lhe intimou a partir. Entre os membros da *Juventud Peronista* que faziam sua segurança estavam Alberto Brito Lima do *Comando de Organización* (CdeO), o qual se tornou um “isabelino” fervoroso, e Dardo Cabo, filho de um metalúrgico ligado a Vandor e pertencia ao *Movimiento Nueva Argentina*.

⁵² Em 1957, a ditadura dos “Libertadores” decidiu normalizar a *Confederación General del Trabajo* (CGT) - que era controlada pelos peronistas antes de 1955 - e convocou um congresso de representantes dos sindicatos. Como existia um forte embate entre os peronistas e os antiperonistas a reunião só serviu para marcar ainda mais as diferenças dos trabalhadores e as 62 agremiações controladas pelos peronistas formaram um grupo chamado 62 *Organizaciones*, enquanto os antiperonistas reuniram seus partidários em uma entidade rival. (PAGE, 2014).

⁵³ Aludindo a seu possível passado de prostituta quando era dançarina.

(MNA)⁵⁴ (LARRAQUY, 2007). O *Jornal do Brasil* publicou um acontecimento curioso durante a estadia de Isabel no Alvear Hotel

[...] dois jornalistas argentinos, usando roupas pertencentes a operários de uma obra em construção, próxima ao hotel, conseguiram passar a barreira criada pelas autoridades no Alvear Palace Hotel, onde se hospedou a senhora de Perón após sua inesperada viagem aérea de Madri a Buenos Aires. Enquanto mais de uma centena de outros jornalistas tentavam autorização para o ingresso, os dois operários chegaram aos apartamentos 511 e 512 onde está instalada Isabel Perón. Isabel recebeu muito emocionada e beijou os dois jornalistas no rosto, dizendo: “Perón pensa regressar ao país o mais depressa possível. Vocês que são jovens, tem que lutar e apoiar o regresso de Perón”. Antes que se retirassem Isabel disse ainda que “ficarei no país o tempo em que me for possível e no dia 17 de outubro estarei junto ao povo”. (*Jornal do Brasil*, 13/10/1965, p.9).

A notícia conclui que em entrevista coletiva, Isabel disse ter chegado ao país como uma “mensageira da paz e unificação de todos os argentinos”. Apesar de sofrer com os ataques dos antiperonistas, a partir do acontecimento mencionado na notícia acima, percebe-se como a chegada de Isabel foi algo que mexeu com o país. Muitos jornalistas queriam se aproximar daquela que era a companheira do líder. Ela era a representante e a voz de Perón naquele momento e, por isso, movimentou tantos simpatizantes.

Com o título “Perón ainda perturba”, a revista *Manchete*, veiculou em uma matéria afirmando que a mulher do setuagenário general Perón exacerbou ainda mais a paixão política na Argentina. Com isso, mais uma vez peronistas e antiperonistas entraram em confronto deixando mortos e feridos e que

Além da presença de Isabel Perón na Argentina, os peronistas comemoraram o 20º aniversário da subida de Juan Perón ao poder. Na semana passada, grupos de peronistas exaltados foram submetidos a uma rigorosa revista, por parte de soldados do exército, pouco depois de grave e sangrento conflito nas imediações da Praça Rosada (sic), onde se acha localizado o palácio presidencial. (*Manchete*, 13/11/65, p.136)

Após esses acontecimentos turbulentos, Isabel se trasladou para o hotel do sindicato *Luz y Fuerza*, a menos de duas quadras na Avenida *Callao*, mas os

⁵⁴ Dardo Cabo, começou sua militância política no *Movimiento Nacionalista Tacuara* (MNT), grupo católico de direita. Porém a princípio de 1961, saiu do grupo e criou o *Movimiento Nueva Argentina* (MNA), um dos primeiros grupos católicos peronistas de direita. Já na década de 1970, mudou de ideologia e integrou o grupo de esquerda *Montoneros*. Dividiu com Ricardo Grassi a direção da revista oficial do grupo, *El Descamisado* entre 1973 e 1974. O curioso é que os dois jovens seguranças da “Señora de Perón”, Dardo Cabo e Alberto Brito Lima, encabeçaram correntes juvenis antagônicas dentro do peronismo nos anos setenta.

episódios de violência voltaram a se repetir. Em todo lugar no qual se hospedava recebia apoio de seus simpatizantes, ao mesmo tempo em que era insultada pelos antiperonistas. Logicamente a presença da mulher de Perón, fazia com que a figura do líder voltasse a ser projetada na Argentina dez anos após sua queda. Depois de presenciar tantas cenas violentas e temendo por sua vida, Isabel se refugiou na casa do dirigente Eduardo Farías, em Caseros e logo ir ao *Parque Patricios* onde presidiria o ato de 17 de outubro, conhecido como *Día de la Lealtad Peronista*. O governo de Arturo Illia já preparava medidas repressivas para que o ato não acontecesse “por los acontecimientos, por las motivaciones emocionales inclusive [...] ante la posibilidad de una reacción en cadena luego de los violentos incidentes desatados por la presencia de Isabel Perón”. (*Confirmado*, 21/10/65, p.10).

Segundo Larraquy (2007), na noite de 16 de outubro cerca de trezentos policiais rondavam a quadra da casa onde Isabel estava hospedada, dispostos a vigiar cada passo que dera. Alguns militantes conseguiram distrair os policiais e retiraram Isabel às pressas, no meio da noite. Houve tiroteio e ela precisou ser translada para *Almagro* até que chegou a *Vicente López*, na região metropolitana, quando começou a marcha organizada por *Comandos Civiles* e a obrigou, por decisão do delegado pessoal de Perón na Argentina, Jorge Daniel Paladino, a ir até o bairro de *Caballito* onde ficava a casa do major reformado Bernardo Alberte, membro a Loja Maçônica Anael.⁵⁵ No dia 17 a polícia frustrou o ato programado pelos peronistas. Isabel ficou desaparecida por quatro dias e a imprensa não soube de seu paradeiro. (*Jornal do Brasil*, 22/10/65).

A viagem a seu país natal também provocou comoção em sua família. Sem vê-la desde 1955, sua mãe e seus irmãos chegaram a ir até o hotel, mas ela não os recebeu. Meses mais tarde seu irmão Dardo insistiria em uma visita, dessa vez para lhe dar a notícia de que sua mãe estava com câncer e lhe restavam poucos dias de vida. Isabel o ignorou e só ofereceu dinheiro para ajudar a pagar o velório quando chegasse a hora. O historiador Marcelo Larraquy (2007) é quem narra esse episódio em seu livro e o relato também é mencionado por Joseph Page (2014). A atitude parece plausível, visto que Isabel cortou relações com a família logo após ir viver com a família Cresto.

⁵⁵ De acordo com o livro *La razón del Tercer Mundo* (1964), de Júlio Cesar Urien, a loja maçônica Anael teria sido fundada pelos presidentes Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón em 1954. Entre os filiados estariam o major Alberte e o ex-cabo da Polícia Federal, José López Rega, figura polêmica que conseguiu se aproximar de Isabel e adquirir sua confiança.

Aqui Larraquy (2007) traz outro dado importante. Segundo ele, foi na casa do major Alberte que Isabel conheceu López Rega. A mulher de Perón ficou bastante interessada sobre os assuntos esotéricos e conhecimentos sobre espíritos que possuía o ex-cabo da Polícia Federal. Apelidado de *Hermano Daniel* (em referência ao profeta Daniel do Velho Testamento, o qual era capaz de interpretar os sonhos do rei Nabucodonosor) para Isabel, *El Brujo*, como ficaria conhecido em seguida, possuía palavras de sabedoria. Sabendo que estava ali a esposa do general Perón, inteligentemente López Rega levou uma pasta com fotos da década de 1950 em que mostravam ele fazendo parte da segurança de seu marido e da falecida ex-primeira-dama Evita no Palácio Unzué. Essa era sua única credencial de peronista. (PAGE, 2014).

Sáenz Quesada (2016) cita uma versão na qual Isabel e López Rega teriam se conhecido no cabaré *Happy Land*, no Panamá e, uma segunda, na qual eles já se conheciam antes, pois seriam agentes da CIA. Miguel Bonasso (2002) afirma que esta tese surgiu nos anos setenta, mas nunca foi comprovada. O interessante é que ambas versões parecem colocar López Rega como um ser onipresente, aparecendo por vários lugares pelos quais Isabel teria passado antes de 1965. Acredito que estas versões serviriam apenas para explicar a estranha relação dos dois quando ela exerceu o cargo de presidente. O fato é que a esposa de Perón encontrou no *Hermano Daniel*, parte de sua família, não a biológica, mas a que lhe acolheu e que acreditava no poder das forças ocultas dos espíritos. Creio que a narrativa mais plausível é a de que Isabel conheceu *El Brujo* López Rega em 1965 durante sua viagem à Argentina e de concreto se tem a certeza de que ele a acompanharia até 1975.

Logo após a passagem pela casa do major Alberte, Isabel voltou a público na viagem a Córdoba e, segundo os jornais, sempre escoltada por Brito Lima e Dardo Cabo. Essa primeira etapa da visita de Isabel teve o apoio financeiro de Vador, assim como o fornecimento de carros e seguranças para que pudesse realizar sua jornada pelas províncias. Além de Córdoba, visitou as províncias de San Luis, Mendoza, Santa Fe, La Pampa, San Juan, La Rioja, Tucumán, Salta e Catamarca. Durante sua viagem pelo interior do país, ocupou-se de várias atividades e

[...] visitó delegaciones gremiales, bautizó niños, saludó a obispos, pidió decenas de minutos de silencio en memoria de Evita, y habló en actos callejeros a cualquier hora de la noche. Siempre estaba dispuesta para asumir el rol de oradora. (LARRAQUY, 2007, p.157).

Quando chegou a província de Santa Fe escreveu eufórica a Perón em 21 de novembro de 1965 lhe contando que em Rosário em um só dia recebeu mais de oito mil pessoas e que o fato de ter apertado muitas mãos lhe gerou um calinho no dedo mindinho. Em um dos trechos da carta diz “el día que llegues sólo podrás andar en helicóptero; yo, que no soy nadie ni nada, tengo que levantar del suelo a las mujeres que quieren besarme los pies...”.⁵⁶ Percebe-se que, salvo exagero, parecia que Isabel realmente, entre os peronistas, estava sendo tratada quase como Eva Perón. Em outras palavras, havia certo ensejo para que Isabel retomasse a liturgia do mito da falecida esposa de Perón.

Sáenz Quesada (2016) cita que uma matéria da revista *Así*, de 16 de dezembro de 1965, são exaltados os dotes de oradora da esposa de Perón e que se revelara uma emissária política. Em um determinado momento da viagem, Vandor advertiu que Perón não jogava limpo e cortou a verba de sua esposa quando estava em Rosário, deixando-a a própria sorte. Entretanto, segundo o relato do dirigente sindical Miguel Gazzera em depoimento a biógrafa de Isabel, esta teria conhecido López Rega em Rosário e voltado com ele a Buenos Aires. Outra versão diz que eles se conheceram depois de sua viagem a província de Santa Fe. Mais uma vez surgem versões distintas para o primeiro encontro de Isabel e López Rega.

Enquanto Isabel fazia sua viagem pelo interior do país, da Espanha em janeiro de 1966 Perón convenceu José Alonso, dirigente da *Asociación Obrera Textil*, a se opor a condução de Vandor e, para isso, lhe escreveu uma carta pedindo para que sua esposa assumisse a direção política do Movimento na Argentina. Foi então que Alonso criou uma nova agrupação sindical sob o nome de *62 Organizaciones de pie junto a Perón* enfrentando Vandor abertamente. Dessa forma, houve então uma divisão no grupo peronista: os vandoristas, que naquele momento eram maioria, e os verticalistas que apoiavam Isabel.

Para alguns autores a chegada de Isabel na cena política acirrou tal divisão. O surgimento de várias fissuras dentro do peronismo irá refletir no futuro da condução do Movimento e se acirrar após a morte de Perón. Um exemplo de que essa cisão já estava em curso foi durante as eleições para governador nas

⁵⁶ “Exclusivo: las cartas privadas inéditas de Isabel a Perón durante una misión en Argentina.” **Infobae**, Buenos Aires, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2017/06/25/exclusivo-las-cartas-privadas-ineditas-de-isabel-a-peron-durante-una-mision-en-argentina/> Acesso em: 28 de nov. 2018.

províncias de Mendoza e Jujuy, na qual houve dois candidatos peronistas, um com o apoio do *El Lobo Vador* e outro apoiado pela “*Mensajera de Perón*”. O candidato isabelino superou o vadorista em Mendoza e, José Humberto Martiarena, candidato de Vador triunfou em Jujuy. Dessa forma, a disputa entre Perón e Vador terminava empatada. Para justificar sua postura, *El Lobo* afirmou “Hay que estar contra Perón para salvar Perón”. (GURUCHARRI, 2000, p.86). Conforme Romero (2006), Perón vencia dentro do cenário eleitoral e Vador, no sindical. Talvez por isso o segundo decidiu descartar temporariamente o cenário eleitoral para dedicar sua atenção aos grandes agentes corporativos.

Como era difícil para Isabel memorizar os textos, no resto de sua visita pelo país houve uma diminuição dos discursos, - que segundo Halperín (2009) não eram muitos - porém, a esposa de Perón apareceu várias vezes na televisão e sua viagem pelo país teve ampla cobertura das revistas *Confirmado* e *Primera Plana*. Neste cenário, percebe-se que Isabel já desempenhava o papel da personagem política tanto que o governo de Illia tolerou sua presença, pois necessitava frear a ação do peronismo sindical vadorista que o desestabilizava. A esposa do líder tinha por missão controlar o chefe metalúrgico e estabelecer o contato direto com a base popular e com o comando provincial. Em entrevista à imprensa argentina, Isabel disse que Perón voltaria quando imperasse um clima de paz e que Vador era um amigo. (SÁENZ QUESADA, 2016).

Por certo a essa altura e nessa conjuntura Isabel tinha feito um bom papel. Mexeu com as bases, tal como queria Perón. Existe certa complexidade em considerar uma unidade dentro do Movimento após a viagem de Isabel. Para isso é necessária uma reflexão sobre o que talvez Isabel almejasse além das expectativas de seu esposo. Nesse ponto, se faz oportuno mencionar a experiência da mulher mais ilustre do peronismo: Eva Perón. O poder não institucionalizado de Evita servia ao equilíbrio do regime. Mesmo que ela não trabalhasse em seu próprio nome, podia ter atitudes que Perón não se permitia, pois precisava guardar as formas institucionais.

Durante os anos setenta formou-se uma corrente dentro do peronismo conhecida por *Evitismo*, a qual não existiu de maneira autônoma fora do peronismo. Eva foi o que Perón permitiu que ela fosse, naquela época e naquele lugar. Porém, mesmo circunscrita por esses limites, conseguiu arrastar uma legião de seguidores fervorosos que possibilitou uma grande adesão política. Como ela mesma repetia

incansavelmente, era submissa ao líder. Entretanto, ao longo de sua trajetória percebe-se que tal submissão não era absoluta, pois Eva a sacrificava quando assim julgasse conveniente.⁵⁷ Embora tenha realizado uma política muito original, seu significado do fazer político é bastante diferente do *Evitismo* de esquerda dos anos setenta.

No caso de Isabel, ao cumprir sua missão teria ela alguma vez agido por vontade própria? Partiu dela alguma decisão? Ela sempre foi colocada como uma marionete, a qual Perón manipulava como queria. Isabel reunia em sua pessoa algumas contradições: era de aparência submissa, mas havia saído do país ainda muito jovem, abandonado a família biológica, viajou por vários países para apresentar-se como dançarina e logo foi viver com um homem trinta e seis anos mais velho. Levava uma vida espiritual ambígua, participava da missa dominical e de cerimônias espiritualistas que a Igreja Católica reprovava. Em uma sociedade complexa e em muitos aspectos dual, a “outra Evita” poderia aspirar mais que sua antecessora.⁵⁸

Destaco que ao retornar à Espanha em companhia de López Rega sem a prévia “anuência” de Perón demonstra que Isabel agiu, ao menos uma vez, por sua própria vontade. Não foi uma decisão de Perón que *El Brujo* fosse viver com eles em Madri. López Rega inicialmente desempenhava atividades de mordomo que incluíam servir café, abrir a porta e atender ao telefone. A atitude de Perón ante o novo empregado ia desde uma tolerância amável até o completo desdém. (PAGE, 2014). Aos poucos, Lopecito – como Perón o chamava – foi adquirindo importância e de mordomo passou a ser secretário privado de Perón chegando ao cargo de ministro nos governos de Cámpora, Lastiri, Perón e Isabel. *El Brujo* era, para Isabel, alguém elevado espiritualmente, embora mais tarde ela tenha tomado consciência de que na realidade ele só queria um trampolim para chegar ao poder e ela se serviu muito bem a isso.

⁵⁷ Evita foi uma figura paradoxal entre a autonomia e a dependência. O contraponto entre obrigações públicas e domésticas das mulheres gerava um afastamento de um espírito “feminista”, o qual era constante em seus discursos. Apesar de ter sido uma das porta-vozes voto feminino em 1947, Evita nunca foi considerada uma feminista.

⁵⁸ Tal aspiração se concretizaria em sua nomeação para o cargo de vice-presidente. Importante mencionar que tanto Eva como Isabel sofreram com os ataques machistas de uma sociedade conservadora. A primeira, ex-atriz era considerada “la puta”, “la vaca” para os antiperonistas. Já para seus seguidores era a “santa”, “madre de los descamisados”. No entanto Eva era a prostituta sagrada e Isabel, ex-dançarina, era somente a prostituta e não havia devoção por sua figura.

Retomando ao tema da viagem de Isabel como mensageira de Perón, antes de terminar sua estadia na Argentina, o governo de Illia, temeroso da escalada sindical, através de decreto limitou a movimentação dos fundos sociais dos sindicatos e seus desvios para assuntos políticos. Em outras palavras, o governo estava querendo impedir que os sindicatos mais poderosos financiassem o peronismo. Em abril de 1966 a revista *Confirmado* publicou um título sugestivo em sua capa: “*Isabel Perón. Un solo peronismo*”. Esse era o objetivo do líder: enfileirar todo o peronismo atrás da figura de Isabel, que naquele momento era sua própria representação.

Logicamente, como é possível perceber, a viagem de Isabel não conseguiu unificar o peronismo dividido, ou pelo menos enfraquecer aqueles que estavam em enfrentamento com Perón. Sua conquista foi promover o diálogo com os dirigentes mais importantes do meio sindical e fazer com que seu alvo principal, Augusto Vandor, sofresse algumas derrotas no campo eleitoral. Isabel também se reuniu com outros líderes sindicais tais como José Rucci, Rogelio Coria e Lorenzo Miguel. A princípio de 1966 a presença de Isabel no país confirmava a vigência de Perón como condutor do Movimento e colocava Vandor a uma situação complicada.

Se considerarmos o contexto de uma época traumática de negociações dentro do peronismo juntamente com os constantes rumores de golpe ao governo de Illia, sua viagem foi um êxito. Isabel não somente teve que lidar com distintos setores peronistas como também teve a ousadia de apresentar-se como esposa do líder, *status* que, até o momento, só era reconhecido Eva Perón. Essa talvez tenha sido a tarefa mais difícil, não somente durante essa visita, mas durante toda sua vida ao lado de Perón. (BELLOTTA, 2007). Nesse ponto, Isabel talvez tenha sentido o peso de sua presença e das comparações com Evita. A revista *Primera Plana*, em sua edição de 5 de outubro, publicou

La semana pasada, el fantasma de otra Eva Perón amenazó con derrumbarse sobre el peronismo: más precisamente, el viaje que María Estela “Isabel” Martínez se presentaba a iniciar en Madrid, ponía en peligro el nuevo comando nacional del Movimiento. (HALPERÍN, 2009, p.52).

Em junho o general Juan Carlos Onganía pôs o golpe em marcha e a “Revolución Argentina tenía como objetivo no declarado gobernar hasta la muerte de Perón.” (BONASSO, 2002, p.154). Dessa maneira, a ditadura iniciada em 1966 era de tipo permanente segundo o modelo de Estado autoritário-burocrático proposto

por Guillermo O'Donnel (1982), diferentemente das três anteriores (1930, 1943, 1955) que tinham caráter provisório. Até 1966, a violência política subversiva e contestatária era um fenômeno praticamente desconhecido na Argentina. (KANDEL; MONTEVERDE, 1976). Foi a partir do governo de Onganía que se propiciou o surgimento das guerrilhas, algumas das quais Perón apoiou durante seu exílio.

Logo após a queda de Illia, Perón ordenou que sua esposa retornasse à Espanha, pois o momento não era propício para que permanecesse na Argentina. Ela retornou e, como já mencionado, levou consigo López Rega, o obscuro personagem que se converteu mais tarde em um inseparável colaborador. Isabel voltou outras vezes à Argentina antes de seu regresso definitivo com o general Perón em junho de 1973. Em 7 de dezembro de 1971, desembarcou mais uma vez rumo ao Aeroporto de Ezeiza e, dessa vez, acompanhada de López Rega e Victoria Lorente, sua secretária privada. A esposa de Perón foi recebida por Cámpora, as irmãs de Evita e um grupo de sindicalistas como Rucci e Miguel que lhe presentearam, mais uma vez, com flores. (SÁENZ QUESADA, 2016).

Essa nova missão, que foi de dezembro de 1971 a março de 1972, era diferente da recebida em 1965 e a situação política também havia mudado. O país estava sob o comando do general Alejandro Lanusse, um antiperonista histórico.⁵⁹ Isabel viajou para participar do *Congreso de Mujeres Justicialistas* e também para a divulgação e lançamento da revista *Las Bases*,⁶⁰ dirigida por López Rega. Na publicação Isabel escrevia uma sessão para as mulheres e Perón uma coluna sobre política. A viagem deixou Perón satisfeito, pois ressaltou em Isabel suas “qualidades de mulher” e era um feito que antecipava o retorno do líder. (HALPERÍN, 2009, p.54)

Pouco antes da viagem de Isabel, Jorge Daniel Paladino foi substituído por Héctor Cámpora como delegado pessoal de Perón. Segundo Sáenz Quesada (2016) as informações que chegavam a Madri eram de que a ditadura de Lanusse estava debilitada tanto pela oposição interna dentro do Exército, o qual contava com uma forte corrente de oficiais nacionalistas, assim como pela possibilidade de uma insurreição popular que parecia estar em curso. A viagem de Isabel era, portanto, outra estratégia astuta de Perón. Sua presença, mais uma vez, serviria para reforçar o verticalismo do líder e evidenciar sua posição dentro do peronismo. Durante os

⁵⁹ Lanusse havia participado do levante frustrado contra Perón liderado pelo general Menéndez, em 1951. Ficou em uma prisão na Patagônia durante o resto do mandato de Perón.

⁶⁰ A revista era órgão oficial do Movimento e logo se transformou em espaço de promoção ministerial e pessoal de López Rega, onde também publicava seus escritos sobre astrologia.

três meses que esteve na argentina, Isabel visitou várias organizações peronistas e repetiu os pronunciamentos de seu marido sobre as virtudes de unidade. (PAGE, 2014).

Em suas primeiras entrevistas, Isabel afirmou que Perón regressaria ao país se lhe fossem asseguradas condições jurídicas e de segurança, bem como se fosse recebido com as honras de quem havia sido presidente por dois mandatos. No campo sindical a nova condução das 62 *Organizaciones* estava nas mãos dos antigos vandoristas que haviam voltado ao redil: José Rucci, Lorenzo Miguel e Rogelio Coria. Esses dirigentes estavam dispostos a ajudar Perón financeiramente. Já no campo eleitoral, a articulação política era reivindicada por organizações juvenis da esquerda peronista como a *Juventud Peronista* (JP), agrupando a *Tendencia Revolucionaria* e a Organização Político-Militar *Montoneros*, que se apresentou publicamente em maio de 1970 assumindo a responsabilidade pelo sequestro e assassinato do ex-ditador da *Revolución Libertadora* de 1955, Pedro Eugênio Aramburu.⁶¹

Do exílio Perón apoiava a guerrilha como um instrumento para desestabilizar a ditadura e só fez isso até o momento que lhe foi conveniente. O líder havia mobilizado e seduzido a juventude radicalizada com frases como “la violencia en manos del pueblo no es violencia, es justicia”. (ROSTICA, 2011, p.39). Perón mantinha correspondência com *Montoneros* e recebeu alguns de seus líderes em Madri.⁶² Aceitou os nomes de Francisco Licastro e Rodolfo Galimberti como representantes juvenis no *Consejo Superior del Movimiento Justicialista Nacional* e foram essas organizações da JP os protagonistas indiscutíveis da próxima campanha eleitoral peronista. (GILLESPIE, 2011).

A Argentina passava por problemas políticos e econômicos que, somados a um fracassado plano de modernização, faziam com que a *Revolución Argentina* não se sustentasse. Lanusse, então, em julho de 1971, apresentou o *Gran Acuerdo Nacional* (GAN), uma proposta política para restabelecer o regime democrático, chamando eleições para 11 de março de 1973. Para os militares, o GAN significava uma saída honrosa da *Revolución Argentina*. Pouco antes do anúncio do acordo, o

⁶¹ Entende-se por esquerda peronista aqueles cujas metas foram o socialismo e a soberania popular. O grupo se cristalizou em uma tendência revolucionária durante os anos setenta na *Juventud Peronista* e nas “*formaciones especiales*” que se lançaram para a guerrilha urbana.

⁶² No livro *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón e Montoneros* (2005), Beatriz Sarlo analisa os documentos escritos pelos *Montoneros*, interpretando seus manifestos, revelando as entrelinhas de sua correspondência com Perón.

cadáver de Evita foi devolvido a Perón em sua residência em Madrid, indicando um gesto de trégua entre a ditadura e o peronismo. A intenção de Lanusse era de acabar com a exclusão do peronismo e iniciar a abertura política, porém com algumas restrições a fim de manter o controle militar sobre o próximo governo eleito.

Lanusse tentou condicionar o processo eleitoral através de um dispositivo legal que permitisse vetar a candidatura presidencial de Perón. Sendo assim, para poderem concorrer às eleições, os futuros candidatos deveriam residir no país desde antes de 25 de agosto de 1972, o que tirava Perón da disputa. (CHITARRONI MACEYRA, 2004). Outro acordo sugerido era que houvesse uma coalizão de distintas forças políticas com o peronismo para uma chapa presidencial, isto é, o primeiro elemento poderia ser o próprio Lanusse e, o segundo, um dirigente peronista. (SÁENZ QUESADA, 2003).

Com as demonstrações de abertura política, Perón viajou à Argentina, no dia 17 de novembro de 1972. Foi montado um aparato de segurança para evitar distúrbios e uma passeata que reunia em torno de duas mil e quinhentas pessoas foi dissolvida pelos militares com bombas e gás lacrimogênio. (*Correio da Manhã*, 18/12/1972, Capa). Após a escala em Roma, o avião trazendo Perón, Isabel e López Rega aterrissou em Ezeiza. Chovia e Rucci o recebeu embaixo de seu guarda-chuva enquanto o líder acenava para a pequena multidão que o esperava, entre eles sindicalistas, clérigos, políticos e artistas que voaram de Buenos Aires para participar desse momento histórico. Visivelmente emocionados, Isabel “lloraba abiertamente y el General tenía lágrimas en los ojos”. (SÁENZ QUESADA, 2003, p.100). Perón tocava em solo argentino após 17 anos de ausência.

Os jornais publicaram que sua chegada gerou alguns transtornos e o casal teve que passar a noite no Hotel Internacional em Ezeiza. Na manhã seguinte foram para a casa que o *Partido Justicialista* havia escriturado em nome de Isabel na rua Gaspar Campos, próximo a Olivos.⁶³ Segundo a própria imprensa oficialista, cem mil pessoas foram até a residência para ver Perón “y muchos durmieron al sereno, en los zaguanes y en las veredas, con la cabeza apoyada en un bombo o en el hombro de sus parejas.” (BONASSO, 2002, p.439). Para os militantes, o momento significava reviver a liturgia do peronismo quando estava no poder antes de 1955. Bonasso (2002) relata que, ao anoitecer, Ricardo Balbín chegou a Gaspar Campos

⁶³ Local onde está localizada a residência presidencial.

para uma conversa com seu velho adversário e foi recepcionado sob os gritos de “gorila” enquanto outros pediam respeito. Quando se retirou, respondeu aos jornalistas “se habló hacia adelante y no hacia atrás”. (BONASSO, 2002, p.440). Nesta mesma noite Perón recebeu outros políticos e, dessa forma, iniciava mais uma etapa do jogo político.

Durante o tempo em que estiveram na Argentina – pouco menos de um mês - à medida que Perón ocupava o centro da cena política, parecia que a figura de Isabel voltaria a ficar confinada ao rol tradicional da mulher do político, relegada ao âmbito doméstico. Segundo Sáenz Quesada (2003), sem pretender competir como Evita, Isabel saía na sacada da casa com fotografias da falecida ex-primeira-dama, pedia silêncio, levantava os braços e gritava junto com a multidão “¡Evita! ¡Evita! ¡Evita!”. Diferentemente de 1951, o cenário era de modernização não somente nas indústrias, mas também dos trabalhadores e, principalmente, do papel da mulher.⁶⁴

As transformações que ocorreram nas décadas de sessenta e setenta possibilitaram o ingresso das mulheres na universidade, o trabalho remunerado fora do lar, a moda informal, o uso da pílula anticoncepcional e as novas formas de sociabilidade feminina graças a uma maior liberdade em diversos campos, incluindo o sexual. Nesse contexto, Isabel provavelmente poderia aspirar ser mais que a esposa submissa do líder, pois além dessas conquistas femininas, durante sua primeira viagem à Argentina em 1965, demonstrou aptidão para a articulação política quando dialogou com importantes líderes sindicais e conseguiu mover simpatizantes e partidários. O fato de ter confrontado as bases e provocado protestos de setores antiperonistas, a certificou como uma figura política capaz de atrair atenção de várias camadas da sociedade e possibilitou a construção de uma personagem complexa dentro e fora do peronismo.

⁶⁴ Em 1951, Evita ambicionou concorrer ao lado de Perón para a eleições presidenciais, porém, devido a sua saúde debilitada e outros fatores conjunturais, teve de renunciar à campanha em 22 de agosto, que ficou conhecido como *el día del renunciamento*.

CAPÍTULO 2

“LA MARTÍNEZ”: A FIGURA DE ISABEL NA IMPRENSA MONTONERA

“Isabel, López Rega y el vandomismo, que aspiran a esa conducción, recurren a la invocación del General y su herencia, al manejo del aparato del Estado y de la Cúpula del Movimiento, a medidas reformistas, el engaño y la violenta representación del auténtico peronismo”.

EVITA MONTONERA, DEZEMBRO DE 1974.

2.1. EL DESCAMISADO, EL PERONISTA, LA CAUSA PERONISTA E EVITA MONTONERA: A IMPRENSA MILITANTE DA ESQUERDA PERONISTA

Isabel como figura histórica é pouco explorada de maneira aprofundada pela historiografia. No entanto, ao analisar as publicações montoneras e da esquerda peronista, observa-se que sua atuação apesar de reprovada, não foi ignorada totalmente. Afirimo isto, pois é possível perceber que sua presença no espaço político incomodava a militância de esquerda ao publicarem editoriais e matérias que a atacavam diretamente. De certa maneira, alguns grupos tentaram diminuir sua participação política, mas ao dar publicidade aos seus atos ou discursos fez com que sua imagem tivesse uma projeção que possibilitou deixar sua marca mesmo que, para eles, de forma negativa. Ninguém passa pela história sem julgamentos e Isabel foi constantemente questionada sobre sua capacidade de tomada de decisões.

Antes de sua chegada ao cenário político, durante o final dos anos 60 e início dos 70, emergiram na Argentina grupos armados de esquerda que preconizavam ideologias peronistas e/ou marxistas-trotskistas. As mais conhecidas foram a Organização Político-Militar *Montoneros* (OPM-Montoneros),⁶⁵ de orientação peronista, e o *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP), marxista-trotskista. Ambos grupos “mantiveram durante praticamente toda sua existência uma produção jornalística significativa, na qual expuseram suas posições políticas”. (MARTINS,

⁶⁵ Organização hegemônica dentro do coletivo da guerrilha peronista que englobava as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) e *Descamisados*.

2018, p. 43). O ERP com o jornal *El Mundo* e *Montoneros* com uma série de publicações sistemáticas, como *El Descamisado*, *El Peronista*, *La Causa Peronista* e, a clandestina, *Evita Montonera*.

O elemento que os unia era a estratégia de guerrilha, no entanto, essas organizações possuíam diferenças que, muitas vezes, faziam com que estivessem em campos opostos do cenário político. Porém, essa oposição deixou de ser significativa quando surgiu um inimigo em comum: o governo de Isabel Perón e sua política violenta que acabou por legitimar, de certa maneira, a ascensão dos militares ao poder em 1976. A relação do governo com a imprensa escrita da Capital Federal foi mais amistosa durante o terceiro governo de Perón. No entanto, os jornais e revistas de setores juvenis eram bastante críticos e exigiam o cumprimento das promessas de Perón utilizando todas formas de comunicação que em geral aplicou durante seu longo exílio para transformar o Perón real no Perón ideal: mitificado, messiânico, legendário. (GONZÁLEZ, 2007).

Sigal e Verón (2004) analisam a posição da *Juventud Peronista* como um dispositivo de expressão das ideias de Perón. Em seu estudo, os autores atribuem a dificuldade dos jovens peronistas a sua condição de vanguarda popular e sua adesão simultânea ao peronismo. Como argumenta Daniela Slipak (2015), “es decir, al contradictorio intento de reivindicar la representación del pueblo, por un lado, y de adscribir a una tradición cuyo líder expresa de manera intransferible la voluntad de ese pueblo, por el otro.” (SLIPAK, 2015, p. 16). Havia muitas contradições dentro da esquerda do Movimento e, apesar de *Montoneros* se colocarem como peronistas, isso não significou que a esposa do líder receberia seu apoio. Muitas eram as críticas de seus membros quanto a presença de Isabel ao lado de Perón, as quais se intensificaram quando ela assumiu a presidência.

Segundo González (2007), após o falecimento de Perón, a imprensa escrita, de rádio e televisão cometeu todo tipo de abuso, a tal ponto que Isabel em um de seus discursos disse com “enérgica verdad que el país sufría un verdadero ‘terrorismo periodístico’”. (GONZÁLEZ, 2007, p. 110). A partir de então, Isabel começou a negar-se a dar entrevistas a jornalistas e passou a falar diretamente com o povo, sem intermediários, segundo o governo, para evitar distorções. Seu secretário técnico, Júlio González, propôs a emissão de um boletim diário por cadeia nacional de rádio (tal como Perón fez durante os anos 40 e 50) para equilibrar a guerra jornalística ao governo de Isabel.

González (2007) afirma que os governistas estavam à mercê dos jornais opositores, cuja atitude crítica aos atos da presidente levaria a um só fim: o golpe de Estado. Em seu livro, o secretário de Isabel relata que os serviços de inteligência das Forças Armadas não era alheio a essa campanha e que o chefe da *Secretaria de Inteligencia del Estado* (SIDE) havia oferecido apoio financeiro ao ex-diretor da revista de oposição aos *Montoneros*, *El Caudillo*, para que a publicação voltasse a circular (ela deixou de ser editada em dezembro de 1975) defendendo o governo constitucional, mas atacando a figura da presidente. Ao longo de sua trajetória, *El Caudillo* representou a voz da extrema-direita peronista durante o governo de Isabel.

A imprensa da *Tendencia Revolucionaria*,⁶⁶ que reunia a juventude de esquerda do peronismo, de fato foi bastante crítica quanto a escolha de Isabel para o cargo de vice-presidente e durante seu mandato como presidente. O jornal *Noticias*, dirigido por Miguel Bonasso, ligado à *Tendencia*, teve uma vida efêmera e foi censurado pelo governo, embora no início fosse mais contido em suas opiniões sobre o governo. O grupo de esquerda *Descamisados*, após fundir-se com *Montoneros* lançou sua primeira publicação oficial: a revista *El Descamisado*, cuja circulação foi de maio de 1973 até abril de 1974 e contou com 47 edições. De acordo com Slipak (2015), a tiragem variou a cada número e é difícil precisar as cifras exatas, mas se calculam de 36.000 a 100.000 em edições mais vendidas ligadas a acontecimentos de maior repercussão. O número inaugural de *El Descamisado* saiu em 8 de maio de 1973, antes da posse de Hector Cámpora, que havia vencido as eleições em março. Naquele momento, a ditadura de Lanusse estava desarticulada e favoreceu o aparecimento da publicação que não lhe poupava críticas.

El Descamisado se autodefiniu, em seus primeiros números (enquanto Cámpora presidia o país), como a “Prensa del Régimen” e se apresentou como “instrumento para servir de vehículo a todos los que durante 18 años hemos estado proscriptos sin posibilidad de expresarnos”. (*El Descamisado*, 16/06/1973). Em sua contracapa colocava-se como “una publicación semanal de actualidad política” que “aparece en los martes. El precio del ejemplar es de \$2.” O nº 6, publicado poucos dias depois do Massacre de Ezeiza, foi um dos mais vendidos e contou com um

⁶⁶ “La Tendencia” era uma frente de massas que incluía além da JP, O *Movimiento Villero Peronista* (MVP), *Unión de Estudiantes Secundarios* (UES), *Juventud Universitaria Peronista* (JUP), a *Agrupación Evita de la Rama Femenina* (AE) e o *Movimiento de Inquilinos Peronistas* (MIP).

imenso material fotográfico, um dos pontos fortes da revista. “La acción concientizadora de *El Descamisado* apuntaba a reivindicar la épica militante frente a una de las masacres que horrorizaron a la opinión pública en general y a la juventud radicalizada en particular”. (IRIBARNE, 2015, p. 56).

A publicação teve em sua direção Ricardo Grassi e Dardo Cabo,⁶⁷ este último, como mencionado no capítulo anterior, pertenceu ao *Movimiento Nacionalista Tacuara* (MNT), grupo católico de direita e foi um dos seguranças de Isabel quando ela esteve Argentina em 1965 para sua primeira missão política. Durante a década de 70 Dardo Cabo mudou de ideologia e passou a integrar a OPM-Montoneros. A revista, então, serviu para “expresar lo que se quería cambiar y decirlo, no ya clandestinamente sino con miles de ejemplares y dos millones de lectores semanales que sentían ‘es nuestra’ porque en ella montábamos cómo ellos se apropiaban de la realidad”. (GRASSI, 2015, p. 50).

A equipe de redação nunca figurou em suas páginas nem os autores das matérias. Apareciam somente os nomes de Ricardo Grassi e Dardo Cabo (exceto no nº 0 e nº 1 os quais tiveram o advogado de presos políticos, Mario Hernández, como diretor). A diagramação não era muito rígida e os editoriais passaram a ser regularizados a partir do nº 18 e em algumas de suas edições aparecem publicidade de cursos da *Universidad de Buenos Aires*, livros da EUDEBA e atividades do Ministério da Economia. Os temas abordados remetem a situação de desigualdade social em âmbitos de trabalho, moradia, saúde e educação na Capital Federal e no interior do país. Havia também notas do contexto internacional, seus membros defendiam a união regional e apoiaram os governos socialistas de Cuba e Chile, bem como grupos armados da América Latina.

Ricardo Grassi, em entrevista a Marcelo Larraquy para o jornal *Clarín*⁶⁸, afirmou que *El Descamisado* expressava uma corrente política que foi por ele denominada como “*montonismo*”, que naquele momento foi muito bem-sucedida, pois reunia uma multidão que tinha como projeto o socialismo nacional. No entanto, destaca que a publicação, embora tivesse menor circulação que os da grande mídia, seguia rigorosos critérios jornalísticos. Antes de lançarem a revista em maio, em

⁶⁷ Apesar de seu nome aparecer como diretor, quem realmente conduzia a revista era Grassi.

⁶⁸Entrevista a Ricardo Grassi, que acaba de publicar “El Descamisado. Periodismo sin aliento”. *Clarín*. Buenos Aires, 07 jul. 2015. Cultura. Disponível em: https://www.clarin.com/cultura/montoneros-firmenich-aramburu-ricardo-grassi-lucha-armada_0_H1QJYUFW7x.html Acesso: em 6 jan. 2018.

janeiro de 1973, por duas vezes Grassi teve a oportunidade de entrevistar Perón em sua residência de *Puerta de Hierro*, em Madri, no momento em que Isabel estava em viagem com López Rega a Paris. O líder chegou, em um primeiro momento, a apoiar o “socialismo nacional” e as “*formaciones especiales*” (organizações armadas peronistas, como *Montoneros*). Já no segundo encontro, Perón relativizou o socialismo ao dizer que “socialismo es todo”. (GRASSI, 2015).

El Descamisado, em seu curto período de existência, nunca teve problemas em criticar muitas das posturas oficiais da condução do *Partido Justicialista* e da presidência de Perón, como por exemplo, na edição de nº 13, desaprovaram a escolha de Isabel como candidata a vice-presidente, argumentando que teria sido muito melhor que Ricardo Balbín, histórico rival de Perón, fosse o escolhido a fim de fortalecer a democracia. (*El Descamisado*, 14/08/1973, editorial). Entre outros números importantes está o que saiu dias depois de morte de José Ignacio Rucci, no qual em seu editorial, Dardo Cabo justificou o assassinato do dirigente sindical,⁶⁹ - a quem *Montoneros* não poupava críticas - embora não tenha afirmado que a autoria do crime fosse da Organização, pois “[...] a su juicio [da ortodoxia] todos los que criticaban a José, son sus asesinos. Todos son troskos, todos son infiltrados”. (*El Descamisado*, 02/10/1973, p.3).

As notas sempre faziam menção ao governo e a tudo relacionado com o peronismo e suas diversas organizações ligadas a *Tendencia*, como *Montoneros*, *Juventud Trabajadora Peronista* (JTP), *Movimiento Villero Peronista* (MVP), *Juventud Universitaria Peronista* (JUP), entre outras. De acordo com Iribarne (2015), a primeira estratégia implementada pela revista foi de mostrar-se como o “verdadeiro” peronismo, afastando-se da acusação de “infiltrados” e apontando os “traidores” que disputavam a herança de Perón e que haviam desertado ao longo da história do peronismo. A segunda, foi de assumir-se como “el pueblo”, e por isso multiplicaram-se as fotos e crônicas em relação a massiva expressão das diferentes ramificações da JP. A terceira foi o confronto do que disse Perón com o que ele começou a dizer, mostrando suas contradições.

⁶⁹ Apesar de não se ter certeza sobre a autoria do assassinato, a responsabilidade política foi atribuída aos *Montoneros*, o que fez crescer o enfrentamento da direita peronista e Perón com a JP e o resto das organizações guerrilheiras. Mesmo que haja dúvidas sobre a autoria política do crime as hipóteses mais difundidas são: 1) o assassinato foi realizado por militantes montoneros, mas sem a ordem de sua direção; 2) o assassinato foi ordenado por López Rega com o duplo objetivo de se desfazer de Rucci que era um obstáculo a sua ascensão ao poder e também para culpar *Montoneros* para acelerar sua ruptura com Perón.

Em 8 de abril de 1974 a publicação foi censurada por denunciar o assassinato de Alberto Chejolán, do *Movimiento Villero Peronista* (MVP), pela polícia, atribuindo ao ministro de *Bienestar Social*, José López Rega, a responsabilidade do crime. Como todas suas denúncias, foram publicadas fotos documentais do episódio pedindo justiça. Após o fechamento, porém, o governo permitiu que seguissem publicando sob outro nome e com uma nova direção. Nascia, então, em 19 de abril de 1974, *El Peronista Lucha por la Liberación*, tendo Miguel Lizaso como diretor. O estilo de redação e a estética eram praticamente os mesmos de sua antecessora. A essa altura a relação de Perón com a esquerda peronista já estava bastante complicada.

A nova revista publicou somente seis edições, já que também foi censurada pelo governo. O semanário cobriu todo o conflito entre Perón e *Montoneros* antes e depois dos acontecimentos do dia 1º de maio, quando decidiram deixar a *Plaza de Mayo* enquanto Perón falava a uma multidão. Três dias depois da ruptura, sua capa trazia a frase “General: El peronismo no está de acuerdo”. (*El Peronista Lucha por la Liberación*, 04/05/1974, capa). Seu editorial dizia que, apesar de tudo, havia sido uma assembleia popular depois de dezoito anos de proibição, também foi a mais dolorosa, pois era

Algo que daba continuidad al Movimiento desde el gobierno y en la lucha desde el llano, se ha roto este 1º de Mayo en la Plaza: el pueblo no fue consultado por Perón; no nos preguntó qué opinábamos de 11 meses de gobierno. En escasos 15 minutos – con prolongadas interrupciones – expuso lo que piensa de los trabajadores, de sus luchas, de sus organizaciones. Y el pueblo no estuvo de acuerdo, lo expresó a los gritos con sus consignas y cantos pero sobre todo vaciando la Plaza a medida que el General hablaba. (*El Peronista Lucha por la Liberación*, 04/05/1974, p. 3).

Seu último número saiu em 28 de maio. Depois da censura de *El Peronista*, a publicação muda novamente de diretor e de nome e passa a chamar-se *La Causa Peronista*, dessa vez dirigida por Rodolfo Galimberti, mas que na prática tinha Ricardo Grassi como diretor.⁷⁰

A morte de Perón pouco antes de sair o primeiro número obrigou a revista, no prazo de poucas horas, a refazer completamente suas matérias. Novamente foi outra publicação que teve curta existência, com apenas nove edições. Em seu último

⁷⁰ Miguel Lizaso morreu em um enfrentamento com militares em 1977. Já Dardo Cabo foi assassinado pela ditadura no mesmo ano. Pelo menos sete jornalistas que em algum momento colaboraram com a revista foram assassinados ou desaparecem na última ditadura. Ricardo Grassi conseguiu fugir e hoje vive no exterior.

número, que lhe causou o fechamento, trouxe uma longa entrevista com Mario Firmenich e Norma Arrostito sobre o sequestro e assassinato de general Pedro Eugenio Aramburu, responsável pelo desaparecimento do cadáver de Eva Perón em 1955. Com a capa com fundo vermelho e letras pretas e brancas trazia o título “Mario Firmenich y Norma Arrostito cuentan cómo murió Aramburu”. O último número saiu em 3 de setembro de 1974, dias antes de *Montoneros* anunciar que passariam para a clandestinidade.



Figura 1 – Capa de *La Causa Peronista* de 3 de setembro de 1974.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Na coletiva de imprensa concedida por Mario Firmenich, em 6 de setembro, afirmou que “a nosotros nos importa poco la reyerta interna de Gobierno, quién gana o quién pierde. Hay que golpear a todos por igual hasta que gane el pueblo. Y se si agudizan las contradicciones en el gobierno mejor.” (SLIPAK, 2015, p. 190). Em outras palavras, para *Montoneros* se assumisse a presidência um candidato peronista nomeado por Perón, não poderia cumprir com o programa do Movimento, o que acarretaria tensões e finalmente o golpe “gorila” para instalar a ditadura. A chegada de Isabel no poder, acompanhada por López Rega, para eles, era a fórmula certa de um novo golpe de Estado. Essa advertência era recorrente nas três publicações, visto que seus idealizadores a colocavam como incapaz de desempenhar uma função política.

Por fim, a última publicação sistemática de *Montoneros* foi a revista *Evita Montonera*, editada clandestinamente. Diferentemente de suas antecessoras, era

redigida pela cúpula dos *Montoneros*, a *Conducción Nacional*. Com a morte de vários militantes e dada as condições de clandestinidade, é difícil determinar quem participou da redação. A publicação considerava-se o “Órgão Oficial” da organização armada e teve sua primeira edição publicada em dezembro de 1974. Sua tiragem foi irregular, variava entre 20.000 e 100.000 exemplares. (SLIPAK, 2015). A periodicidade também variava, às vezes era mensal, outras a cada dois meses e as últimas edições eram publicadas quando era possível, pois circulou até 1979, ou seja, durante os primeiros anos da ditadura. Uma das maneiras que seus integrantes desenvolveram para burlar a repressão foi confeccioná-la simultaneamente em diferentes bases autônomas entre si, de forma que se uma caísse, existiam outras para continuar a tarefa.

Evita Montonera nasceu em um contexto acirrado entre a repressão estatal e paraestatal do governo de Isabel e as intervenções das organizações armadas guerrilheiras. A *Operación Mellizas*, um dos mais memoráveis casos de sequestro perpetrado pelos *Montoneros* - além do sucedido com Aramburu e outros políticos e sindicalistas que acabaram sendo assassinados - foi o dos irmãos Jorge e Juan Born, herdeiros do império Bunge & Born.⁷¹ Os irmãos foram libertados após seis meses de cativeiro mediante pagamento no valor de US\$ 60 milhões, sendo o resgate mais caro da história até hoje. Sempre que possível, os *Montoneros* enalteciam suas ações de violência em suas publicações, ao passo que criticavam as ações repressivas do governo de Isabel para com seus militantes.

Desde o fechamento de *La Causa Peronista* até o golpe militar de 1976, existiram mais dois projetos de imprensa legal. De um lado o periódico quinzenal do *Partido Peronista Auténtico*,⁷² com oito números editados entre 1975 e 1977. De outro, a revista *Información*, cujo primeiro número foi distribuído às vésperas do golpe. Nenhuma dessas publicações teve a mesma permanência do que *Evita Montonera*, a qual teve 25 números.⁷³ As primeiras capas indicavam o preço do exemplar, porém não entraram no circuito comercial dos quiosques do país, nem foi vendido pessoalmente como as publicações anteriores. Para Slipak (2015), a

⁷¹ A revista *Evita Montonera* publicou um suplemento especial, no qual descreveu toda a operação e os motivos do sequestro. Disponível em:

<http://www.ruinasdigitales.com/revistas/Evita%20Montonera%20-%20Operacion%20Mellizas.pdf>
Acesso: em 12 mai. 2019.

⁷² O *Partido Peronista Auténtico* ou *Partido Auténtico* foi criado em 1975 e extinto em 1977 durante a ditadura. Era integrado ao *Movimiento Peronista Montonero* (MPM), vinculado à OPM-Montoneros.

⁷³ Para este trabalho interessa os doze primeiros números da revista.

inscrição do valor ocultou a maneira efetiva pela qual se deu seu financiamento e gerou a ideia de que era mantida com as doações dos militantes.

Uma de suas marcas foi a constante oposição ao governo de Isabel e a suas recorrentes mudanças de gabinete. Qualificou o governo de “antiperonista”, “antipopular” e “pró-imperialista”. Todas suas menções ao nome de Isabel omitiram seu sobrenome de casada e a chamavam pejorativamente como “La Martínez”. Apesar de seu número de estreia ter afirmado que “no buscamos un golpe militar, que sabemos que será más gorila y antipopular que este gobierno” (*Evita Montonera*, dez./74, p. 10), a chegada do golpe militar não foi recebida pela revista com surpresa, mas sim, como uma vitória. Na edição de nº 12 assinalou que “cayeron los payasos del circo” e que “el golpe sacó los milicos de la calle, en un gran despliegue, lo que favorece nuestras posibilidades de hostigamiento y la recuperación de armas [...]”. (*Evita Montonera*, fev.-mar./76, p. 9-10). Eles não queriam o golpe, mas naquele momento, parecia que somente os militares poderiam tirar Isabel e López Rega, os “pseudoperonistas”, do poder. A revista resistiu por mais três anos até seu fechamento definitivo em agosto de 1979.

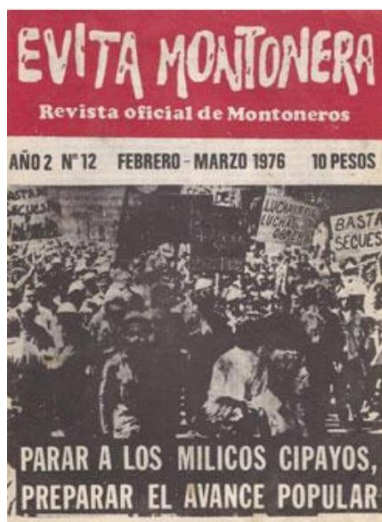


Figura 2 - Capa de *Evita Montonera* de Fev./Mar. de 1976.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Dessa forma, as revistas *El Descamisado*, *El Peronista*, *La Causa Peronista* e *Evita Montonera*, são uma excelente fonte para entender o peronismo de esquerda daqueles anos e sua relação com o governo de Perón e Isabel. Alguns jornais considerados de oposição ao governo como *Noticias*, *La Opinión*, *La Razón* também

ajudam a compreender esta conturbada relação com os militantes do Movimento Peronista que tinham como meta o socialismo nacional e que foram paulatinamente afastando-se do governo que já não reconheciam como popular e peronista. A maioria de seus integrantes foi perseguida ou morta durante a ditadura militar. Alguns conseguiram fugir do país levando consigo exemplares das revistas para evitar sua destruição por parte do governo. Graças a essa atitude e de grupos interessados em conservar esses documentos valiosos para a história foi possível conhecer melhor as organizações da esquerda peronistas e seu descontentamento com Isabel, que para eles representava o espectro de direita e que jamais seu governo representou o peronismo.

2.2. “¿POR QUÉ ISABEL?”: O DESPREZO PELA ESCOLHA DA CHAPA PERÓN - ISABEL PERÓN

Em Madri, Isabel foi ama de casa na residência de *Puerta de Hierro* e uma espécie de enfermeira particular do general controlando seus medicamentos. Ainda conservando os velhos hábitos de quando era bailarina, Isabel mantinha uma alimentação regrada e exigia o mesmo de seu esposo. (PAVÓN PEREYRA, 1981). A convivência ao longo de quase vinte anos deve ser considerada para que Perón confiasse na mulher que lhe dedicou atenção e obediência o privilégio de ter sido a escolhida para o cargo de vice-presidente, fator nunca levado em consideração pela ala à esquerda do Movimento. Outro fato que ignoraram foi sua atuação como articuladora política de seu esposo durante sua viagem à Argentina nos anos sessenta que preparou o retorno do líder.

Mas para que Perón pudesse voltar à presidência era preciso que os militares se retirassem do poder. Em novembro de 1970, peronistas e radicais, juntamente com outros partidos menores, formaram uma frente unida contra o general Roberto Marcelo Levingston, que assumiu após a queda do general Onganía. O documento multipartidário ficou conhecido como *La Hora del Pueblo* e significou “el primer paso avanzado por Perón en su objetivo de armar un amplio esquema de fuerzas políticas para enfrentar a la dictadura militar”. (DE RIZ, 1981, p.43). O pacto foi assinado por Jorge Daniel Paladino, delegado pessoal de Perón, como representante do peronismo, pelo radical Ricardo Balbín e pelo conservador popular Vicente Solano Lima entre outros representantes de partidos políticos. Esse acordo produziu uma

mudança na história política argentina, pois era a primeira vez que o radicalismo e o peronismo atuavam juntos.

A pressão funcionou e Levingston foi substituído pelo general Alejandro Lanusse, que se comprometeu com a abertura política. Como Perón estava impedido de ser candidato nas eleições presidenciais de 11 de março de 1973, formou-se a *Frente Justicialista de Liberación* (FREJULI) cujos candidatos seriam Héctor J. Cámpora para presidente e Vicente Solano Lima, para vice. Logo surgiram cartazes, camisetas e adesivos nos carros com o desenho de uma mão fazendo o “V” da vitória até ser utilizada uma forma mais sintética criada pela JP com a palavra Cámpora e um V logo abaixo do P., que em outras palavras queria dizer: “Con Cámpora, Perón Vuelve”. (BONASSO, 2002, p. 489). O *slogan* utilizado foi “*Cámpora al gobierno. Perón al poder*” e a fórmula da FREJULI triunfou com 49.56% dos votos contra os 21.29% de Ricardo Balbín e Eduardo Gamond, da UCR.

Após quase duas décadas de proscricção, o peronismo voltou à cena política nacional com um campo simbólico ressignificado dando início a chamada *Primavera Camporista* que durou somente 49 dias, já que Cámpora não soube ou não pode compatibilizar as tendências tão heterogêneas que o elegeu. (KANDEL; MONTEVERDE, 1976). A revista oficial dos *Montoneros* registrou que “en la calle, miles de columnas – cada una de ellas con miles de manifestantes – se entrecruzaban desde la noche del 24 de mayo, como si todos los argentinos estuvieran por presenciar el nacimiento de la Patria.” (*El Descamisado*, 29/05/1973, p. 7). A vitória de Cámpora, era a vitória da juventude que almejava o retorno do líder.

No mesmo dia da posse, 25 de maio, antes que Cámpora assinasse o indulto, vários militantes se dirigiram ao presídio de *Villa Devoto* para pedir a libertação dos presos políticos que a ditadura mantinha como “reféns” no episódio que ficou conhecido como *Devotazo*. O mesmo aconteceu nas prisões de Rawson, Córdoba, Resistencia, Chaco, Salta e Ezeiza. A libertação dos presos políticos era uma das promessas de campanha e que

Todos los bloques parlamentarios votaron en forma unánime; por igual hicieron los peronistas y sus aliados del Frente Justicialista de Liberación, los radicales, democristianos, intransigentes, demoprogresistas, etc. No hubo entre los representantes del pueblo una sola voz opositora. Era evidente que el país entero no quería que hubiera ni presos políticos, ni leyes represivas, ni tribunales de excepción. (CÁMPORA, 1975, p.74).

A esquerda peronista, eufórica com o acontecimento, estampou na capa de *El Descamisado* de 29 de maio “El Tío presidente libertó a los combatientes”. Porém, a celeridade no processo criou uma impressão de fraqueza por parte do presidente eleito o que lhe rendeu o apelido de “veleta” (cata-vento) por sua forma apressada de tomar decisões, o que não seria nada bom para *El Tío*.⁷⁴ (PAGE, 2014). A publicação exaltou a presença de Salvador Allende, presidente do Chile e de Osvaldo Dorticós, de Cuba na posse de Cámpora. Perón não participou da posse e, no início do mês de maio, enviou Isabel e López Rega à República Popular da China e Coreia do Norte, dando manifestações típicas da política pendular que sempre praticou na condução das relações diplomáticas.

Com a ascensão de Cámpora, não havia mais impedimentos para que Perón retornasse em definitivo para a Argentina. O presidente eleito decidiu ir a Madri para buscá-lo e acompanhá-lo na sua viagem que o traria de volta ao país após quase dezoito anos de exílio. Franco e sua esposa, Carmem Polo de Franco, o hospedaram no *Palacio de la Moncloa*, pois não partiu de Perón um convite para que Cámpora fosse a sua residência em *Puerta de Hierro*. Segundo Gambini (2016), Perón o recebeu com frieza e descarregou suas queixas sobre algumas decisões do governo. O líder também se recusou a participar do jantar oferecido por Franco, o que deixou Cámpora bastante decepcionado. Como não sabia o que fazer para agradá-lo decidiu lhe presentear com o bastão presidencial, porém o líder reagiu furioso dizendo que voltaria ser presidente através de eleições.⁷⁵ Certamente neste momento Cámpora percebeu que a situação era irreparável e que deveria deixar o poder o quanto antes.

Ao subir no avião que lhe trouxe de volta ao país, Perón recebeu um telefonema do coronel Jorge Osinde, responsável pela segurança do ato previsto

⁷⁴ A expressão “*El Tío*” representava o elo familiar entre o presidente eleito e *Montoneros*. Em termos de vínculos familiares, era o irmão do pai e, nesse caso, o pai era Perón. (SERVETTO; PAIARO, 2013).

⁷⁵ O episódio, ficcionalizado por Tomás Martínez em *O romance de Perón*, é menos dramático: “- O senhor veio a Madri fazer carnaval – recrimina Perón – Eu, para dar o exemplo, tive que evitá-lo. [...] O senhor teria cumprido melhor com seu dever ficando por lá para dar um basta nesta baderna: governando. Eu lhe dei o poder. Trate de exercê-lo”. Ao se retirar, Cámpora responde: “-O senhor tem razão, General – replica, tremendo o queixo. – Quem deve mandar na Argentina é o senhor. Dá um passo para trás, tira a faixa presidencial e, ficando na ponta dos pés tenta colocá-la sobre o peito de Perón: - Isto não me pertence. Se eu aceitei a faixa foi para servi-lo. E, como o senhor é o verdadeiro dono, vou devolvê-la. O general não perde a compostura. Paternal, safa-se de Cámpora: - Ora, faça-me o favor! Que ideia é essa de pôr um símbolo sagrado por cima de uma camisa esporte?”. (MARTÍNEZ, 1998, p. 48-50).

para recepcioná-lo em Ezeiza no dia 20 de junho. Osinde lhe explicou como estava composto o palco que teria três fotografias gigantescas: Perón ao centro, Evita a sua esquerda e Isabel a sua direita. Segundo Bonasso (2002), em Ezeiza havia pistoleiros da renascida *Alianza Libertadora Nacionalista* (ALN), da *Concentración Nacional Universitaria* (CNU), da *Juventud Sindical Peronista* (JSP), do *Comando de Organización* (CdeO), da UOM, policiais aposentados e mercenários da extrema-direita “filonazi”. Osinde ordenou que ficassem pessoas armadas perto do palco, com instruções para evitar que se aproximassem colunas dos *Montoneros*. (GAMBINI, 2016). O motivo para esse forte sistema de segurança foi justificado pela informação de que a esquerda peronista tinha um plano para assassinar Perón. Logicamente essa foi a desculpa para explicar a presença de sicários fortemente armados no palco de honra como revelam as fotografias reproduzidas pela imprensa.

Após a chegada dos *Montoneros* iniciou-se o tiroteio. Houve treze mortos identificados e uma quantidade não contabilizada de feridos, mas há registros de que o número ultrapassou a cifra de trezentas pessoas. *La Tendencia* acusou o ministro do Interior e sua atitude supostamente negligente. Esteban Righi se defendeu sinalizando que a responsabilidade da segurança no ato recaia sobre a comissão organizadora encabeçada por Osinde. (CHITARRONI MACEYRA, 2004.). Os *Montoneros* denunciaram que “la presencia organizada del Pueblo, imponiéndose en la concentración desencadenan la brutal represión dirigida por los agentes de la CIA infiltrados en nuestro Movimiento: Osinde, Norma Kennedy y Alberto Brito Lima”. (*El Descamisado*, 26/06/1973, p. 7). Perón, Isabel, Cámpora e toda comitiva foram orientados a aterrissar na base militar de Morón e a grande festa de Ezeiza terminava sem o líder e com uma tragédia histórica.

No dia seguinte ao massacre Perón fez um pronunciamento por rádio e televisão na residência de Olivos, cedida pelo presidente Cámpora, saudando aqueles que haviam ido a Ezeiza para recebê-lo, mas em nenhum momento mencionou os atos de violência e as mortes na tarde do dia 20 de junho. Em seu discurso, o general chamou a todas as forças políticas e ao povo argentino a colaborar para que voltasse a ordem legal e constitucional como única garantia de liberdade e justiça, exortando para a reconstrução da paz nacional. (BUFANO; TEIXIDÓ, 2015).

A essa altura, a imagem do vazio de poder só aumentava. O vice-governador da província de Buenos Aires, Victorio Calabró, dirigente metalúrgico, declarou: “estando Perón en el país, nadie puede ser presidente de los argentinos más que él.” (DE RIZ, 1981, p. 66). A saída de Cámpora já era iminente. A decisão de renunciar foi definida em reunião ministerial realizada no dia 4 de julho. Foi acatada também a proposta de López Rega de evitar que o cargo fosse ocupado pelo presidente provisório do Senado Alejandro Díaz Bialet, como correspondia a Lei de Acefalia e, para isso, ele foi enviado a uma missão na Argélia.⁷⁶ Dessa forma, quem assumiria era Raúl Lastiri, presidente da Câmara dos Deputados e genro de López Rega. No dia 12, Solano Lima anunciou publicamente que o candidato natural da FREJULI era Perón e, como havia sido vetado em março, agora seria a oportunidade de apresentar sua candidatura para as próximas eleições. (*El Descamisado*, 17/07/1973).

Raúl Lastiri esteve à frente do executivo nacional de 14 de julho a 12 de outubro de 1973. Nesse meio tempo organizaram-se as eleições para que Perón fosse eleito pela terceira vez. As reuniões feitas com Balbín, mostravam a cooperação entre radicalismo e peronismo despertando a desconfiança de que Perón pudesse ser o vice em um governo de coalizão. Isso proporcionou a oposição de amplos setores peronistas, refratários a um vice-presidente extrapartidário. A dúvida de quem o acompanharia na chapa gerava rumores na imprensa de que Ricardo Balbín poderia ser, na realidade, nomeado como vice-presidente, mesmo que até setembro de 1955 o candidato radical fosse considerado como “oponente oficial” do peronismo. (GONZÁLEZ, 2007, p. 38). O desejo da JP era de que Cámpora fosse o escolhido para acompanhar Perón, mas *El Tío* seguiria sendo uma figura rechaçada pela ortodoxia peronista.

Foi, então, excluída a hipótese das candidaturas de Cámpora ou Balbín para a vice-presidência, o primeiro por sua ligação com a esquerda peronista no seu curto governo e, o segundo, pelo entendimento de muitos que a escolha do radical para o

⁷⁶ A Lei Nacional 25.716 (que mudou a Lei 20.972), conhecida como Lei de Acefalia contempla a ordem sucessória para exercer o Poder Executivo no caso de ausência do presidente e de seu vice.

cargo de vice significaria, no caso de morte do líder, entregar o poder à oposição.⁷⁷ Sendo assim, a pessoa designada foi alguém sem experiência no executivo, mas que estava dentro do círculo peronista e que certamente não trairia o movimento: a esposa do líder.

Com a renúncia de Cámpora em julho, o *Partido Justicialista* organizou-se em um congresso para definir o próximo candidato à presidência. Logicamente seria unanimidade que Perón fosse o escolhido, já quem o acompanharia, não. (SÁENZ QUESADA, 2003). Até a edição de 7 de agosto, a revista *El Descamisado* tratava Isabel com certa cordialidade e registrou da seguinte maneira a escolha de Isabel para vice na chapa de seu marido durante o congresso do Partido Justicialista

[...] Reunido el sábado 4 en el Teatro Nacional Cervantes para elegir la fórmula presidencial del Justicialismo. En expeditivo trámite, los convencionales votaron por aclamación las candidaturas del General Juan Perón y su señora esposa, Isabel Martínez, para las próximas elecciones del 23 de setiembre. El General Perón solicitó al congreso partidario unos días para decidir su actitud, mientras que Isabel Martínez aceptó tácitamente el ofrecimiento. (*El Descamisado*, 07/08/1973, p. 5)

Neste momento, *Montoneros* perceberam que o projeto político do líder nada tinha a ver com o da esquerda peronista, em particular com eles próprios. Antes disso, a edição de nº 5, de 19 junho, que trazia em sua capa uma foto de Perón com a frase “¡Vuelve Perón, ¡carajo!”, e com um grande cartaz com seu rosto para levar no ato de recepção em Ezeiza no dia seguinte. Porém, a euforia de seu retorno logo transformou-se em severas críticas a seu (não) posicionamento quanto ao *Masacre de Ezeiza*. *El Descamisado* de 23 de junho, publicou uma nota explicando que durante o ato foi proibido gritar o nome da falecida esposa de Perón: “nada de nombrar a Evita, sólo se enfoca a Perón, a Isabel y a López Rega, a nadie más”. (*El Descamisado*, 23/06/1973, p.4). A partir de então despontava uma oposição dentro do próprio peronismo de maneira mais explícita.

Após a escolha de Isabel como vice-presidente é possível perceber uma mudança de tom em suas matérias. Descontentes com esta opção, relataram o que aconteceu durante o congresso e a atitude da esposa de Perón

⁷⁷ Não havia nenhuma disposição na Constituição Argentina sobre a substituição do vice-presidente. O cargo fica vago quando por falecimento, renúncia ou incapacidade. A única vez que foi realizada uma eleição para vice-presidente foi no ano de 1954 devido ao falecimento de Hortensio Quijano, antes de tomar posse em 4 de junho de 1952. Quijano ocupou o cargo no primeiro governo de Perón de 1946 a abril de 1952 e havia sido eleito para o segundo. De 3 de abril de 1952 a 7 de maio de 1954 o cargo ficou vago.

Los anuncios formulados por Isabel Martínez – Perón pedía “varios días” para concretar su respuesta, mientras ella aceptaba implícitamente acompañarlo en la fórmula – crearon desconcierto en los congresales, quienes repitieron “Queremos Perón”. Isabel Martínez pudo por fin imponer la “tregua” reclamada por el General y dijo, por su parte, “que iba a tratar de cumplir con el mandato.” Después pidió un minuto de silencio en memoria de Eva Perón y dijo que su único mérito “era amar a Perón y al Pueblo Argentino” y haber acompañado 18 años al Conductor, del que se consideraba una “discípula”. [...] Sobre el escenario que daban dos retratos de Perón, un escudo argentino y, a los costados del mismo tamaño, dos fotografías: de Evita e Isabel Martínez. (*El Descamisado*, 07/08/1973, p. 5).

Na edição de 14 de agosto de 1973, *El Descamisado*, publicou em sua capa a pergunta “¿Por qué Isabel?”. Essa indagação já mostra o descontentamento dos militantes frente a decisão de Perón, pois não esperavam que o líder fosse escolher sua esposa para esse cargo tão importante. Apesar da reação negativa, a organização da esquerda peronista não negou seu apoio ao projeto peronista, pois ainda mantinha a confiança em Perón. Na mesma edição, na matéria “Los que promovieron Isabel” a publicação nomeia três atores principais responsáveis por esse feito: Torcuato Fíno, Norma Kennedy⁷⁸ e Alberto Brito Lima, todos identificados com a chamada *Burocracia Sindical*, ramo da direita peronista.



Figura 3 - Capa de *El Descamisado* de 14 de agosto de 1973.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

⁷⁸ Foi expulsa do Partido Comunista em 1952 por supostas relações com o serviço de informações. Criticada pelos *Montoneros* por imitar Evita em suas roupas e penteados, embora naquele momento não se considerasse uma peronista.

Embora parte considerável da heterogênea JP, tenha se alistado sob a bandeira dos *Montoneros*, não se reduzia a ela. (SLIPAK, 2015). Havia outra frente que esteve mais alinhada a Isabel “entre los carteles de Brito, fineza de Fino y las palabras de la Kennedy se estiró la candidatura de Isabel Martínez. Nadie pudo alzar su voz para proponer otra variante [...]” (*El Descamisado*, 07/08/1973, p.7). Segundo a publicação, a revista *Las Bases*, dirigida por López Rega, afirmou que a escolha foi unânime. A JP respeitou a escolha, mas não compreendia a estratégia do velho general. Em entrevista ao historiador Marcelo Larraquy em 2018, o ex-diretor da revista *El Descamisado*, Ricardo Grassi, afirmou que a escolha de Isabel

“era una fórmula que no pegaba en nada con la visión de la Juventud Peronista. La revista hizo una presentación crítica. Isabel era López Rega. Pero a la vez, desde el punto de político, no había otra alternativa. Si no se apoyaba esa fórmula quedabas afuera del peronismo.”⁷⁹

Alguns setores peronistas – e até mesmo não peronistas - julgaram ser um erro que a escolha de Perón para o cargo de vice-presidente recaísse sobre uma mulher que só tinha o mérito de ser sua esposa. (SÁENZ QUESADA, 2016). Segundo a publicação dos *Montoneros*, no Teatro Cervantes havia “[...] minúsculos grupos ubicados en los palcos superiores gritaban el nombre de Isabel Martínez. Era visible el silencio de otros sectores, que sólo entonaban consignas referentes a Perón presidente.” (*El Descamisado*, 07/08/1973, p.5). Porém, é importante destacar que o campo ideológico que apoiou Isabel como delegada de Perón nos anos sessenta

[...] es completamente heterogéneo. Abarca desde grupos de ideología descaradamente fascista cuya única esperanza de trascender políticamente es el vínculo que mantienen con Perón, hasta sectores ubicados a la izquierda del arco partidario, representados por el Movimiento Revolucionario Peronista⁸⁰ donde militan Rearte y dirigentes sindicales como Ricardo de Luca. (GURUCHARRI, 2000, p.85).

Quando Perón e Isabel vencem as eleições em setembro, a revista publicou um longo editorial no qual afirmava que a campanha na realidade quase não saiu, esteve cheia de matizes que eles não reconheciam no Movimento, em clara referência a *Burocracia Sindical* e seu apoio a Isabel. Criticaram a redução das

⁷⁹“La teoría del cerco”: los deseos imaginarios de Montoneros para negar al Perón real. **Infobae**, Buenos Aires, 09 jul. 2018. Disponível em: <https://www.infobae.com/historia/2018/07/09/la-teoria-del-cerco-los-deseos-imaginarios-de-montoneros-para-negar-al-peron-real/> Acesso em: 23 jan. 2019.

⁸⁰ Criado em 1964, era liderado por Gustavo Rearte e foi uma das organizações fundadoras das *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), juntamente com Envar El Kadri e John William Cooke.

mobilizações de rua e que a candidatura trocou gente por dinheiro. Enquanto o líder da *Juventud Peronista de la República Argentina (La Jotaperra)*, Julio Yessi, gastou um milhão de pesos com cartazes, a *Frente Justicialista*, desembolsou apenas 60 mil pesos. Questionaram de onde Yessi conseguiu o dinheiro e do fervor em levar adiante a candidatura de Isabel através de viagens pelo país, que para os *Montoneros* era “una candidatura que no satisface”, ou seja, foi um fracasso. (*El Descamisado*, 23/09/1973, p. 2). Denunciaram que os comícios tinham mais cartazes que pessoas e que a comitiva de Isabel era composta por burocratas que não representavam os interesses do povo peronista. Depois de percorrer várias províncias tentando cumprir “un papel casi insostenible”, a segunda parte da viagem engrenou.

O líder precisava de alguém que não prejudicasse seu caminho para a vitória e que se comportasse como um vice cerimonial como foi Hortensio Quijano, seu companheiro nos dois primeiros mandatos. A escolha, também, pode ter sido uma combinação de vários outros fatores. Independente do motivo que se queria adotar, não se pode negar a responsabilidade de Perón ao referendar a decisão e somente julgar que ele já estava velho demais para impor sua vontade e que teria sido manipulado. Dardo Cabo em editorial defendeu que “el ‘viejo’ no está tan viejo, ni los años lo han vuelto tonto”. (*El Descamisado*, 17/07/1973, p. 2).



Figura 4 - Capa de *El Descamisado* de 21 de agosto de 1973.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Através das fontes, percebe-se que escolha de Isabel foi um duro golpe para a JP. No dia 22 de agosto, no estádio do *Club Atlético Atlanta*, reuniram-se diferentes setores da esquerda peronista. O propósito era fazer uma homenagem aos guerrilheiros fuzilados em Trelew⁸¹ e recordar o “día del renunciamento” de Evita. Em uma clara menção a aceitação imediata de Isabel para o cargo de vice-presidente, *El Descamisado*, em sua capa do dia anterior ao ato, publicou “22 de agosto de 1951 - Renunció Evita - a los honores, no a la lucha.”⁸² A revista ainda publicou na íntegra o discurso de Mario Firmenich, líder dos *Montoneros*, o qual criticou duramente a cúpula sindical da CGT seguido pelo coro de vozes que cantavam “*la clase obrera dirige la batuta / para que bailen los hijos de puta*” e se referiu a termos poucos favoráveis a escolha de Isabel para ocupar o cargo de vice-presidente. Em seu discurso, entre outras críticas, expressou que

La fórmula no es mixta, pero el primer término es la máxima aspiración por la cual hemos luchado estos 18 años [...]. El segundo término de la fórmula, es decir, la candidatura vicepresidencial, a nosotros un poco nos desconcertó. Primero porque creemos que la vicecandidatura de Isabel crea fisuras contra la constitución del frente y por lo tanto va a impedir, o puede llegar a impedir, esta unidad contra el imperialismo... En segundo lugar, porque como candidatura del Movimiento pensamos que no era lo más representativo de estos 18 años de lucha...” (*El Descamisado*, 28/08/1973, p. 6).

Em seguida, Firmenich foi bastante aplaudido sob os gritos de “*no rompan las bolas / Evita hay una sola*”, demonstrando seu descontentamento, pois para eles, Isabel jamais seria como Evita, *la madre de los descamisados*. (*El Descamisado*, 28/08/1973, p. 6). O líder montonero acrescentou que o objetivo era que Perón ganhasse as eleições e o lema “Perón presidente” (sem mencionar sua vice) passaria a ser a bandeira da militância. Apesar do descontentamento, não deveriam deixar de apoiar o general.

⁸¹ O episódio que ficou conhecido como *Masacre de Trelew* ocorreu na madrugada de 22 de agosto de 1972, uma semana depois de dezenove guerrilheiros terem se rendido num aeroporto, após fugirem da prisão de Rawson, obtendo garantias de que seriam devolvidos à penitenciária. No entanto, os presos políticos, militantes das organizações PRT-ERP, FAR e *Montoneros* foram fuzilados na Base Aeronaval Almirante Zar, em Chubut, durante a ditadura de Alejandro Agustín Lanusse. Dos dezenove, três sobreviveram. Em 2012, a Justiça argentina condenou à prisão perpétua três ex-oficiais da Marinha responsáveis como coautores dos fuzilamentos.

⁸² Em 22 de agosto de 1951, organizou-se uma grande manifestação popular na Av. 9 de Julio que ficou conhecida como *El Cabildo Abierto del Justicialismo del 22 de agosto*. O objetivo era lançar Evita como candidata a vice-presidência ao lado de Perón, sob a fórmula Perón – Eva Perón. Evita renunciou pouco depois de ter sido escolhida para acompanhar Perón. Na ocasião disse que renunciava a honra de ser candidata a vice, mas não renunciava a luta.

Uma das questões que surgiram logo após o anúncio da candidatura de Isabel era se ela, quando aceitou concorrer ao cargo, teria consciência do real estado de saúde de Perón. Segundo Page (2014), muito provavelmente sim, pois ela o acompanhava desde 1955 e sabia que seus problemas de saúde vinham se agravando com o passar dos anos.⁸³ Talvez ela soubesse que o marido, perto de completar 80 anos, já estivesse com os dias contados. E se sabia disso, pensou que na ausência do general poderia governar com seu próprio partido dividido, com notícias diárias de mortes e enfrentamento nas ruas entre os militantes? Teria ela almejado querer se converter na primeira mulher a governar a Argentina?

Para refletir sobre estas questões, cabe trazer algumas das várias versões de como teria surgido a ideia de Isabel ser escolhida como vice na chapa de Perón. De acordo com uma versão levantada por Halperín (2009), López Rega teria assegurado a Perón que Isabel seria a melhor opção e o líder prontamente se negou, pois não queria nepotismo, exclamando: “¡Sé lo que una vez me pasó por incorporar familiares en el gobierno!”.⁸⁴ De acordo com Júlio González (2007), ex-secretário técnico e privado de Isabel, conta que uma tarde, na Residência de Olivos, quando ela já era presidente, a viúva lhe confidenciou que “el general, sentado en este sillón, me dijo llorando que se volvía a España si yo no lo acompañaba en la fórmula”. (GONZÁLEZ, 2007, p. 41). Esta teria sido a única menção sobre a decisão de acompanhar o marido para o cargo de vice-presidente confidenciada a González.

O ex-secretário acrescenta que quando estava detido pelos militares após o golpe de 1976, em uma conversa sobre o mesmo tema com Antonio Benítez, ex-ministro da Justiça entre 1973 e 1975, mencionou que todos os ministros, inclusive ele, as autoridades do *Partido Justicialista* e os dirigentes sindicais foram até a residência de Perón em Gaspar Campos lhe pedir para que sua esposa integrasse a chapa presidencial juntamente com ele.⁸⁵ De acordo com Benítez, Perón teria se negado dizendo de forma enérgica “¡De ninguna manera!” e agregou a frase já

⁸³ Perón havia se submetido a cirurgias na bexiga e na próstata quando vivia na Espanha. Problemas respiratórios e cardíacos também afetavam sua saúde.

⁸⁴ Provavelmente Perón se referiu a seu ex-cunhado Juan Duarte, irmão de Evita, que durante seu primeiro mandato foi nomeado como seu secretário privado. Mais tarde, Juancito se envolveria em um escandaloso caso de corrupção que teria culminado em seu “suicídio” em abril de 1953. A versão apresentada pelo governo era de que ele estaria com sífilis e teria se suicidado por não suportar viver com a doença. Apesar do calibre da bala encontrada em seu corpo não ser compatível com a arma que estava em sua mão, sua morte nunca foi devidamente esclarecida.

⁸⁵ González não menciona de quem partiu a ideia.

citada anteriormente por Halperín sobre os problemas que tivera no passado por colocar familiares no governo. Com a negativa do general, os ministros se retiraram e, na saída, encontraram López Rega que teria dito “No se hagan problema; Isabel será vicepresidenta. Mantendremos al viejo sin hablarle durante unos días y ya va a aflojar”. (GONZÁLEZ, 2007, p. 41).

Júlio González (2007) faz uma pequena observação: Benítez localiza o episódio na casa de Gaspar Campos, onde vivia Perón antes de ser presidente. Já Isabel afirmou que teria sido na residência de Olivos. Naquele momento quem ocupava a residência era o presidente interino Raul Lastiri e Norma, sua esposa. No entanto, não seria incomum supor que o casal Perón frequentasse a residência presidencial, pois a esposa de Lastiri era filha de López Rega, muito próximo de Isabel e logicamente o presidente interino recebia visitas de Perón. A última versão trazida por González é justamente a de Norma López Rega, que também esteve detida em um navio junto ao ex-secretário durante a ditadura. A esposa de Lastiri relatou que Perón estava sentado em um “sillón” (não mencionou em que casa) e Isabel teria dito que se ela não fosse vice-presidente que todos voltariam para a Espanha.

Independentemente de quais das versões seja a mais “fiel” aos acontecimentos, em 23 de setembro, a chapa Perón-Perón venceu com quase 62% dos votos (sete milhões e meio), percentual nunca alcançado em uma eleição para o cargo. Dois dias após a eufórica vitória peronista, o secretário geral da CGT José Ignacio Rucci, que proclamava uma “purificación ideológica contra la infiltración” no Movimento foi assassinado, a que tudo indica, por elementos do grupo *Montoneros* atestando um duro golpe quanto a estratégia de Perón para o plano sindical. (DE RIZ, 1981). As frases pronunciadas nas ruas pelos *Montoneros* como “¡Rucci, traidor, a vos te va a pasar lo que le pasó a Vandor!” já indicavam uma ameaça.⁸⁶

O clima estava ficando cada vez mais acirrado entre a *Burocracia Sindical* (direita) e *La Tendencia Revolucionaria* (esquerda). Os lemas “*Patria Peronista*” e “*Patria Socialista*”, embora a juventude negasse, era a evidência da fratura do Movimento. (CHITARRONI MACEYRA, 2004). Como coloca Liliana de Riz (1981), Perón surgia como o condutor indiscutido da nação tanto para as direitas dentro e

⁸⁶ Em 1969, Vandor foi morto com cinco tiros na sede da UOM. Quatro anos depois, Rucci foi assassinado com vinte e três tiros na *Operación Traviata* - uma alusão irônica a uma propaganda de um popular biscoito cujo slogan era “La de los veintitrés agujeritos”, em tradução livre “A dos vinte e três buracos”.

fora do Movimento, ao mesmo tempo que a esquerda o colocava como o baluarte contra o imperialismo. Perón assumiu a presidência pela terceira vez no dia 12 de outubro e seu gabinete se manteve o mesmo do governo interino. O ministro da economia, José Gelbard, era alvo de críticas tanto da esquerda como da direita e dentro e fora do peronismo e mesmo assim Perón o confirmou no cargo. Cámpora, acusado de marxista e traidor pelos setores ortodoxos, foi nomeado embaixador plenipotenciário no México.

O ministro da Educação, Jorge Taiana, também identificado com a ortodoxia peronista, exigia a renúncia do reitor da *Universidad de Buenos Aires* (UBA), Rodolfo Puiggrós, por sua ligação com setores da esquerda. Aos poucos Perón ia reduzindo o campo político da juventude. O presidente desejava ser mais que o líder de um movimento majoritário, o condutor aspirava a liderança ideológica dos países do Terceiro Mundo. (DE RIZ, 1981). Enquanto isso, a vice-presidente Isabel deveria cumprir com papéis protocolares como presidir as sessões do Senado - o que só fez uma vez, em 14 de dezembro de 1973 - e limitou-se a designar uma pessoa de sua confiança para a secretaria administrativa. (SÁENZ QUESADA, 2016).

Dessa forma, mesmo não aceitando a escolha do líder, *Montoneros* seguiram apoiando o projeto de Perón, até o momento que perceberam que, na realidade, eles (a esquerda peronista) foram usados apenas para desestabilizar o governo ditatorial de Lanusse através de suas ações guerrilheiras e possibilitar o retorno do general. Perón parecia não estar interessado em incorporar elementos da esquerda em seu governo e para isso tratou logo de livrar-se de Cámpora. Quando *Montoneros* gritaram, em plena *Plaza de Mayo*, frases contra Isabel e López Rega, a ruptura com o líder estava aberta, não havia mais como voltar atrás. O rechaço a escolha de Isabel custou ao grupo sua clandestinidade e ilegalidade decretada pelo governo.

2.3. “LA TEORÍA DEL CERCO”: O PERONISMO SOB O COMANDO DE ISABEL E LÓPEZ REGA

A trajetória de Isabel como vice-presidente e esposa merece atenção devido aos diferentes aspectos de seu histórico político. Ser esposa do líder lhe dava uma condição privilegiada sobre os aspectos mais íntimos do pensamento daquele que

era tido por muitos em seu país como uma voz a ser seguida. No entanto, a esquerda do Movimento não a queria com um cargo político ao lado do Perón. Para eles ela deveria manter-se apenas como a esposa, sua figura e de López Rega representava uma ameaça a soberania argentina.

Já em 1973, após os eventos de Ezeiza, *Montoneros* reconheceram a “direitização” de Perón e, logicamente, não era de se esperar que Isabel assumisse uma postura diferente. Longe de romper com o líder e unir-se ao resto das forças revolucionárias, decidiram ficar dentro do Movimento Peronista, argumentando que, apesar de tudo, o general conduziria o país para a “libertação nacional” e para o “socialismo”. As medidas contrárias a classe trabalhadora eram justificadas por Perón, que se via “obrigado” a tomar medidas impopulares e negociar com o imperialismo que o cercava através dos governos golpistas da América Latina. Nesse ponto, *Montoneros* chegaram em um beco sem saída. Havia duas opções: renunciar o apoio ao líder para seguir seus ideais socialistas, ou negar aquilo que Perón demonstrava com atitudes e palavras.

Como explicar o apoio de *Montoneros* a Perón mesmo depois do Massacre de Ezeiza, do respaldo a *Burocracia Sindical* em seu governo e a membros da direita peronista e a elaboração do Pacto Social, ou seja, da guinada à direita do líder que eles acreditavam que iria salvar o país das amarras do imperialismo norte-americano e de qualquer ameaça “gorila”? Escolheram, pois, uma narrativa que ia ao encontro de seus desejos. Não podiam simplesmente confirmar aquilo que era óbvio: Perón não tinha a pretensão de seguir o programa da esquerda peronista. Para justificar o apoio incondicional, *Montoneros* elaboraram a *teoría del cerco*, a qual conseguiram sustentar por algum tempo.

O embate entre os *Montoneros* e o líder do movimento chegou ao seu ápice no dia 1º de maio de 1974. No tradicional ato pelo dia do trabalhador, setores da esquerda e da direita peronista lotaram a *Plaza de Mayo* para ouvir o discurso de Perón, o qual estava acompanhado por vários líderes partidários da época. A multidão que gritava com entusiasmo silenciou quando Perón surgiu ao lado de Isabel e de López Rega. Logo, a esquerda começou a entoar os versos “¡Ay! ¡Ay! ¡Ay! ¡Qué boludos / votamos a una puta, a un brujo y a un cornudo!” (GONZÁLEZ, 2007, p.46). Em seguida, gritaram “¿Qué pasa, qué pasa general, está lleno de gorilas el gobierno popular?” (DE RIZ, 1981, p.111). Da varanda da Casa Rosada Perón os chamou de “imberbes”, “estúpidos”, “idiotas útiles” e de “mercenarios al

servicio del extranjero”. Minutos depois, a multidão de jovens da JP e *Montoneros* deixaram a *Plaza de Mayo* que ficou praticamente vazia.



Figura 5 – Capa de *El Peronista Lucha por la Liberación* de 4 de maio de 1974.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Depois desse confronto na praça, Perón estava eliminando politicamente os jovens rebeldes e já não teria mais que enfrentar as críticas internas. Mas essa juventude era um setor valioso que poderia evitar a estagnação do Movimento. De acordo com Chitarroni Maceyra (2004), ao outorgar demasiado poder a “direita”, Perón renunciou as tarefas de atualização doutrinária e a democratização interna, que teriam permitido integrar os desejos de mudança dos jovens com as metas do movimento nacional. Sendo assim, era preciso separar a liderança dos *Montoneros* da massa juvenil que poderia ser recuperada para o Movimento. Nesse momento, “La ‘Tendencia’ se ha suicidado políticamente al enfrentar a Perón, que sin duda, continúa siendo el conductor.” (CHITARRONI MACEYRA, 2004, p. 131). O caminho para a ascensão da direita estava cada vez mais aberto.

Em um documento, os *Montoneros* manifestaram seu desacordo com o Pacto Social assinado em 8 de junho de 1974, alegando que “no es peronista”. O acordo foi firmado entre a *Confederación General del Trabajo* (CGT) e a *Confederación General Económica* (CGE), com o objetivo de deter a inflação e, consequentemente, distribuir a riqueza. A curto prazo, o Pacto estabelecia que patrões e empregados aceitariam um congelamento de preços e salários. A longo prazo, o objetivo era a adequação dos aumentos de salários para que, em um período de quatro anos, sua

porcentagem de participação no produto bruto nacional fosse de 40% a 50%. A aceitação dos trabalhadores era de vital importância, pois se os esquerdistas conseguissem que os sindicatos não estivessem de acordo, o plano não iria adiante. (PAGE, 2014).

Voltando a *teoría del cerco*, a presença de López Rega no governo não agradava a ala combativa desde a eleição de Cámpora, que o nomeou ministro, permaneceu durante o governo interino de Raúl Lastiri (que era seu genro) e confirmou-se com a chegada do casal Perón a Casa Rosada. López Rega seguia como ministro de *Bienestar Social*, além de acumular o cargo de secretário privado do presidente. Com a ascensão de Isabel, as críticas foram ficando cada vez mais duras. *El Descamisado* fazia menção com títulos recriminadores, tais como, “La historia de una conspiración para la traición”. Frente a evidência dos fatos, a revista insistia na *teoría del cerco* que aludia ao isolamento ao qual era submetido o general Perón por seu círculo íntimo.

Como sustenta Tcach (2003), este argumento possuía uma tripla virtude: 1) autorizava a crítica aos atos governamentais ignorando a responsabilidade de Perón; 2) permitia conservar a atribuição da identidade coletiva; 3) deslegitimava a de seus adversários internos. No entanto, a fragilidade desta teoria residia no fato de ancorar o eixo de legitimidade sobre a liderança carismática do líder. Esta foi uma posição muito discutida nos espaços do peronismo de esquerda, os quais assumiram uma atitude crítica a Perón, que estava cada vez mais se afastando do povo e “al movimiento tenemos que transformarlo desde adentro y junto con Perón, que marca con precisión el objetivo de la hora. Es de nuestras bocas de donde brota el grito de ¡Perón Presidente! más auténtico.” (*El Descamisado*, 04/09/1973, p. 3).

A imprensa oficial dos *Montoneros*, seguia acusando o *cerco*, sugerindo que Perón estava rodeado por pessoas que queriam impedir seu contato com o povo, isto é, a direita e, o que o grupo da esquerda chamou de “lumpenaje”⁸⁷ do Movimento Peronista. Para eles, o cerco “llegaba hasta la mista residencia de General, donde Isabel y López Rega le filtraban la realidad” (GRASSI, 2015, p.177), ou seja, Perón estava mudado e a única explicação encontrada era de que as pessoas que o cercavam não deixavam que ele visse as coisas com os próprios

⁸⁷ Para os *Montoneros* a “lumpenaje”, seriam os peronistas da direita que não trabalhavam pela causa do Movimento e não possuíam consciência sobre seu papel e sua classe (trabalhadora), fazendo uma alusão ao vocabulário marxista “lumpemproletariado”.

olhos, impedindo o encontro do líder com o povo em Ezeiza. Dessa forma, a esquerda se recusava a acreditar que o Perón real era diferente do que eles idealizavam. Esta era a “teoría del cerco imaginário de Montoneros”.

Mesmo com o passar do tempo e dos acontecimentos, os quais iam evidenciando a inviabilidade de que o general inclinaria a balança a favor do setor mais combativo do Movimento, *El Descamisado* persistiu em declarar seu apoio incondicional ao líder. (IRIBARNE, 2015). A primeira alusão crítica ao respaldo incondicional a Perón apareceu no editorial de 12 de março de 1974, indicando o “error de creer que un solo hombre podía cambiar toda la situación”. Afirma, ainda, que estava surgindo uma aliança entre “el imperialismo; la oligarquía; las Fuerzas Armadas y la burocracia sindical vandorista”. Essas acusações eram habituais em *Evita Montonera* em relação ao governo de Isabel e ao final do ano de 1974 afirmavam que

Para destruir el Movimiento Peronista cuentan con los traidores infiltrados como el vandorismo y el lopezrreguismo. Para destruir las fuerzas peronistas organizadas para la Liberación, necesitan un aparato represivo eficaz. Las policías federal e provinciales, los servicios de informaciones, grupos parapoliciales y paramilitares, las Fuerzas Armadas. Además una legislación represiva que sirva para combatir las luchas populares tanto políticas como gremiales (Estado de Sitio, reformas del Código Penal, ley de Asociaciones Profesionales, etc.). (*Evita Montonera*, dez./1974, p. 6).

Bem antes, em 21 de julho de 1973, antes mesmo de Perón ter sido eleito e Isabel ter sido escolhida como vice em sua chapa, a JP organizou uma marcha até a residência em Gaspar Campos para “romper el cerco del Brujo”. (*El Descamisado*, 24/07/1973). Uma multidão se aglomerou em frente ao portão da casa de Perón, o qual recebeu alguns líderes da JP, como Miguel Lizaso, Roberto Ahumada, Juan Carlos Gullo a fim de definir a estratégia dos setores juvenis. Para a militância, *el brujo* claramente tinha algo que ver com a sua estratégia política.

Page (2014) coloca que se houve algum fato determinante que marcaria a história argentina durante uma década inteira foi a candidatura de Isabel. A ex-bailarina havia conseguido algo que a idolatrada Evita deixou escorregar entre os dedos. O autor questiona se realmente Perón queria que ela fosse sua vice ou teria

se tratado de um golpe mestre de Isabel e do *Brujo* como muitos peronistas ainda acreditam.⁸⁸

Levantadas algumas hipóteses, cabe o questionamento: Perón, conhecido por seu caráter manipulador, o qual lutou para estar novamente no poder, teria baixado a guarda por razões de sua saúde para ficar à mercê de sua terceira esposa e seu ministro? Essa versão, a meu ver, parece servir apenas para tirar a culpa de Perón pelo fracasso do governo de Isabel e da influência que exercia López Rega sobre sua mulher. Sendo assim, é provável que Perón tenha consentido com a escolha do *Congreso Justicialista* ao nomear sua esposa, pois ela seria menos questionável entre os candidatos a vice-presidência que tinha ao seu alcance.



Figura 6 - Capa de *El Descamisado* de 24 de julho de 1973.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Isabel e López Rega, como discutido no capítulo anterior, se conheceram na Argentina em 1965 quando ela estava em uma missão política a mando de Perón em seu país natal. José López Rega, recebeu o apelido *brujo*, devido ao seu interesse por astrologia e ocultismo, quando jovem possuía uma vasta biblioteca, gostava muito de ler e escrevia reflexões espirituais. Nasceu em Buenos Aires em

⁸⁸ Page (2014) cita uma anedota atribuída aos líderes da JP que ilustra as ambições de Isabel e López Rega presente nos livros de Horácio Verbitsky, *Ezeiza* (2007) e em *El presidente que no fue* (2002), de Miguel Bonasso. Em 1972 os jovens estavam bebendo em um hotel em Madri com o *Brujo* quando ele contou que Gardel tinha dois violonistas, um bom e um ruim. O bom se separou de Gardel para fazer carreira solo e logo esqueceram-se dele. O ruim ficou com Gardel até o final, o acompanhava nos shows por diversos países e ficou conhecido como o último violonista de Gardel, que mesmo tocando mal, enchia os concertos. O mesmo acontecia com Perón. No peronismo havia muitos violonistas bons, mas ninguém se lembra deles. No entanto, Isabel e ele eram o violonista ruim de Gardel.

17 de outubro de 1916, mesmo dia e mês que, 29 anos mais tarde, seria a data mais importante para a história do peronismo e na qual ele soube explorar como se fosse um caráter divino a ele atribuído pelas forças do universo. (SÁENZ QUESADA, 2003).

Segundo Marcelo Larraquy (2007), López Rega tentou a carreira como jogador de futebol aos 19 anos no time de base do River Plate. Descobriu, ainda jovem, sua vocação para o canto e passou a frequentar *El Tabano*, local de encontro social da época. Chegou a cantar na Rádio Mitre, cujo diretor era José Maria Villone, futuro secretário de imprensa no governo de Isabel. Casou-se em 1943, aos 27 anos, com Josefa e teve uma filha, Norma. Em 1944 ingressou na polícia com a patente de cabo, o que não foi muito difícil, pois naquela época a admissão limitava-se a conhecimentos básicos como saber ler e escrever. No entanto, López cumpria funções administrativas, longe de qualquer perigo das ruas.

Anos mais tarde, para legitimar seu espaço dentro do peronismo, lançou a versão de que no fim dos anos 30 havia estudado violão e canto com Aurélia Tizón, primeira esposa de Perón, e que ela o teria apresentado a ele. Durante o primeiro mandato de Perón teria também se aproximado de Eva ao fazer parte da guarda presidencial no Palácio Unzué. Assim, “con ese argumento podía armar una figura perfecta: había sido un hombre querido por las tres mujeres de Perón: Aurélia, Evita e Isabel.” (LARRAQUY, 2007, p.21). Nesse mesmo período López teve contato com dois elementos que vinte anos mais tarde seriam a chave para sua cruzada contra a *Tendencia Revolucionaria* e a esquerda: Alberto Villar e Juan Ramón Morales.

López es el “primer ministro”, y controla la Presidencia, maneja la represión, siendo inspirador y conductor de las Tres A junto al “bruscamente” desaparecido Villar, la Policía Federal, milicos retirados y servicios de informaciones. Tiene respaldo de los altos mandos de la Fuerza Aérea y la Marina. Tiene también el aparato oficial de Prensa y Difusión, el Ministerio de Defensa. (*Evita Montonera*, dez./74, p.7).

Quanto ao desempenho no executivo, Isabel assumiu o exercício da presidência pela primeira vez em 19 de novembro de 1973. O periódico *Noticias*, em seu número de estreia, publicou com letras garrafais na capa “HOY ISABEL PRESIDENTA”. A experiência foi possível, pois Perón estava em viagem oficial no Uruguai para assinar um acordo que tratava sobre a delimitação de soberania do Rio da Prata. A agenda de Isabel para esse dia consistiu em receber o presidente do Sindicato de Taxi, Roberto García, o embaixador italiano Giuseppe De Rege

Tahesauro e o diretor do Serviço Penitenciário Federal, coronel Luis Bahler. (*Noticias*, 19/11/1973, p. 12).

Além de assumir o cargo quando o presidente estivesse incapacitado, outra das atribuições da vice-presidente era o dever em acompanhá-lo nas viagens ao exterior ou de ir em seu lugar quando este estivesse impedido por algum motivo (normalmente por saúde). Competia também a segunda mandatária dar as boas-vindas aos governantes estrangeiros no Congresso Nacional. De acordo com depoimentos trazidos por Sáenz Quesada (2016) Isabel não ia as sessões do Senado, limitava-se a acompanhar Perón quando este ia visitar a casa e sequer conhecia todos os senadores do bloco.

Após uma rápida viagem ao Uruguai com Perón, visitou o Paraguai, país onde havia utilizado suas habilidades de mensageira do esposo, na companhia do chanceler argentino. Essa visita reforçou seu papel institucional conforme queria o general e serviu para ratificar o tratado argentino-paraguaio para a construção da hidrelétrica de Yacyretá-Apipe. Além de participar da assinatura do tratado entre os dois países

Isabel Martínez asistió además a la colocación de una ofrenda floral en el Panteón de los Héroes, recibió las llaves de la ciudad en su carácter de huésped honorífica, y mantuvo una entrevista con el presidente Alfredo Stroessner en el Palacio de López, sede del gobierno paraguayo. [...] Al agradecer, Isabel expresó que “quisiera que fuera el general Perón el que recibiera estas llaves”, siendo muy aplaudida por la concurrencia, que vitoreó insistentemente el nombre del presidente argentino. (*Noticias*, 04/12/1973, p. 10).

Ao retornar, reuniu-se na casa do governo com o presidente e empresários da fábrica Ford e logo após “trató extensamente tanto las gestiones sobre la represa Yacyretá [...] como el rápido avance logrado ahora para construir, también con Paraguay, la represa de Corpus.” (*Noticias*, 05/12/1973, p.10). Isabel teve um desempenho relevante em assuntos de política internacional, bem como na participação de eventos organizados pelas centrais sindicais, as quais sempre ia acompanhada de ministros ou do próprio presidente. Poucas vezes Isabel saía sem a presença do Hermano Daniel, López Rega, seu fiel escudeiro.⁸⁹

⁸⁹ A presença constante do ministro ao lado de Isabel gerava suspeitas sobre a relação dos dois. Algumas pessoas afirmavam que eram amantes. Porém, sem que ninguém lhe perguntasse, López Rega afirmou “Es imposible con esta mujer, es una estatua de marmól, es fría”. (SÁENZ QUESADA, 2003, p.154). Já outros diziam que não parecia ser uma relação suspeitosa, pois a afinidade entre os dois se dava pelo interesse em assuntos esotéricos, sobre temas de espíritos e astrologia.

Em menos de dois meses de governo, o Ministro do Trabalho, Ricardo Otero, denunciou que a vice-presidente havia sofrido uma ameaça de atentado. O ato “terrorista” seria efetuado durante um evento realizado na fábrica de uma empresa metalúrgica, situada no subúrbio de Valentin Alsina (Lanús) ao qual compareceram, além da vice-presidente, o ministro Otero, José Lopez Rega, dirigentes políticos e sindicais peronistas. O ministro do Trabalho acusou a ala esquerdista da JP alegando que havia “pseudos-revolucionários que pensam que a resistência peronista surgiu em 1970, mas não é assim, pois a resistência nasceu em 16 de setembro de 1955”. (*Correio da Manhã* 19/11/1973, p.6).

O ministro aludiu à JP, grupo que manteve um choque aberto com setores da velha guarda política do peronismo e com os principais dirigentes do movimento operário, aos quais qualificava de membros da *Burocracia Sindical*. Em entrevista, López Rega ainda acrescentou que

Nós, a senhora de Perón, o General (Perón), e minha humilde pessoa recebemos ameaças de morte quase diariamente. E hoje diziam que se viéssemos a esta cerimônia se cometeria um atentado contra nós. A resposta da senhora Perón é sua presença aqui. (*Correio da Manhã*, 19/11/1973, p.6).

Com os sucessivos episódios de gripe do general, Isabel assumiu, por algumas vezes, as reuniões de gabinete e quase sempre a imprensa publicava uma foto sua rodeada por homens engravatados. A vice-presidente reunia-se, com certa frequência, com dirigentes femininas ligadas ao Movimento Peronista. (*Noticias*, 22/11/1973, p. 24). Em nenhum momento a esquerda, através de sua imprensa, enalteceu qualquer atitude de Isabel, pois para eles sua condição de esposa e vice de Perón não estavam a sua altura. Sua ligação com López Rega acirrava ainda mais a tensão de que ambos tramavam governar pelas costas de Perón.

No final de 1973, inesperadamente, Perón substituiu o comandante geral do Exército, general Jorge Raúl Carcagno pelo general Leandro Enrique Anaya. A medida surpreendeu a muitos, pois Carcagno apresentava uma imagem “populista” e identificado com as posições terceiristas do peronismo, questionando o excesso de influência dos Estados Unidos na América Latina. (CHITARRONI MACEYRA, 2004). O general havia comandado o *Operativo Dorrego*,⁹⁰ o qual buscava estreitar os laços entre o governo e os setores juvenis. Ao final, o *Operativo* serviu, na

⁹⁰O *Operativo Dorrego*, foi o momento em que *Montoneros* e o Exército trabalharam juntos para recuperar as zonas do centro-oeste da província de Buenos Aires inundadas pelas fortes chuvas em outubro de 1973.

realidade, para gerar duas consequências: a primeira, a insatisfação de amplos setores do Exército e do presidente e a segunda, estando Perón em pleno embate com as forças de esquerda de seu partido, identificou no comandante geral ligações com esse setor e, por isso, resolveu passar Carcagno para a reserva.

A revista *El Descamisado* perguntou “¿Qué pasa con los milicos?”. O editorial, que não leva a assinatura de seu diretor Dardo Cabo, afirma que a recente reforma de nove almirantes e um suposto movimento similar no Exército seria parte de um plano futuro, porém que já estaria em marcha “después de la desaparición [física] del General.” (*El Descamisado*, 11/12/1973, p.2). Segundo a publicação, a ideia seria, basicamente, dar estabilidade política ao [futuro] governo de Isabel. Já que “para eso se buscaría eliminar, desde ahora, a los sectores que pudieron atentar contra el proceso institucional. Más claramente, a los sectores que puedan dar un golpe”. (*El Descamisado*, 11/12/1973, p. 2-3).⁹¹ Dessa forma, o editorial acusava que, mais uma vez, os militares voltavam ao centro das atenções.

Com essas declarações, *Montoneros* ratificava a ideia de Isabel com o “cerco” e não via sua presença e de López Rega com bons olhos e por isso acusava o golpe que poderia vir. Para eles, a presença de Isabel no cargo de vice-presidente e, estando na presidência, significava a ascensão da *Burocracia Sindical* e da “ortodoxia” ficando notório que a relação de forças que existiu durante o governo de Cámpora, identificadas com a esquerda, parecia mudar substancialmente no terceiro governo de Perón. (CHITARRONI MACEYRA, 2004).

Em junho de 1974 Perón diminuiu a frequência de suas atividades e não recebia quase ninguém. Decidiu que tudo que ele tivesse que assinar fosse entregue a Isabel ou a López Rega. (LARRAQUY, 2007). Apesar do estado de saúde delicado do presidente, Isabel cumpriu com o compromisso de viajar à Europa. A viagem havia sido prevista por seu esposo para que ela conhecesse o mundo e que este, por sua vez, a conhecesse. A comitiva que a acompanhou estava composta pelas esposas dos três comandantes das Forças Armadas, além de outras figuras femininas, seu médico, o chefe de segurança da Casa do Governo e López Rega.

⁹¹Antes mesmo da morte de Perón, *Montoneros* já falavam de uma possível “bordaberryzación” de Isabel, tal como no Uruguai em que o presidente Juan María Bordaberry estava no cargo, mas quem de fato governava eram os militares.

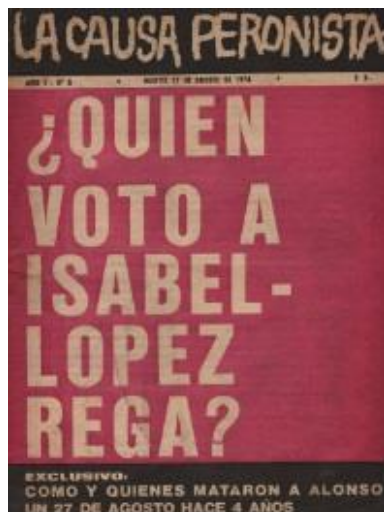


Figura 7 - Capa de *La Causa Peronista* de 27 de agosto de 1974.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Em Madri foi recebida por Franco e conversou com o príncipe Juan Carlos e sua esposa Sofía. Isabel poderia estar bastante satisfeita com os resultados de sua viagem, na qual havia saboreado as gratificações que o poder oferece. (SÁENZ QUESADA, 2003). No dia 28 de junho retornou ao país e, segundo relatos, durante a viagem não escondeu sua preocupação com a saúde do esposo. López Rega havia retornado antes, dia 23. Um dia após sua chegada, Perón lhe transmitiu o cargo. No dia 30, pela noite, os médicos emitiram um boletim que conservava um pouco de otimismo, no qual Perón havia tido uma leve melhora de seu quadro clínico nas últimas horas. Na manhã de 1º de julho Isabel chamou uma reunião de gabinete na residência de Olivos, a qual foi interrompida aos gritos, deixando todos os ministros paralisados. (LARRAQUY, 2007).

Perón havia sofrido uma parada cardíaca, faltando três meses para completar 81 anos. Existem informações encontradas nas biografias de Perón que não são confirmadas pelos médicos que cuidavam do presidente em seus últimos dias.⁹² Uma delas seria de que quando foi confirmada a morte clínica de Perón, López Rega intercedeu tirando os médicos ao redor da cama. O *brujo* teria dito que o general havia morrido em outra ocasião e que ele o havia ressuscitado. Tocando no corpo desfalecido de Perón, fechando os olhos, começou a balbuciar alguns mantras e em seguida gritou “¡No te vayas, Faraón!” ao mesmo tempo em que sacudia as pernas sem vida do general. (LARRAQUY, 2007, p.292). López Rega era conhecido

⁹² Alguns exemplos podem ser encontrados em *El último Perón: testimonio de su medico y amigo* (2000), de Jorge Taiana, médico que assistiu o presidente em seus últimos dias e no livro de Nelson Castro, *Los secretos de los últimos días de Perón* (2013).

por seus rituais com cadáveres, pois acreditava que podia comunicar-se com os espíritos.

Após a confirmação oficial da morte do presidente, Isabel pronunciou o seguinte comunicado por rádio e televisão com a voz carregada de emoção e segurando as lágrimas

Con gran dolor debo transmitir al pueblo el fallecimiento de un verdadero apóstol de la paz y la no violencia. Asumo constitucionalmente la primera magistratura del país, pidiendo a cada uno de los habitantes la entereza necesaria dentro del lógico dolor patrio, para que me ayuden a conducir los destinos del país hacia la meta feliz que Perón soñó para todos los argentinos. Ruego a amigos y adversarios que depongan las pasiones personales en bien de una patria libre, justa y soberana. Que Dios me ilumine y me fortifique para cumplir con lo que Dios y Perón me otorgaron como misión. (*La Nueva Provincia*, 02/07/1974, p. 3).

Assim, a Argentina se preparava para viver sem o líder. Perón dizia que seu único herdeiro era o povo⁹³, no entanto, a sucessão constitucional competia a sua esposa. O povo havia outorgado o poder ao casal através do voto e agora era a hora de Isabel exercê-lo efetivamente sem a presença do condutor. Em julho de 1974 iniciou uma nova etapa para história do país e o maior desafio da vida da “mensajera de Perón”. Investida no cargo de presidente horas após o falecimento de Perón, Isabel deveria dar continuidade ao projeto político pelo qual o casal havia sido eleito. Entretanto, o *lopezrreguismo*,⁹⁴ isto é, a influência de López Rega no governo e a massiva caça aos “infiltrados” acirrou ainda mais a divisão dentro do peronismo.

Sendo assim, sem considerar o grau de incidência da crise do petróleo, a posição ideológica dentro do governo, as lutas encaradas pelos setores juvenis, a clandestinidade dos *Montoneros*, a influência de López Rega ou a incapacidade de governar de Isabel, o caminho para a ditadura se tornou irreversível. Durante o tempo em que *Montoneros* sustentaram a *teoría del cerco*, indiretamente, colocaram Isabel como alguém que estava à frente do governo e, de certa forma, diminuíram a atuação de Perón. Mais tarde esse seria o álibi perfeito para a esquerda peronista

⁹³ Perón apelava ao povo-protagonista em seus primeiros discursos e em seus livros com os títulos: *El pueblo quiere saber de qué se trata* (1944); *El pueblo ya sabe de qué se trata* (1946), *La hora de los pueblos* (1957). Para o peronismo o povo sempre será o “ator” das concentrações da *Plaza de Mayo*. (PODERTI, 2010).

⁹⁴ O embate aberto entre Perón e a *Tendencia* facilitou o crescimento político de López Rega que começou a atuar como um polo de atração de diversos setores que coincidiam com sua inimidade política ou diferença ideológica com os “zurdos”.

livrar Perón da culpa de haver promovido medidas autoritárias e transferir à Isabel e ao *brujo* a responsabilidade pela repressão que sofreram.

2.4. A PRIMEIRA PRESIDENTE: ENTRE A NEGAÇÃO E O ESQUECIMENTO

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (2013) criou a categoria “memória coletiva” na qual sustenta que o fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser analisado de forma efetiva se não for levado em conta os contextos sociais que atuam como base para que a memória possa ser reconstruída. Nesse sentido, a recordação do período do governo de Isabel e as lembranças que ele produz faz com que haja uma negação de sua figura. Uma parte da história do peronismo quer esquecê-la e muitos argentinos ignoram o fato dela ter sido a primeira mulher presidente do país. Não raras vezes quando o tema vem à tona, referem-se a Cristina Kirchner como sendo a primeira presidente feminina, eleita em 2007 para seu primeiro mandato.

À Isabel é atribuída a responsabilidade pela repressão contra os *Montoneros* e contra a esquerda de seu próprio partido durante os anos em que esteve na presidência. Não há um busto seu na *Galería de los Bustos Presidenciales* da Casa Rosada e a própria ex-presidente peronista Cristina Kirchner, não lhe recordava em seus discursos como fazia com a figura de Eva Perón quando mencionava a importância das mulheres na política. Perón teve três esposas e fez com que a primeira, Aurélia Tizón, ficasse apenas na lembrança, a segunda, Evita, passasse à eternidade e a terceira, Isabel, ao esquecimento. Essa opção por esquecer a presidência de Isabel também significa que uma parcela da população simplesmente não concordou ou não concorda com o fato dela ter ocupado o maior cargo político do país.

Existem muitas coisas que os argentinos não querem recordar, além de sua presidência está o fato de o próprio Perón a ter escolhido para assumir o cargo em seu lugar. Os peronistas preferem não admitir que um Perón lúcido, preferiu escolher alguém sem experiência política ao invés de, por exemplo, Ricardo Balbín, assumindo o risco enorme de que seu projeto popular fosse rejeitado ao ver que López Rega, seu secretário privado, dia após dia adquiria mais poder e influência ao lado de Isabel. A visão dos *Montoneros* e do “cerco” em que um Perón decadente ou fora do controle das decisões, que de alguma maneira hoje é a história oficial, foi a

melhor versão para não lhe atribuir a responsabilidade pelos atos repressivos do seu governo. Nesse sentido, muitas vezes “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”. (POLLAK, 1989, p. 7).

Existe uma oscilação entre os extremos das histórias oficiais que acaba por mutilar uma visão mais ampla do passado. Em geral, a história dita “oficial” alega que Perón voltou ao país para unir pacificamente os argentinos e que a *Triple A* foi uma criação exclusiva de López Rega.⁹⁵ Porém, sabe-se que sob seu governo e o de Isabel desenvolveu-se uma intensa repressão parapolicial e paraestatal. Sérgio Bufano (2005) fez uma cronologia, incompleta, dos ataques por parte dos grupos parapoliciais e destacou o assassinato de 63 militantes de esquerda e de populares. O tema da violência durante o terceiro governo peronista foi algo negado durante muito tempo, pois o discurso oficial ao mesmo tempo em que colocou que a repressão ditatorial de 1976 a 1983 deveria ser condenada, deixou de lado o período constitucional de 1973 a 1976 em que operou o terrorismo de Estado.

Quando Raúl Alfonsín assumiu a presidência, em 1983, e decidiu processar as juntas militares pela repressão aos “subversivos”, a ala castrense lembrou que a luta contra a ameaça comunista e subversiva havia começado em 1975 e que em 1976, quando assumiram, os decretos já estavam em vigor. (SÁENZ QUESADA, 2016). Apesar disso, Alfonsín criou a *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP) responsável por averiguar as violações de direitos humanos cometidas no período de 1976-1983 e, dessa maneira, não foi considerado o período anterior, isto é, os governos de Perón e Isabel. Alguns historiadores, como Marcelo Larraquy, e jornalistas da grande mídia argentina sustentam que Alfonsín fez um pacto com a viúva de Perón a fim de não macular as instituições democráticas e resolveu “passar uma borracha” nos atos autoritários do casal.

Para Vezzetti (2002), a questão da memória social na Argentina tem sido, paradoxalmente, uma herança da última ditadura e fixou-se como uma causa associada estritamente a defesa dos direitos humanos e a busca pela justiça. O dia 24 de março é considerado o *Día de la Memoria*, alusivo ao golpe militar que depôs Isabel. Nessa data são lembrados aqueles que desapareceram entre 1976 e 1983. Porém, a menção ao nome de María Estela Martínez, Isabel ou Isabelita mais de 40

⁹⁵ No próximo capítulo o assunto será mais bem explicado.

anos após sua queda só é recordado quando se referem as causas que levaram à ditadura. Pode-se pensar que talvez opere o sentimento de vergonha, de ignorância, do medo de evocar fantasmas do passado ou de ver como realmente as coisas aconteceram. Isso faz com que os argentinos se sintam obrigados a manter sepultado no esquecimento Isabel Perón e seu curto, desastroso e sangrento governo, isto é, a consolidação de uma imagem da extrema-direita no poder que, para muitos, nada tem a ver com o peronismo.

A figura de Isabel é sempre relacionada ao período mais nebuloso pelo qual o país passou. Foram anos difíceis, de tortura, de repressão, assassinatos e desaparecimentos. A própria Isabel “desapareceu”. Ficou detida por cinco anos e cumpriu parte de sua pena na residência *El Mesidor*, totalmente isolada, incomunicável e com forte aparato de segurança em Neuquén, na Patagônia. A ditadura lhe concedeu liberdade em 1981 e, desde então, a primeira mulher presidente dos argentinos vive exilada em Madri de forma bastante discreta e evitando falar com a imprensa. Isabel regressou à Argentina em 1983 quando foi convidada pelo presidente recém-eleito Raúl Alfonsín para que participasse da sua cerimônia de posse, como um símbolo da vitória da democracia.

Voltaria em 1984 para um diálogo com os partidos políticos e, talvez, possa ter pensado em retornar à atividade política. Seu advogado na Espanha havia recomendado que não voltasse à Argentina, pois corria o risco de ser detida já que havia processos judiciais pendentes e novas causas abertas em relação a violação de direitos humanos, como seu aval no *Operativo Independencia*.⁹⁶ Porém, o ano de 1986 marcaria mais uma vez a vida dos argentinos. López Rega, que estava foragido, foi localizado em Miami, extraditado e preso na Argentina. Algumas pessoas próximas, como revela Sáenz Quesada (2003), aconselharam Isabel a ir conversar com *el brujo* para acertar as contas do passado. Ela se negou e ainda disse que “esse hombre me metió el diablo en el cuerpo”. (SÁENZ QUESADA, 2003, p. 465). Doente, López Rega faleceu na prisão em 1989.

O governo de Alfonsín usou, então, a “teoria dos dois demônios”, na qual López Rega representava todo mal, enquanto Isabel estava isenta da responsabilidade dos crimes de seu governo, isto é, o peronismo passava à história sem julgamentos, tudo para que a democracia não fosse manchada novamente.

⁹⁶ Repressão militar contra a guerrilha urbana na província de Tucumán e que acabou estendendo-se para todo território nacional. Será abordado com mais detalhes no próximo capítulo.

Nesse sentido, utilizando o conceito de Hannah Arendt, o mal praticado por Isabel foi banal, caracterizado pela ausência do pensamento e, conseqüentemente, da privação da responsabilidade.⁹⁷ O novo presidente também não queria um enfrentamento com Isabel nem com Lorenzo Miguel (líder da UOM), muito menos com os caudilhos do peronismo, por isso a justificativa de López Rega como um ser sinistro e oportunista. Anos mais tarde, o Kirchnerismo também se sentiu confortável com essa visão de López Rega como uma figura à margem do peronismo.

No momento em que o país era governado por Carlos Menem (1989-1999), com quem Isabel teve uma boa relação no passado, mas após a volta da democracia não quis aproximar-se novamente, foi quando percebeu que sua presença nunca fora reivindicada na Argentina, nem mesmo pelos peronistas que eram governo naquele momento, sendo que praticamente ignoraram sua ida ao país. (SYLVESTRE, 2016). Quando outro peronista, Néstor Kirchner (2003-2007), chegou à presidência, decidiu reabrir o processo em que Isabel fora acusada de crimes contra a humanidade praticados durante seu mandato e sua relação com a *Triple A*. Em 2007, a justiça decretou sua prisão pelo desaparecimento de um estudante um mês antes do golpe de Estado. Um ano mais tarde foi considerado que seus crimes não eram de lesa-humanidade e já havia prescrito por terem sido cometidos há mais de trinta anos.

Além da acusação pelos crimes de violência, pesava sobre ela, quando os militares a prenderam em 1976, o caso do famoso *cheque del escándalo*. (GONZÁLEZ, 2007). Em relação a matéria interna a principal tarefa de Isabel, desde os tempos de vice, era presidir a *Cruzada de la Solidaridad Justicialista*, uma entidade beneficente que seria uma espécie de *Fundación Eva Perón*.⁹⁸ A ideia para a criação da *Cruzada* surgiu em Madri, antes de Perón ser presidente, e seria um calvário na vida de sua viúva, pois a iniciativa, segundo a justiça, constituiu-se em uma fonte de recursos de fácil acesso para o círculo íntimo presidencial mais que para auxiliar aos pobres. (SÁENZ QUESADA, 2016).

Desde fins de 1972 Isabel havia aberto uma conta em seu nome de solteira, María Estela Martínez Cartas, no Banco Comercial de La Plata, para que

⁹⁷ Odílio Alves Aguiar. Violência e banalidade do mal. **Revista Cult**. 14 mar. 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/violencia-e-banalidade-do-mal/> Acesso em: 13 dez. 2019.

⁹⁸ Criada em 1948, a *Fundación Eva Perón* inaugurou um novo modo de prestar assistência aos setores mais necessitados, aproximando-se mais da ideia de justiça social proposto pelo peronismo, distinto do tradicional conceito de esmola. (PIGNA, 2012).

empresários realizassem suas contribuições financeiras. Para alguns, esses depósitos eram uma forma velada de comprar a esposa do líder com o objetivo de obter privilégios em um futuro governo peronista. Em menos de um ano a *Cruzada* havia recebido oitenta milhões de pesos (oito milhões de dólares na época). López Rega era o vice-presidente e sua filha, Norma e seu genro Raúl Lastiri, integravam cargos na direção. Quando já exercia o cargo de presidente, Isabel foi alertada por seu secretário privado, Julio González, de que era “por demás inadecuado que esa entidad fuera dirigida por personas tan vinculadas entre sí, tanto por sus relaciones familiares como por su función de gobierno”. (GONZÁLEZ, 2007, p. 257).

Quando os militares assumiram, Isabel foi denunciada por haver desviado 13 milhões de pesos da conta da *Cruzada* para pagar, com essa quantia, parte da herança de Eva Perón a suas irmãs que estava em litígio desde seu falecimento em 1952. López Rega, Norma e Raúl Lastiri também foram processados. Apesar da gravidade da denúncia, Isabel admitiu que era ela quem preenchia os cheques da entidade. Quando a justiça lhe perguntou por que assumia essa responsabilidade, respondeu que ela era a única que lidava com os cheques, pois esse era seu modo de ser e que, quando viviam em Madri, o general dizia brincando que ela era muito desconfiada. (GONZÁLEZ, 2007).

No entanto, o juiz interino encarregado pelo julgamento, Alfredo Nocetti Fasolino, decretou a rejeição definitiva do caso.⁹⁹ Mais uma vez, em 1983, o presidente Alfonsín a honrou com um decreto que pretendia “alcançar a união de todos os argentinos” e a isentou do pagamento de US\$ 9 milhões de dólares que era cobrado por ela ter se apropriado dos fundos públicos da *Cruzada*. Tudo indicava que após a atitude de Alfonsín, Isabel também seria desobrigada de outros de seus crimes, mas como vimos, Néstor Kirchner não teve a mesma conduta. O presidente peronista eleito em 2003, que nos anos setenta era simpatizante do grupo *Montoneros*, resolveu reabrir as feridas do passado. As denúncias que se referiam aos crimes de violência e lesa humanidade estamparam as capas dos jornais ao redor do mundo, colocando Isabel de volta à cena política na Argentina. Esse foi o momento em que povo argentino ficou dividido entre lembrar e esquecer.

Lembrar seus atos significava a busca pela justiça, mas associar o nome de Isabel à Perón era algo que muitos não queriam fazer, justamente para esquecer

⁹⁹ Isabel Perón, procesada por malversación de fondos. **El País**, Madri, 8 mai. 1976. Disponível em: https://elpais.com/diario/1976/05/08/internacional/200354409_850215.html Acesso em: 15 jul. 2019.

que o peronismo, quando voltou ao poder, praticamente deu continuidade a repressão da *Revolución Argentina* iniciada em 1966. Logicamente que, ao comparar o período constitucional do peronismo à ditadura, pode levar a uma banalização de todo mal que foi praticado durante o período democrático através do terrorismo de Estado. Voltamos de novo a Hannah Arendt e seu conceito de “banalidade do mal”, o qual nos permite fazer um paralelo com o que aconteceu na Argentina. Parte da sociedade, tão “acostumada” a vivenciar governos autoritários ao longo do século XX, fez com que se criasse uma multidão incapaz de fazer julgamentos morais, razão pela qual aceitaram e cumpriam ordens sem questionar, isto é, o governo agia com violência, pois era necessário combater o inimigo interno e, no contexto de Guerra Fria, era uma justificativa plausível.

Ao mesmo tempo que uma grande parcela da população nega a figura de Isabel, Diego Mazzieri, autor do livro *Ni yankis, ni marxistas ¡Peronistas!* (2011), em uma obra pesada e extensa, discute, a partir de uma perspectiva pró Isabel enquanto “chefe espiritual do Movimento Nacional Peronista”, a legitimidade de seu governo. Para o autor, os “gorilas” e os “infiltrados” foram os artífices da retirada da esposa de Perón da presidência. Mazzieri faz parte do referido Movimento e, anualmente, no dia 4 de fevereiro em comemoração ao aniversário de Isabel, o grupo coloca na *Plaza de Mayo* uma placa em homenagem a ex-presidente e entoam a famosa *Marcha Peronista*. Atos semelhantes, como celebração de missas em seu nome, acontecem em outras cidades do país. Como discutirei melhor no próximo capítulo, houve, durante os anos setenta grupos que foram leais a Isabel e que, hoje, provavelmente são os mesmos que a recordam.



Figura 8 - Homenagem dos membros do *Movimiento Nacional Peronista* à María Estela Martínez de Perón. *Plaza de Mayo*, fevereiro de 2013. (Acervo da autora).

Segundo o historiador argentino Luis Alberto Romero (2007), a memória não pretende ser neutra, mas sim, categórica e valorativa, isto é, considera as coisas em termos de “preto no branco”. Por isso, falar sobre o período em que Isabel Perón foi presidente segue sendo um tabu para muitos, pois sua atuação está ligada diretamente com a extrema-direita do Movimento e das lembranças desagradáveis vividas durante os duros anos de repressão dos governos das Juntas Militares. Romero refere-se a uma “herencia complicada” ao mencionar a escolha de Perón em deixar nas mãos da esposa o desafio de levar seu sobrenome e tudo que ele representa, herança pela qual o peronismo de esquerda nunca considerou legítimo.

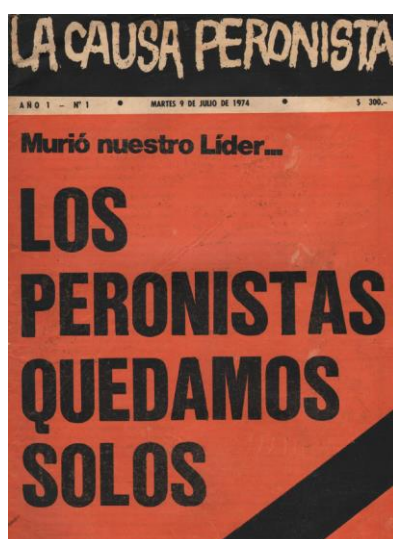


Figura 9 - Capa de *La Causa Peronista* de 9 de julho de 1974.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Após a morte de Perón, ninguém poderia imaginar o peronismo sem um líder. Podemos entender muitas de suas razões para ter escolhido Isabel. A figura da “*pareja militante*” encaixava bem no peronismo (basta lembrar da atuação de Eva e Perón, mais tarde Cristina e Néstor Kirchner) e, além disso pretendia não se inclinar por nenhum dos setores peronistas que já protagonizavam uma briga feroz pela sucessão.¹⁰⁰ Por outro lado, apoiou-se em seu círculo íntimo, isto é, sua esposa e López Rega. Porém, não se podia negar quais eram os méritos, capacidades e

¹⁰⁰El lugar de Isabel, entre lo popular y la dictadura. **Perfil**, Buenos Aires, 29 jun. 2014. Disponível em: <https://www.perfil.com/noticias/elobservador/el-lugar-de-isabel-entre-lo-popular-y-la-dictadura-20140629-0074.phtml> Acesso: em 15 abr. 2018.

limites de Isabel e, principalmente, qual deveria ser seu desempenho caso ele falecesse em seguida. Para a esquerda peronista, após a morte de Perón, o sentimento era de “quedamos solos”. (*La Causa Peronista*, 09/07/1974, capa). Num primeiro momento, consternados pela dor da perda do líder, *Montoneros* defendiam a constitucionalidade, pois

Llenar el poder que significa la muerte del General Perón, con un acuerdo formal de las fuerzas políticas y sociales interesadas en la Liberación Nacional, en torno al programa votado masivamente por el pueblo el 11 de marzo y el 23 de setiembre. La realización de este acuerdo permitirá apuntalar al gobierno de la Presidente Isabel Perón. (*La Causa Peronista*, 09/07/1974, p. 40).

Mas não demoraria muito para mudarem sua conduta em relação a nova presidente. Muitos historiadores consideram que Isabel desconhecia o funcionamento das instituições republicanas e confundia a esfera pública com a privada. (SÁENZ QUESADA, 2016); (LARAQUY, 2007); (PAGE, 2014). Certamente ela não dominava as artimanhas do jogo político como Perón, mas poderia imaginar-se que teve tempo suficiente para aprender com um velho professor perito na arte de fazer política durante os quase vinte anos que viveram juntos. Contudo, ter o melhor professor não significava que a aluna fosse suficientemente capaz de compreender e aprender a dar as cartas do jogo. Para Romero (2014), Perón talvez tenha imaginado que os anos em que sua esposa tivesse que governar sem ele seriam bastante turbulentos e que poderiam resultar em uma ponte entre um regime democrático de base popular e a mais terrível das ditaduras da Argentina e que Isabel, infelizmente, abria o caminho para os militares.

Essa era a acusação daqueles que não a aceitavam. Porém, todos os problemas enfrentados durante seu governo já faziam parte da breve presidência de Perón. Romero (2014) destaca que o principal problema foi o conflito de interesses desencadeado por um Estado que, desde muitas décadas, podia inclinar a balança em favor de um ou outro setor, mas era incapaz de colocá-los em ordem ou discipliná-los. O contexto era difícil, a economia entrava em crise cíclicas com uma inflação crescente, até que se solucionava com a conhecida receita da desvalorização, da queda dos salários e da recessão. Enquanto isso, a militância, através de sua imprensa, tentava organizar uma contraofensiva e propôs pouco antes do golpe militar a

1) Renuncia de María Estela Martínez y todo su gabinete; 2) Designación por el congreso de un presidente interino que convoque

inmediatamente a elecciones libres y sin proscripciones; 3) Exhortación a los sectores nacionales de las fuerzas armadas, que aún subsisten, para que apoyen estos reclamos y se opongan al golpe de estado. En caso contrario las fuerzas armadas quedarán aisladas y enfrentadas al Frente de Liberación Nacional, encaminándose hacia su disolución como institución; 4) Inmediata suspensión de la guerra sucia y genocida. Que los procedimientos policiales legales sean realizados de día y de uniforme. (*Evita Montonera*, fev.-mar./1975, p.8).

A queda de Isabel não se deu devido a uma só razão, foi o somatório de sucessivos acontecimentos. O clima de violência generalizado, a sensação de crescente de ausência de poder presidencial, a crise no partido e na economia, a constante troca de ministros somados a sua polêmica trajetória pessoal, seu passado artístico, a estreita relação com López Rega e o significativo fato de ser mulher, foram algumas das principais objeções a sua pessoa. O grupo *Montoneros* afirmava que “con este golpe termina una etapa y otra nueva se inicia. El “justicialismo” de la integración al sistema, de la conciliación de clases, de la traición a los intereses del pueblo ha terminado. (*Evita Montonera*, Fev.-Mar./1975, p.10). Acredito que, em nome da moral, muitos que estavam na política queriam aguçar as contradições de Isabel e poucos desejavam um diálogo ou a tentativa de uma conciliação, pois poderia ser visto como um ato de fraqueza.

A exaltação da violência, que teve a ver com a negação da responsabilidade do peronismo juntamente com as arbitrariedades que praticou quando foi governo, fez com que os anos setenta não fosse de reconciliação, como desejavam aqueles que pediam a volta de Perón, o que se viu, em realidade, foram anos de um agravamento do conflito. Quando a direita dizia que era preciso aniquilar o inimigo e a esquerda fez o mesmo, isso terminou em uma aniquilação entre ambos. A própria esquerda do Movimento declarava que sua luta era para defender integralmente o processo de liberação e “por eso enfrentamos al gobierno y planteamos la reconstitución del Movimiento Peronista. Lo enfrentamos porque no cumple el programa de liberación y queremos reconstituir al M.P. porque es la herramienta idónea para la liberación”. (*Evita Montonera*, Dez/1975, p.4). Como a *Burocracia Sindical* fazia parte do governo, o inimigo era o próprio governo, pois

La permanencia en el gobierno de Isabel Martínez genera contradicciones en el campo enemigo porque impide su unificación; [...] el signo más evidente de esta descomposición es la crisis total del justicialismo traidor, atravesado por múltiples luchas de sectores y hasta de hombres. (*Evita Montonera*, fev.-mar./1976, p. 3).

A imprensa montonera, a todo momento pedia a saída da presidente. Com certeza não desejavam o golpe militar, mas naquela conjuntura parecia ser a única saída possível. A ambiguidade do próprio Movimento Peronista somando as contradições de Isabel favoreceram para o agravamento da crise. Houve uma incapacidade de articulação com os setores que não a aceitavam e os próprios peronistas de esquerda não fizeram questão de tentar o diálogo com a presidente. Como afirmou Romero (2014), ao invés da conciliação, buscou-se o enfrentamento. López Rega, sem dúvidas, foi a figura central nesse conflito. Antes mesmo de sua ascensão a superministro, a imprensa já alertava para o perigo de tê-lo no governo. Porém, ao analisar as publicações montoneras, quando Perón era presidente a figura do *brujo* parecia não incomodar tanto como quando Isabel assumiu.

O fato de ser uma mulher de passado controverso e alcançar a confiança de Perón, abalou a militância que tinha em Evita um símbolo popular. Isabel era seu oposto, (embora Evita também tivesse um passado artístico polêmico) não dispunha do mesmo carisma e não tinha identificação com as camadas mais pobres da população. Jogar Isabel ao esquecimento, portanto, faz com que a imagem da mulher peronista não seja associada a falta de tomada de posição e de caráter. Para os *Montoneros* Eva era a mulher forte, Isabel a manipulável, além disso afirmavam que ela não era peronista, era *lopezrreguista*, isto é, seguia a cartilha da extrema-direita de López Rega. No entanto, se Isabel estava preparada ou não para a política, se tinha ou não responsabilidade pelos atos autoritários que decretou ou se foi ou não influenciada pelo *brujo*, importa pouco se a sociedade não for capaz de conciliar e entender que tudo faz parte da história e que ela nos ensina embora, muitas vezes, seja uma aprendizagem difícil. O trauma de certas experiências históricas leva ao esquecimento, aquele não pode ser apagado, mas pode ser conciliável.

Passados quase 45 anos, esquecer uma etapa de sua própria história não é a melhor maneira de se seguir adiante, assim como não significa apoiar suas atitudes, mas recordar para que não seja repetido. Paul Ricoeur (2007) afirma que a memória é pragmática e, nesse sentido, ela deverá ser exercida. Dessa forma, o ser humano não deveria apenas lembrar o que passou, mas fazer algo em relação a essa lembrança. Embora o dia 24 de março seja considerado o Dia da Memória na Argentina (*Memoria, Verdad y Justicia*), parte dos argentinos seguem negando e

relativizando um período único, no qual a primeira mulher ocupou a presidência e, por não poder conduzir o país traumatizado após a morte de seu líder, preferiu esquecê-la.

O esquecimento está ligado a um dano à confiabilidade da memória e “os abusos da memória, tornam-se abusos do esquecimento”. (RICOEUR, 2007, p. 455). O que Ricoeur (2007) chamou de memória impedida mostra-se como um obstáculo a elaboração de experiências históricas traumáticas e tem ligação direta com o esquecimento. Essa convergência, segundo o autor, seria lesiva na medida em que impede que novas versões possam vir à consciência e serem reconstruídas dentro do espaço público e, dessa forma, conferir um novo sentido ao passado.

Os traumas que foram desenvolvidos ao longo do processo histórico que envolveu Isabel afetaram de certa maneira a memória coletiva e acabou transformando a construção e o entendimento desse passado como um trabalho doloroso, em que grande parte resolveu “arquivar” em sua memória. O esquecimento, segundo Ricoeur (2007), quando é ativo constitui-se por meio de relações sociais marcadas pela ideologia, políticas e relações de poder e aproxima-se, ao que ele chamou, de memória manipulável. Há também a forma passiva de esquecimento que é considerado como uma forma patológica, ligada a memória impedida.

O historiador é responsável pela preservação da memória, por uma constante revisão da historiografia e das análises desenvolvidas a partir de novas fontes e de novos procedimentos metodológicos. Essa revisão nada tem que ver com a negação ou a relativização. Não significa também que teremos uma “versão definitiva” sobre a história de Isabel e do peronismo dos anos setenta. Ricoeur (2007) alerta, ainda, para o perigo da história oficial – quase sempre a detentora das narrativas ideológicas. Para o historiador Marcelo Larraquy, o peronismo é sempre uma surpresa porque possui uma grande capacidade de reinventar-se, já que

“se divide, se reconcilia. Es un juego de leales y traidores que al final se unen. Tiene una enorme capacidad de supervivencia, fruto de los 17 años de clandestinidad, e igual que se autodestruye, después se regenera”.¹⁰¹

¹⁰¹ “Será Alberto Fernández quien mandará en Argentina, no Cristina”. **El País**, Madri, 13 nov. 2019. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2019/11/13/argentina/1573658374_871663.html Acesso em: 04 dez. 2019.

Apesar desse poder que o peronismo tem de unir-se em determinados momentos de sua história, o período em que Isabel governou o país está longe de ser um motivo de unificação entre seus partidários. Os que não a apoiavam foram tachados de antiperonistas e traidores. A figura presente de Eva Perón ao longo de toda história do peronismo e a comparação entre as esposas de Perón as colocam entre o claro e o escuro. Enquanto Eva condensava a luta que recusava qualquer dimensão formal e expressava um vínculo substancial entre Perón e o povo, Isabel assumia um cargo institucional e estava perigosamente ligada ao “cerco” que impedia, para *Montoneros*, o vínculo direto entre a díade constitutiva do peronismo.

Para a esquerda militante, o “peronismo verdadeiro” rechaçou sempre sua inscrição contemporânea: o Massacre de Ezeiza, a renúncia de Cámpora, a prisão de grupos armados, a presidência interina de Lastiri, o enfrentamento de 1º de maio de 1974, a morte do líder e a presidência de Isabel. (SLIPAK, 2015). A partir da perspectiva da imprensa montonera, Eva Perón expressava com fidelidade as lutas populares, dos mais necessitados e situava-se de maneira excepcional entre Perón e o povo, a qual servia de uma intermediação invisível. Eva não interferiu nessa relação, pois estava muito próxima dos dois. Já Isabel mantinha uma relação muito estreita com a *Burocracia Sindical* o que a afastava cada vez mais de setores populares identificados com o peronismo.

Somado a todos os outros motivos para sua negação e esquecimento, esse distanciamento do povo, para eles, não representava a essência do peronismo e, por isso, Isabel não poderia ser perpetuada na memória do Movimento. Sendo assim, a história oficial do peronismo dos anos setenta ocultou que Perón foi quem a escolheu e, por isso, os grupos contrários a “La Martínez” alegam que seu governo foi apenas o ponto de partida para a ascensão dos militares ao poder em 1976.

CAPÍTULO 3

“¡ISABEL O MUERTE!”: A LEALDADE DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA NAS PÁGINAS DA REVISTA *EL CAUDILLO*

“Los que no apoyan a Isabel son enemigos de la patria. No se trata de ser peronista o no. Se trata de ser argentino o no.”

EL CAUDILLO, 13 DE SETEMBRO DE 1974.

3.1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA DIREITA PERONISTA¹⁰² E SUA IMPRENSA NOS ANOS SETENTA

Com o processo de abertura eleitoral propiciado por Lanusse e a volta do peronismo em 1973, as diferenças que existiam no Movimento Peronista ficaram ainda mais expostas. No ano de 1972, como ressalta Besoky (2016), observa-se de um lado a estruturação de um setor de esquerda do peronismo hegemônico pela *Tendencia Revolucionaria* (ou *La Tendencia*), que englobava aqueles que reivindicavam a “pátria peronista” e não coincidiam com a luta armada como metodologia nem com o marxismo como ideologia ou mesmo era partidário da “pátria socialista”, diferentemente da Organização Político-Militar *Montoneros*. De outro lado estava um grupo antagônico, autodenominado “peronismo ortodoxo”, contrário a *La Tendencia*.

Originalmente o termo “ortodoxo” se referia, durante os anos da Resistência Peronista (50 e 60), àqueles setores do peronismo mais intransigentes e mais relutantes em aceitar algum tipo de acordo com o governo. Rechaçavam inclusive as vertentes neoperonistas, vanderistas ou conciliadoras que haviam surgido nos anos sessenta. Considerava-se esse setor como heterodoxo ou anti-imperialista. Na década seguinte, com o retorno de Perón ao país, há uma guinada do governo à direita, a ortodoxia passou a englobar, então, aqueles setores que, apelando para a

¹⁰² O termo “direita”, desde a Revolução Francesa, simboliza a resistência política às mudanças progressivas no plano político e social. Para uma análise mais específica da direita argentina, o historiador Luis Besoky considera somar o termo “nacionalismo de direita”, o qual, por um lado pode ser aristocrático e tradicionalista e, por outro, desejar uma inflexão populista cujo sonho é o estabelecimento de um regime anticomunista e revolucionário, sendo autoritário e justo. Sendo assim, “este último sector, al cual también le cabe la denominación general de “extrema derecha”, sería el que terminó vinculándose al peronismo”. (BESOKY, 2010, p.9).

verticalidade, buscavam evitar qualquer tipo de aproximação com o marxismo ou a esquerda peronista, enquanto estes últimos faziam parte da heterodoxia. (BESOKY, 2016).

De acordo com Alonso (2012) alguns traços da ortodoxia eram a adesão total aos governos de Juan Domingo Perón e Isabel a partir de 1973, a oposição a setores juvenis combativos do peronismo identificados com a *Tendencia Revolucionaria* e a reafirmação da *Tercera Posición*, distanciando-se tanto do capitalismo dos Estados Unidos como do socialismo da União Soviética. O setor da direita estava composto por figuras influentes no governo como, por exemplo, José López Rega, ministro do *Bienestar Social* e chefe da organização parapolicial *Alianza Anticomunista Argentina*, a *Triple A* (AAA), e por José Otero, sindicalista e dirigente da *Unión Obrera Metalúrgica* (UOM), ministro do Trabalho. Além de López Rega e sua organização criminosa havia surgido no final dos anos 60 e início dos 70 outros grupos da direita peronista, tais como a *Juventud Sindical Peronista* (JSP), *Concentración Nacional Universitaria* (CNU), *Comando de Organización* (CdeO) e *Juventud Peronista de la República Argentina* (JPRA ou *La Jotaperra*).¹⁰³

Estas organizações de direita, apesar de não estarem dentro do aparato estatal, contribuíram e colaboraram nas ações repressivas como veremos a seguir.¹⁰⁴ Segundo Paino (1984), a *Triple A*, foi criada para “combatir el terrorismo en su propio terreno, con sus mismas armas: con su falta de ética y moral. Lo que por sus reglamentos y leyes ni pueden hacer las fuerzas armadas ni la policía”. (PAINO, 1984, p.42). Dessa forma, a *Triple A*, JSP, CdeO, CNU e JPRA, assim como os demais militantes provenientes do nacionalismo de direita, somaram-se a luta contra a esquerda peronista em um primeiro momento para depois direcionar as perseguições para a esquerda em geral.

A *Triple A* começou a gestar-se logo após a posse de Cámpora em maio de 1973, embora sua primeira ação tenha acontecido em 21 de novembro desse ano

¹⁰³ Havia inúmeros grupos alinhados à ideologia de direita dentro do peronismo. A tese do Prof. Juan Luis Besoky, “*La derecha peronista. Practicas políticas y representaciones*” (2016) faz um estudo de todos os grupos desde 1943 até 1976. Aqui interessa somente os grupos de maior destaque quanto ao apoio a Isabel.

¹⁰⁴ Alguns autores consideram a *Triple A* como um grupo parapolicial, como é o caso de Juan Carlos Marín em *Los hechos armados. Argentina 1973-1976. La acumulación primitiva del genocidio* (1996), no qual atribui sua criação a Juan Domingo Perón e a burguesia argentina. Já o juiz federal Norberto Oyarbide, responsável pela causa dos crimes da *Triple A*, em 2006 afirmou que o grupo foi uma organização criminosa gestada pelo próprio Estado e, portanto, pode ser considerada como paraestatal. O braço armado da direita peronista também é considerado, por alguns, como uma organização paramilitar.

com um atentado a bomba contra o senador da *Unión Cívica Radical* (UCR), Hipólito Solari Yrigoyen que saiu ileso. Miguel Bonasso, em seu livro *El presidente que no fue* (2002), relata o curto governo de Cámpora durante os meses de maio a julho de 1973 e como foi preparado o caminho para que Perón retornasse ao poder de forma efetiva. Uma das informações mais importantes em seu relato remete à responsabilidade e conformidade de Perón para com a criação da *Triple A*, cuja inspiração remete ao *El Somatén*, velha instituição espanhola de caráter parapolicial.

De acordo com Yofre (2008), para muitos, a ata fundacional da *Triple A* foi assinada no dia 1º de outubro de 1973 durante uma reunião na qual foi presidida pelo próprio Juan Domingo Perón, já como presidente eleito. Várias figuras ligadas à ortodoxia peronista como Raúl Lastiri (presidente interino), José López Rega (ministro do Bem-Estar Social) e Benito Llambi (ministro do Interior), estiveram presentes e cada um levou uma cópia de um “*Documento Reservado*” em que fixava as diretrizes para terminar com o “*entrismo*” da esquerda no Movimento Peronista. O documento foi publicado no jornal *La Opinión* de 2 de outubro de 1973 com o título “*Drásticas instrucciones a los dirigentes del Movimiento para que excluyan todo atisbo de heterodoxia marxista*”.

Em outras palavras, “se creó a la vista de toda sociedad un Estado al margen de la ley dentro del propio Estado de derecho”. (YOFRE, 2008, p.43). O primeiro ponto definia quem era o inimigo: grupos marxistas terroristas que haviam assassinado o sindicalista ligado à ortodoxia, secretário geral da *Confederación General del Trabajo* (CGT), José Ignacio Rucci. O segundo, observava que o estado de guerra em que se encontravam os obrigavam a assumir a defensiva e atacar ao inimigo em todas as frentes. Como já mencionado, embora a extrema-direita já estivesse atuando dentro do governo desde a ascensão do peronismo ao poder em maio de 1973, seu objetivo de despertar o terror na população de maneira mais explícita começou com o atentado ao senador Solari Yrigoyen. (MARONGIU, 2007).

Importante salientar que em 20 de junho de 1973, dia do regresso definitivo de Perón à Argentina, ocorreu o Massacre de Ezeiza, no qual a direita sindical do Movimento entrou em confronto com *La Tendencia Revolucionaria*, assassinando e deixando feridos uma grande quantidade de militantes da esquerda peronista. Vários autores sustentam que neste episódio a *Triple A*, embora ainda não estivesse formalizada, articulou o primeiro de muitos de seus crimes. (FEINMANN, 2010). Desde seu exílio em Madri, Perón já vinha mostrando o duplo jogo com respeito ao

movimento revolucionário, apoiando as ações armadas de setores radicalizados da *Juventud Peronista*. No entanto, após o episódio de Ezeiza, marcaria o fim da ambiguidade discursiva do líder e sua inclinação aos setores ortodoxos do peronismo reconhecidos como de direita. (BUFANO; TEIXIDÓ 2015). Dessa forma, “Perón ponía un pie en el país marcando claramente su apoyo a la vieja ortodoxia sindical y a la derecha política.” (BESOKY, 2010, p.3).

Sabe-se, no entanto, que a repressão ilegal do Estado, segundo Larraquy (2007), Marongiu (2007) e Yofre (2008), foi impulsionada com o reingresso do delegado Alberto Villar para a força policial como chefe da Polícia Federal e Luis Margaride a subchefe. Ambas nomeações foram uma decisão direta de Perón através de um decreto assinado por ele. O delegado Juan Ramón Morales e o subinspetor Rodolfo Eduardo Almirón,¹⁰⁵ também reingressaram na polícia através de decreto assinado pelo presidente interino Raúl Lastiri e se incorporaram a guarda pessoal de López Rega, que também acumulava o cargo de secretário privado de Perón.

Podemos dizer que a *Triple A* foi um ator político coletivo com uma organização interna bem estruturada que exerceu uma ação política ilegal e violenta utilizando recursos do próprio Estado. As armas eram contrabandeadas do Paraguai com ajuda da Polícia Federal e ficavam guardadas em salas do *Ministerio de Bienestar Social*. (ROSTICA, 2011). Os crimes eram assinados com a sigla “AAA” geralmente escritas com o sangue das vítimas em papéis ou talhadas com uma faca ou punhal no corpo do militante assassinado. Como revelam alguns números da revista *El Caudillo* e a bibliografia, a *Triple A* confeccionava uma “lista negra” de artistas, políticos e jornalistas publicando comunicados que justificavam os delitos cometidos, como foi o caso do assassinato de Silvio Frondizi, irmão do ex-presidente Arturo Frondizi, morto por ser “traidor de trabajadores, comunista, bolchevique.” (LARRAQUY, 2007, p.307). As listas de execuções em sua maioria terminavam com “Viva la Patria. Viva Perón. Viva Isabel.”

Segundo Feinmann (2010) não foi o exército quem praticou o terrorismo durante o governo peronista, mas sim os grupos fascistas, no qual a *Triple A* está incluída. Havia uma frase, que chegou a ser escrita nas paredes dos prédios de Buenos Aires e publicada na capa da revista *El Caudillo* de 1º de novembro de 1974

¹⁰⁵ Todos eles haviam sofrido baixa por ilícitos de drogas.

que dizia “quien le teme a las AAA” e complementava na contracapa “por algo será”. Ou seja, se alguém temia o grupo armado era por ser “zurdo” ou por ser “monto”¹⁰⁶ e temer a AAA era se denunciar.



Figura 10 - Capa de *El Caudillo* de 1º de novembro de 1974.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Atribui-se à *Triple A* um total de mil e quinhentos a dois mil assassinatos, sendo que entre agosto e setembro de 1974 foram 60 mortos, 20 sequestros e 220 feridos. (LARRAQUY, 2007). A morte de sindicalistas ligados à direita do Movimento por grupos armados como *Montoneros*, acabou implicando na ascensão de López Rega como chefe supremo de todos os aparatos repressivos denominados como “escuadrones de la muerte”. A *Triple A* teve a particularidade de desaparecer com o golpe de Estado de 1976. (ROSTICA, 2011). O *Proceso de Reorganización Nacional* dissolveu a *Triple A* ao “estatizar” o terrorismo e institucionalizar o tipo de violência por ela implementada que foi absorvida pelos militares através da *Secretaría de Inteligencia Del Estado* (SIDE). (GASPARINI, 2005).

A aparição da *Juventud Sindical Peronista* (JSP), outro grupo da direita peronista, coincidiu com a abertura política em 1972 quando os dirigentes sindicais negociavam com Perón a melhor tática para a disputa eleitoral. (DAMÍN, 2013). Seu papel era o de denunciar e combater os setores “infiltrados” no Movimento Peronista. Logo que Cámpora assumiu a presidência, a organização publicou um

¹⁰⁶ Para se referir aos militantes do grupo *Montoneros*.

artigo no jornal *Clarín* de 4 de junho de 1973 com a seguinte chamada: “*Ni gorilas, ni trotskistas, peronistas!*”, argumentando que

La JUVENTUD SINDICAL ARGENTINA, que está integrada en el Movimiento Obrero Organizado, ha vibrado y vibra de fervor ante la seguridad de estar construyendo una nueva Argentina, que rompió sus cadenas y que se libera de la opresión que la mantuvo sofocada durante largo tiempo. Es por eso que ante los vanos intentos de perturbación registrados a partir del 25 de Mayo por quienes se niegan a aceptar que en el país haya paz y trabajo, queremos formular una advertencia para que no haya posibilidad de equivocaciones. (...) El general Perón ya puso en descubierto a quienes orquestan esta provocación: son GORILAS y TROSKISTAS que quieren mantener la intranquilidad y la desesperanza del pueblo, porque saben muy bien que en la hora de la paz y del trabajo ya no tienen nada que hacer. Pero se han equivocado. La JUVENTUD SINDICAL PERONISTA les dice BASTA. No permitiremos nuevas frustraciones. El nombre de nuestro líder es sagrado para utilizarlo como pretexto de esta nueva violencia sin razón. (BESOKY, 2016, p. 206).

Zicolillo (2013), sustenta que a ideia de organizar uma juventude sindical partiu de Rucci, o qual apresentou sua proposta a Perón no início de 1973 em uma viagem a Madri. Sua principal tarefa era a de confrontar a *Juventud Trabajadora Peronista* (JTP), ligada à *Tendencia*, segundo o chefe de imprensa de Rucci, Osvaldo Agosto

La Juventud Sindical Peronista, fundada por Rucci, pero aprobada previamente por Perón, fue una organización que se pensó y se creó de arriba hacia abajo. Carecía de una estructura orgánica como la que podían tener tanto la CGT como las 62 Organizaciones. Su principal tarea era confrontar con la JTP en el terreno que fuera. Por eso los gremios aportaron a sus militantes más jóvenes. La razón de ser de la JSP era la acción. (ZICOLILLO, 2013, p. 51).

Além da *Triple A* e da JSP, a *Concentración Nacional Universitaria* (CNU),¹⁰⁷ também parte da direita peronista, foi responsável por assassinatos de vários estudantes considerados de esquerda. Além disso, os membros da CNU foram utilizados como grupos de choque no enfrentamento em Ezeiza. (FEINMANN, 2010). A CNU originou-se a partir de uma filial Plantense do *Movimiento Nacionalista*

¹⁰⁷ Surgiu em 1968 e sua função no âmbito universitário era o de funcionar como um grupo de choque de direita frente aos grupos estudantis de ideologias distintas. Posteriormente, membros da CNU passaram da esfera universitária para a sindical, participando de grupos da ultradireita do sindicalismo ortodoxo.

Tacuara.¹⁰⁸ A facção também era responsável por elaborar listas de ativistas da esquerda peronista e marxista dentro das universidades com nível de ativismo político mais elevado como a *Universidad de Mar del Plata* e a *Universidad de La Plata*. (MARONGIU, 2007).

Dado que o principal âmbito de ação da CNU era a Universidade, um panfleto de 1972, analisado por Besoky (2016), mostra qual era seu projeto universitário. Nele, era reproduzido uma lei peronista de 1947 que lançou as bases do ensino universitário, no qual, entre outras coisas, desejava que a nomeação dos reitores fosse feita pelo Poder Executivo e excluía a atividade política da vida acadêmica. Nesse mesmo panfleto condenava “el proceso de destrucción de la Universidad” a partir da criação de universidades privadas em 1958 “puesto que desjerarquizaba a la universidad estatal”. (BESOKY, 2016, p. 139). Nesse sentido a CNU assegurava que a Reforma de 1918 formou uma coalizão de reformistas e marxistas, responsável pela destruição da universidade. Alguns reitores e muitos professores ligados à esquerda peronista ou a esquerda em geral, foram perseguidos e assassinados.

Outro grupo, a *Juventud Peronista de la República Argentina* (JPRA), organizada por Julio Yessi, que além de contar com elementos que também assassinavam “infiltrados” no Movimento Peronista, possuía uma função logística e de difusão dos atos da *Triple A* através da revista *El Caudillo* e outros meios de comunicação. (MARONGIU, 2007). Sindicalistas peronistas de esquerda, como Hipólito Atílio López, figura destacada nos protestos do *Cordobazo* e vice-governador de Córdoba, foi sequestrado e assassinado pela *Triple A* em setembro de 1974 e ao redor do cadáver estavam cerca de 132 cápsulas 9mm. (BASCHETTI, 2007).

A reunião, a qual teve a participação de López Rega, segundo o jornal *La Opinión* de 27 de julho de 1973, contou com um quórum de cinquenta pessoas. Ali estavam os primeiros militantes da JPRA e um dos futuros redatores da revista *El Caudillo*, Enrique Mario Gerez. De acordo com Besoky (2016), essa foi a primeira menção a JPRA em um periódico. Ao terminar a reunião, a JPRA emitiu uma nota

¹⁰⁸ O grupo dividiu-se, a partir de 1963, em um setor vinculado à esquerda peronista, e outro, dirigido pelo ex-seminarista Alberto Ezcurra Uriburu, vinculado à direita sindical peronista. A direita nacionalista que havia dividido seu apoio a Perón aliou-se a ele para enfrentar a ameaça da esquerda revolucionária peronista e não peronista. (BESOKY, 2010, p. 10).

de apoio à chapa Perón-Perón para as eleições presidenciais previstas para setembro

El ferviente deseo de que el segundo término sea ocupado por la compañera Isabel Martínez de Perón, sintetizando así el auténtico sentir de nuestro pueblo en contra de los intereses oligárquicos y antinacionales empeñados en desvirtuar la esencia doctrinaria del Movimiento". (*La Opinión*, 27/07/1973, p.4).

Besoky (2016) ressalta que as origens de sua formação não estão totalmente claras, pois algumas versões publicadas em jornais como *Clarín* e *Página/12*,¹⁰⁹ colocam Yessi como fundador da JPRA, mas o autor sustenta que na verdade seu papel foi o de aglutinar todos aqueles setores da juventude peronista que não estavam ligados aos *Montoneros*, o qual também estava em formação. Sabe-se que Yessi foi um dos militantes da direita peronista que trabalhou ativamente na campanha eleitoral de 1973, apoiando e reverenciando Isabel.



Figura 11 - Panfleto do *Comando de Organización* desejando Feliz Natal a seus membros e simpatizantes. (Acervo da autora).

Outra organização da direita peronista, marcadamente anticomunista foi o *Comando de Organización* (CdeO), liderada por Alberto Brito Lima. O CdeO nasceu em um encontro realizado por todos os grupos da JP em meados dos anos sessenta no salão do sindicato do calçado, em Buenos Aires. Segundo Zicolillo (2013), em

¹⁰⁹ "Triple A: detuvieron al yerno de López Rega y a otros seis acusados". *Clarín*, Buenos Aires, 08 jun. 2012. Disponível em: https://www.clarin.com/politica/triple-detuvieron-lopez-rega-acusados_0_HJ5CVXnvXe.html e "Los amigos de El Brujo", *Página /12*, Buenos Aires, 08 jun. 2012. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-195904-2012-06-08.html> Acesso em: 01 fev. 2019.

1963, o CdeO contava com cerca de 1500 militantes divididos em quatro colunas e aos poucos foi se convertendo em um dos grupos mais numerosos do peronismo juvenil. Como já mencionado, a chegada de Isabel à Argentina em 1965 contou com o acompanhamento do CdeO, tendo Brito Lima como um dos membros de sua guarda pessoal. O alinhamento do grupo com a esposa de Perón foi constante, pois o apoio a ela e o enfrentamento com Vandor foi uma das principais questões do grupo.

Os ideais de todos esses grupos eram disseminados na revista que se tornou a porta-voz da extrema-direita peronista e que recebia financiamento dos cofres do *Ministerio de Bienestar Social*, comandado por José López Rega. Com o nome de *El Caudillo de la Tercera Posición*, a publicação trazia uma visão que esses setores tinham de si mesmos. Na revista é possível perceber que eles nunca se identificam como pertencentes ao espectro de direita, mas sim como “leales y ortodoxos”. Essa definição também significava que a esquerda peronista não era leal e estava afastada da ortodoxia, ou seja, eram os “infiltrados, traidores e heterodoxos”. (BESOKY, 2016). Como revela o jornalista Sergio Kiernan, do jornal *Página/12*

El lenguaje, las ideas y las propuestas de El Caudillo eran un llamado constante y una justificación de la violencia de su organización madre, la Triple A. Desde su logo –una tacuara– hasta secciones como ‘Buscado’, donde se publicaba la foto de un ‘zurdo’ con un ‘prontuario’ y la invitación a ‘compañero, ya lo conoce: grábese esta cara para reconocerlo cuando se lo cruce’, El Caudillo arrancó pidiendo cabezas y terminó aplaudiendo y reivindicando a los que las hicieron rodar.¹¹⁰

A publicação chegava aos quiosques de maneira quase regular, às sextas-feiras. Na direção de *El Caudillo* estava Felipe Romeo¹¹¹, um italiano radicado na Argentina que levantava a bandeira de intelectuais fascistas e advertia sobre a conspiração judaica mundial. Em seu número de estreia com título de seu editorial “*La tendencia se acabó: el que manda es Perón*”, Romeo explicou a aparição do novo semanário

Como no existe prensa peronista y todos los medios conspiran por la destrucción, se unen con el negativismo o niegan el triunfo del Pueblo, por eso sale EL CAUDILLO, para lograr la RECONSTRUCCIÓN definitiva. Sabemos que es hora de dejar de pensar con la cartuchera y ponernos a pensar con la cabeza, por

¹¹⁰ “El órgano oficial de la Triple A del Brujo”. *Página /12*, Buenos Aires, 07 jan. 2007. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-78773-2007-01-07.html> Acesso em: 6 mar. 2018.

¹¹¹ Enrique Mario Gerez aparece em alguns números como diretor interino.

eso elegimos este medio de lucha y no decidimos hacer una trinchera en la calle. Por esto y porque Perón manda (*El Caudillo*, 16/11/1973, p.2).¹¹²

Ironicamente, vários dos membros que integravam a revista participaram ativamente de assassinatos e perseguições a militantes de esquerda e eram membros da JPRA, CNU e empregados do *Ministerio de Bienestar Social*. Porém, a expressão “dejar de pensar con la cartuchera”, faz referência aos sequestros e assassinatos atribuídos ao grupo *Montoneros*. Os integrantes de *El Caudillo* declararam guerra aos militantes da esquerda e, em um de seus números, “denunciou” que os quiosques expunham apenas a revista *El Descamisado* e escondiam a sua. A publicação também rivalizava com o periódico *Noticias*, dirigido por Miguel Bonasso, militante *montonero* e o jornal *El Mundo*, do ERP, os quais foram censurados durante o governo de Isabel.

De acordo com Larraquy (2007), a revista vendeu aproximadamente 9400 exemplares somente na Capital Federal, mas conseguiu arrecadar grande quantidade de dinheiro graças às propagandas do *Ministerio de Bienestar Social* pagas por López Rega. No entanto, não era o dinheiro que os motivava, mas sim o prazer de promover a caça aos “infiltrados” no peronismo como marxistas, comunistas e seus líderes, principalmente Mario Firmenich chefe da organização *Montoneros*, e a todos considerados traidores de esquerda. Para eles, era necessário eliminar o inimigo interno. Nos anos sessenta Romeo fez parte da ala da direita sindical peronista do *Movimiento Nacionalista Tacuara* e mais tarde integrou a *Juventud Peronista de la República Argentina*. Em agosto de 1974 Romeo concedeu uma entrevista na qual explica os motivos que levaram à criação da revista *El Caudillo*

Al regresar a Argentina gracias a la amnistía de Cámpora, em 1973, pensé que había que fundar un semanario de combate. La prensa argentina tras dieciocho años de caos nacional, estaba manejada por el liberalismo y el marxismo. Así nació “El Caudillo de la Tercera Posición”, que éste es su nombre completo. Se trata de un semanario de lucha. Hoy, paradójicamente, no puede decirse que haya prensa peronista en Argentina, sólo el doctrinario “Las Bases”, de aparición semanal. “El Caudillo” ha conseguido una aceptación grande desde su aparición. Su lenguaje es directo, combativo, dentro de la ortodoxia peronista, en medio de la confusión que viven algunos sectores del país. (*El Caudillo*, 02/08/1974, p.8)

¹¹² As maiúsculas correspondem ao original.

Interessante destacar que, segundo ele, durante os dezoito anos em que Perón esteve no exílio, o país estava sendo governado pelo liberalismo e marxismo. Porém, de 1955 a 1958 e de 1966 a 1973 o país esteve sob ditaduras militares. O curto espaço democrático (nem tão democrático assim) teve presidentes da *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI) e *Unión Cívica Radical* (UCR) respectivamente, - Arturo Frondizi, em eleições diretas e Arturo Illia, em eleições indiretas - muito distante da ideologia marxista, assim como os militares que os antecederam. Essa afirmação equivocada feita por Romeo serviria apenas para justificar e propagar a caça aos inimigos marxistas e “infiltrados” no Movimento Peronista.

A revista *El Caudillo* dirigia suas críticas agressivas e sem eufemismos, nas quais explicitava sentenças de morte ao inimigo. Seus artigos não eram assinados e a única firma presente era a de Romeo nos editoriais sempre em duas páginas. As mensagens de ódio e perseguição eram frequentes tanto nas capas quanto em suas matérias. Uma das seções mais eloquentes da revista era a “¡Oíme!”¹¹³, a cargo de Salvador Nielsen, com diagramação especial em duas páginas, era o local onde se fustigava e ameaçava a oposição.¹¹⁴ (MOYA; MURANO, 2007). Às vezes o espaço serviu para demonstrar seu apoio a algumas personalidades ligadas à ortodoxia.

Em um de seus números anunciou que o assassinato do deputado nacional pelo peronismo, Rodolfo Ortega Peña, estava próximo.¹¹⁵ De fato, Ortega Peña foi assassinado pela *Triple A* dias depois por haver criticado o governo de Isabel e por ter ligação com a esquerda peronista. Entretanto, após sua morte, publicou que o deputado “no era tan importante como para matarlo, pero de todas maneras fue asesinado. ¿Problemas domésticos?”. (*El Caudillo*, 09/08/1974, p.4). O padre Carlos Mugica, simpático ao grupo *Montoneros* e representante do *Movimiento Sacerdotes para el Tercer Mundo*, foi outro a quem “¡Oíme!” dirigiu-se e foi assassinado, assim como personalidades culturais e intelectuais de esquerda. Muitos dos que receberam ameaças decidiram sair do país, entre eles o ex-reitor da *Universidad de Buenos Aires*, Rodolfo Puiggrós, que se exilou no México.

¹¹³ A partir do número 33 a revista mudou o nome da seção para “¡Oigame!”.

¹¹⁴ Segundo Moya e Murano, em artigo publicado na revista *Veintitrés* de 15 de fevereiro de 2007, Nielsen dividia seu tempo entre *El Caudillo* e o jornal *Crónica* de Buenos Aires.

¹¹⁵ Juntamente com o advogado Eduardo Luís Duhalde, dirigiu a revista *Militancia Peronista para Liberación* (1973-1974), que através de decreto do presidente Perón em junho de 1974 encerrou sua publicação. Ortega Peña foi assassinado em 31 de julho do mesmo ano.

Com o lema “*Las palabras son hembras. Los hechos son machos*”, Romeo desqualificava a OPM-Montoneros e suas publicações. Também são muito frequentes as menções à Sinarquia e o perigo que uma dominação judaica podia representar. *El Caudillo* dedicou-se da mesma forma a injuriar o “marxista barbudo e cabeludo”, em referência a Che Guevara, e se dirigia aos militantes de esquerda como “*bolches*” (bolcheviques). Em contrapartida, *Montoneros* acusava Isabel, “*la Martínez*”, de encobrimento e conivência pelo funcionamento da *Triple A*, já que nunca fez nada para frear suas ações. (SÁENZ QUESADA, 2003).

Mesmo com as propagandas pagas por López Rega, a revista teve uma breve interrupção, entre março e setembro de 1975, justificada com a afirmação de que aquele era o momento “*de los hechos*” e o tempo “*de las palabras*” havia terminado. (*El Caudillo*, 19/03/1975). Voltou a circular em 15 de outubro e, segundo o editorial, para “triumfar o morir junto a Isabel”. A capa trazia como chamada: “Isabel o muerte. Porque volvemos”. O texto assinado por Romeo argumenta que

Para nosotros el peronismo se llama Isabel y estamos convencidos de que SIN ISABEL NO PUEDE HABER PERONISMO. El Caudillo vuelve para apoyar al Ejército Argentino en su lucha contra el ejército invasor que pretende suplantar nuestra sagrada Bandera por un sucio trapo rojo [...] para castigar sin piedad a los “Guerrilleros de la retaguardia” [...]. EL ENEMIGO SIEMPRE ELIGE EL METODO, PARA NOSOTROS TODO VALE, PELEAMOS SIN DAR NI PEDIR CUARTEL. Se está con Isabel o contra Isabel. No hay alternativas. (*El Caudillo* 15/10/75, p.3).

O editorial encerra com a frase que ficou famosa e associada ao grupo da extrema-direita, porém agora colocando a esposa do falecido líder em destaque: “Porque es así y porque Isabel Perón manda. EL MEJOR ENEMIGO ES EL ENEMIGO MUERTO. ISABEL PERÓN O MUERTE. ¡VENCEREMOS! Felipe Romeo”.

Após a saída de López Rega do país, em julho de 1975,¹¹⁶ Romeo soube que seu ciclo estava terminando e decidiu encerrar a revista em dezembro do mesmo ano, três meses antes do golpe que depôs Isabel, para fugir à Espanha. Que Romeo, sua revista e seu grupo anônimo de redatores tinham o mesmo patrono e referente que a *Triple A*, não era nenhum segredo. A revista chegou a ter uma terceira fase, quando Romeo retornou de seu exílio, em maio de 1982, como o tema exclusivo da Guerra das Malvinas: “Reaparecemos porque Argentina está en

¹¹⁶ A partir de então a UOM passou a patrocinar a revista e publicou propagandas de cunho laudatório a Juan Manuel de Rosas e Perón como exemplos de caudilhos.

guerra”.¹¹⁷ Durante as eleições presidenciais de 1983, Romeo tentou utilizar a revista como ferramenta da campanha eleitoral do Justicialismo. Porém, o candidato do peronismo, Ítalo Luder, foi derrotado pelo radical Raul Alfonsín e Romeo definitivamente entendeu que era o fim de sua “carreira jornalística”.



Figura 12 - Capa de *El Caudillo* de 15 de outubro de 1975.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

O editor de *El Caudillo* faleceu aos 64 anos por complicações cardíacas, em 2009, diagnosticado com HIV em um hospital de Buenos Aires. Estava foragido desde 2006, com pedido de captura internacional pela participação em vários crimes da organização *Triple A*.¹¹⁸ Esteve sob a custódia da justiça, mas quando os médicos informaram que Romeo estava em estado vegetativo, traqueostomizado e sobrevivendo com ventilação mecânica, o juiz federal Norberto Oyarbide deixou sem efeito sua detenção, já que o suspeito não podia declarar fatos importantes para a investigação e, assim, faleceu livre.

Assim, a direita peronista contava com vários grupos fascistas como a CNU, CdeO, JSP, JPRA, *Triple A* que apoiavam a presidente Isabel através da revista *El Caudillo*. A atuação da *Triple A*, que contou com o respaldo de Perón e Isabel, levou adiante os discursos presentes na revista ao perseguir, assassinar e ameaçar aqueles que consideravam infiltrados e traidores. Isabel tinha, portanto, um grande

¹¹⁷ Sergio Kiernan: “El órgano oficial de la Triple A del Brujo”. *Página /12*. Domingo, 07/01/2007. Disponível em <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-78773-2007-01-07.html> Acesso em 6 mar. 2018.

¹¹⁸ Os artigos de Romeo e muitas notas de *El Caudillo* fazem parte da causa judicial nº 1075/06 e orientam de que maneira foram consumados vários dos crimes entre assassinatos, atentados, torturas e sequestros efetuados pela organização armada da direita peronista.

defensor de seu governo que a apoiou quase até o final quando os militares a tiraram do poder para começar mais uma ditadura no país.

3.2. “¡SE SIENTE, SE SIENTE, EVITA ESTÁ PRESENTE!”: COMO EL CAUDILLO FEZ DE ISABEL O CATAFALCO DE EVA PERÓN

Durante a década de 70, o papel fundamental da retórica discursiva estava vinculado ao jornalismo escrito, diferentemente dos dias atuais onde a comunicação política atravessa a lógica do marketing e do rol da televisão. (SILVA, 2013). A revista *El Caudillo* era uma publicação realizada com o propósito militante de intervir na luta política a partir do terreno do discurso¹¹⁹, assim como as demais publicações de diversos grupos políticos que utilizavam a imprensa escrita para marcar suas posições. Segundo Charaudeau (2008), a linguagem é um poder que depende de como os homens o constroem, através de suas trocas, seus contatos e, principalmente, das máscaras que assumem na encenação verbal. O discurso político é, por excelência, um jogo de máscaras.

Para a cientista política Céli Pinto (2006), todo discurso é um espaço de poder, “na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico”. (PINTO, 2006, p.92). O discurso político, no entanto, se destaca entre todos os tipos de discurso, pois explicita sua luta pelo poder. Essa imposição pela verdade e a disputa pelo poder está presente nos discursos de *El Caudillo*. Percebemos que, assim como as revistas *La Patria Peronista* e *Las Bases* também ligadas à direita do Movimento e em algumas de suas capas estampou o rosto de Isabel, o apoio de *El Caudillo* a presidente vinha desde os tempos em que foi candidata à vice de Perón.

Para entendermos a potencialidade de um discurso político devemos considerar o contexto de relações que o tornam convincente, os mecanismos que o legitimam e as práticas que o põe em ação. Na edição de 23 de novembro de 1973, a revista *El Caudillo* publicou uma foto de Isabel sentada à cabeceira da mesa do gabinete presidencial, rodeada por políticos e ministros. Seu discurso era claro: mostrar quem estava no comando. Com o título “¡Se siente, se siente: Evita está presente!”, a matéria começa com tom agressivo, dizendo que o inimigo, isto é, a

¹¹⁹ Nesse sentido, entende-se como discurso um conjunto de enunciados que caracterizam o modo de agir ou pensar de alguém ou um grupo específico, bem como a construção de um enunciado escrito supondo um locutor e um interlocutor.

“imprensa venal y el parloteo marxista” estavam contra a vice-presidente. O conteúdo refere-se ao momento em que Isabel, pela primeira vez, assumiu a presidência em virtude da ausência de Perón que estava no Uruguai em viagem oficial.¹²⁰ O artigo inicia com a frase “Isabel fue presidente” e segue enaltecendo a mulher de Perón

[...] fue la fórmula, fue Isabel, fue mujer, fue política, fue caudillo, fue PRESIDENTE”. Todos los grandes caudillos tuvieron grandes mujeres al lado. En esto la historia es terminante. El pueblo siempre las reconoció como tales. Las alentó en la lucha y las convirtió en bandera como a EVITA. Perón siempre supo elegir bien, por eso está con el pueblo, y por eso el pueblo está con él. (*El Caudillo*, 23/11/73, p.3).

A referência a Evita não é por acaso, a revista fez dela o catafalco para que Isabel se sustentasse. De acordo com o dicionário Houaiss (2010), o vocábulo “catafalco” quer dizer “s.m. estrado alto sobre o qual se coloca o ataúde ou a representação de um morto a quem quer homenagear”. Nesse sentido, para interpretar os discursos da revista *El Caudillo*, apoiei-me no estudo de Ginzburg (1998), sobre a construção de uma representação de algo/alguém que está ausente, mas, ao mesmo tempo presente na figura de outra pessoa, isto é, Evita não está, mas seu catafalco (Isabel), sim.

Eva Perón, segunda esposa do general, falecida em 1952, aos 33 anos, vítima de câncer, era conhecida como “*la abanderada de los humildes*” e considerada por seus admiradores como a salvadora do povo argentino que estava sempre disposta a escutar suas aflições. Sua capacidade de cativar as camadas populares parece ter servido de inspiração, vinte anos depois, à Isabel para ter aceitação na campanha eleitoral como vice do marido e, mais tarde, para legitimar seu governo como presidente.

Isabel era a sucessora constitucional, a herdeira do sobrenome Perón, do legado que incluía a memória de Evita. Muitos julgaram ser um erro que a escolha de Perón para o cargo de vice-presidente recaísse sobre uma mulher que só tinha o mérito de ser sua esposa. (SÁENZ QUESADA, 2016). Assim pensava grande parte da esquerda peronista e setores da oposição. Já em relação a grande aceitação da falecida ex-primeira-dama Eva Perón, que era (e ainda é) unânime entre os

¹²⁰ A revista *El Descamisado* do dia 27 de novembro de 1973 apenas publicou uma matéria sobre a viagem de Perón e não fez nenhuma menção pelo fato de Isabel ter assumido a presidência pela primeira vez.

peronistas, cabe ressaltar sua dominação carismática e o poder de despertar ódios e paixões. Segundo Max Weber (1999), como um dos três tipos de poder puro, o carismático é aquele que está na dedicação afetiva à pessoa do chefe (líder) e as pessoas que lhe prestam obediência são seus discípulos.

Evita, como era carinhosamente chamada pelo povo, conseguiu uma legião de seguidores e seu carisma transcendeu sua morte e até hoje é possível ver suas fotografias em lares argentinos de orientação peronista.¹²¹ Eva foi toda uma exceção, como afirma Beatriz Sarlo (2005), diferente das demais primeiras-damas que a antecederam. Vinha de família humilde, era bastarda, atriz e, principalmente, tinha a conduta de receber em seu gabinete na Secretaria do Trabalho a população carente que lhe pedia a oportunidade de ser ouvida. Sua figura era um paradoxo, ao mesmo tempo que usava vestidos da grife *Christian Dior*, condenava os mais ricos por seus exageros e por dar esmolas aos pobres. Organizou o ramo feminino do peronismo sob a tutela do *Partido Peronista Femenino* (PPF) e foi porta-voz das mulheres pelo direito ao voto em 1947, questão antes pleiteada sem sucesso pelas feministas Julieta Lanteri, Alicia Moreau e Elvira Rawson. (BARRANCOS, 2012).

Ao evocar a memória da segunda esposa de Perón, a revista tentava legitimar Isabel, pois assim como Evita, ela também foi a escolhida do líder e, dessa maneira, deveria ser bem-vinda ao Movimento e receber o apoio de todos os “verdadeiros” peronistas. Diferentemente do que vão fazer os grupos de esquerda, principalmente os *Montoneros*, que diziam não ser contra “*la señora Isabel Martínez*” (não a chamavam pelo sobrenome Perón, pois para eles somente Evita fazia jus ao sobrenome do líder), mas sim a Isabel Martínez como instrumento de burocratas que estavam ao seu redor como Raúl Lastiri, López Rega, Lorenzo Miguel e Norma Kennedy. (SÁENZ QUESADA, 2003).

Para a redação de *El Caudillo*, a chegada de Isabel Perón ao poder (eles, sim, faziam questão de chamá-la pelo sobrenome a fim de marcar a presença do líder) significava, entre outras coisas, “*la presidencia de LA MUJER. La restauración popular y definitiva de LA MUJER destruída por las ligas feministas y por*

¹²¹ Em 26 de julho de 2002, em comemoração ao 50º aniversário de sua morte, foi inaugurado em Buenos Aires, no bairro Palermo, o *Museo Evita*. Lá encontram-se várias fotos, vestuários, mostras itinerantes, vídeos e objetos que pertenceram a primeira-dama argentina.

corporaciones machistas”.¹²² Ou seja, entendiam que a figura feminina passava a ser protagonista na política graças ao peronismo, o que não deixa de estar certo, mas em contrapartida negavam a luta das feministas pelos direitos civis. Suas palavras refletiam um momento importante, pois Isabel era a primeira mulher a assumir a presidência de uma nação no mundo.¹²³

A chegada do sexo feminino em postos de poder real na Argentina foi possível graças à promulgação da lei 13.010/47, durante o primeiro governo de Perón (1946-1951), que concedia às mulheres o direito de votar e serem votadas para cargos legislativos a partir das eleições de 1951. Segundo a imprensa do país, nas eleições de 11 de novembro, quase quatro milhões de mulheres votaram pela primeira vez. Somente o peronismo colocou mulheres em suas listas, as quais tiveram 23 deputadas e 6 senadoras eleitas. Naquele dia Evita votou pela primeira e última vez, em uma cama de hospital, pois estava internada no *Policlínico de Avellaneda* em virtude do avançado estágio do câncer que a levou a morte sete meses depois.

No que diz respeito a chegada de Isabel à cena política, a publicação também abordou sua escolha para integrar a fórmula presidencial ao lado de Perón, assemelhando-se às falas dos apoiadores de Evita, quando em 1951, chegou a cogitar a possibilidade de ser candidata à vice-presidente ao lado do marido. O segundo número de *El Caudillo* fala sobre ter Isabel neste cargo e que

[...] la posibilidad de que fuera presidenta “por un segundo” (que daba por tierra con todos los planes trazados en materia política por el sistema) alteraba a los charlatanes más duchos. La sola mención de la fórmula Perón-Isabel, asustaba a idiotas... (*El Caudillo*, 23/11/1973, p.3).

Já na edição de 21 de dezembro de 1973, há uma matéria retrospectiva sobre a política internacional de Perón desde 1972 que, embora estivesse no exílio, não deixou de influenciar nos assuntos políticos do país. Recebe destaque o dia 8 de maio de 1973, ocasião pela qual “se produjo el ingreso da la mujer argentina en la

¹²² Isabel nunca teve uma postura feminista, tampouco Eva. Inclusive a revista *El Caudillo* mandava as jovens militantes dos *Montoneros* lavarem a louça: “Haceme caso: andá a ayudar a la vieja a lavar los platos, cébale unos mates al viejo, y búscate un pibe que sea hombre, que labure, que no ande disfrazado por la calle, que vas a ganar guita. A esta patria nuestra no la vamos a llenar con gritos: hijos es lo que hacen falta, hijos con padre y madre, hijos criados mejor de lo que pudieron criarte a vos y a mí y a mis viejos. ¿De acuerdo piba? ¡Vas a ver qué cambio conseguís con todo eso!”. (*El Caudillo*, 16/11/1973, p.10).

¹²³ Outras duas mulheres já desempenhavam importante papel político como Indira Gandhi, que naquele momento era a primeira-ministra da Índia e Golda Meir, de Israel. No entanto, foi na América Latina que o cargo de presidente foi ocupado pela primeira vez por uma mulher.

alta política mundial”. Isabel, viajou a Pequim com uma mensagem pessoal do general Perón a Mao Tse Tung e, segundo a revista, desempenhou o papel de embaixadora do “Movimiento Nacional” na Ásia de maneira estratégica. Isabel também conversou com o primeiro ministro Zhou Enlai e depois seguiu para a Coreia do Norte levando a “imagen de la política argentina para otro lado del mundo”.

Não foram encontradas críticas pelo fato da esposa de Perón ter visitado países com lideranças comunistas, considerado por eles como inimigos. Porém, quando Isabel esteve em visita ao Chile de Pinochet, foi criticada ferozmente pela esquerda. Já *El Caudillo* julgava importante manter relações com o país governado pelo ditador que depôs Allende e eliminou a ameaça socialista. Sendo assim, fica explícita a posição dos integrantes da revista frente ao cenário polarizado da época. O que de fato importava era que uma mulher, e não qualquer uma, mas, sim a esposa do líder, desempenhava um importante papel político naquele momento. Não compararam ou fizeram referência a “*la gira del arco iris*”, isto é, sobre a viagem de Evita pela Europa em 1947, quando passou pela Espanha de Franco e recebeu duras críticas da oposição por estar em um país sob o comando de um ditador.

Apesar de não mencionar o sucesso da viagem de Evita, o número 33 da revista considerou o giro de Isabel pela Europa, em junho de 1974 como um importante acontecimento e que seu desempenho “no hace más que confirmar algo que habíamos predicho desde EL CAUDILLO: que su figura comenzaría a crecer politicamente y serviría para marcar muchas pautas en el camino inmediato”. (*El Caudillo*, 28/06/1974, p.5). Em Genebra, seus discursos para delegados na OIT “llamaron mucho la atención en el ámbito internacional” e a matéria conclui que

A partir de este momento Argentina ha pasado a ser guía intelectual de uno de los bloques mundiales que ha encontrado definitivamente algo que Perón viene suministrando desde 1946: una auténtica definición de Tercera Posición”. (*El Caudillo*, 28/06/1974, p.5).

Nesse sentido, *El Caudillo* apresenta um alinhamento total com a presidente Isabel. O editorial de 6 de setembro de 1974, sob o título “¡HAY QUE JUGARSE!”, sustenta que “la oposición a Isabel se radicaliza en la misma medida en que crece su imagen de conductora del Movimiento e del país”. Declara que Evita, Juan Domingo e Isabel são uma “trilogia indivisível” que é somente questionada pela *Tendencia* e finaliza o texto dizendo que

El Pueblo, el Movimiento, los sindicatos, la Iglesia, las FFAA [Fuerzas Armadas], están con nosotros. La Sinarquía está con ellos. Perón derrotó a la Sinarquía volviendo al país. Nosotros la estamos enterrando con Isabel en el poder. (*El Caudillo*, 06/09/1974, p.3)

Já que Evita, para eles, fazia parte da trilogia do Movimento, em várias edições *El Caudillo* publicou páginas inteiras sempre com letras garrafais, frases atribuídas à *madre de los descamisados*, termo que não era utilizado por fazer menção a sua publicação rival. No número 52 de 26 de novembro de 1974, a segunda página traz a seguinte frase em um fundo preto com letras brancas que ocupam todo espaço “NO QUEDARÁ UN SÓLO LADRILLO QUE NO SEA PERONISTA. EVA PERÓN”. Na verdade, era uma paráfrase de um trecho do último discurso de Evita, pronunciado em 1º de maio de 1952

Y yo le pido a Dios que no les permita a esos insensatos levantar la mano contra Perón porque ¡ay de ese día! Ese día yo, mi general, yo saldré con las mujeres del pueblo, yo saldré con los descamisados de la patria, muerta o viva, para no dejar en pie ningún ladrillo que no sea peronista. (PIGNA, 2012, p. 304).

Os apoiadores de Isabel utilizavam as palavras de Evita de forma bastante conveniente ao que a revista *El Caudillo* se propunha e, assim, justificar os discursos de ódio e morte aos “infiltrados” no Movimento através de suas páginas. A edição também dedicou fervorosas homenagens a Evita, trazendo várias páginas com a cobertura do retorno de seu cadáver à Argentina.¹²⁴ Na mesma edição foi publicada uma propaganda da UOM, na qual aparece a imagem de Perón e Evita no topo e, logo abaixo, a de Isabel com a frase “Gracias Isabel de Perón por hacer realidad el anhelo de millones de argentinos”. Lembrando que quando Perón foi deposto em 1955 e fugiu para o Paraguai, abandonou o corpo embalsado de Evita que estava no prédio da CGT e onde ficaria o cadáver até que se concluísse um monumento aos trabalhadores. (SILVA, 2009). Tratava-se de uma obra faraônica, três vezes mais alta que a estátua da Liberdade, mas que nunca saiu do papel.

Quando os militares golpistas descobriram que o corpo estava na CGT, organizaram uma junta médica para verificar se realmente aquele era o cadáver de Evita. Para isso lhe cortaram um pedaço do lóbulo da orelha e um dedo da mão. Quando constataram que de fato se tratava do corpo da ex-primeira-dama, o medo começou a crescer entre os militares. Alguns queriam incinerá-lo, porém outros se

¹²⁴ Quando retorna em definitivo à Argentina, Perón deixa o corpo de Evita em Madri, por julgar não ser o momento apropriado para “devolvê-la ao povo”. Logicamente Perón não queria dividir o protagonismo da volta com a ex-primeira-dama.

opuseram. O general Pedro Eugenio Aramburu, então presidente, compactuava da opinião de outros oficiais: enterrar o cadáver secretamente em uma tumba sem nome para que nunca mais o encontrassem. Depois de muitos inconvenientes e controvérsias experimentados pelos militares ante a posse do cadáver, tomaram uma decisão estranha e obscura. O presidente Aramburu determinou a retirada o corpo da Argentina, em 1957, para enterrá-lo no cemitério *Maggiore*, em Milão, Itália, sob o nome falso de Maria Maggi de Magitris.¹²⁵



Figura 13 - Propaganda da UOM na revista *El Caudillo* de 26 de novembro de 1974.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

O corpo de Evita permaneceu escondido na Itália durante 14 anos até que em 1971 Lanusse o entregou a Perón quando estava exilado em Madri. Portanto, de 1971 a 1973, Perón, Isabel e López Rega conviveram com o cadáver, que ficou em um cômodo da residência de *Puerta de Hierro*. De acordo com uma versão apontada por Sáenz Quesada (2003), contada pelas irmãs de Evita - que foram a Madri quando o corpo foi recuperado - teriam escutado falar sobre cerimônias secretas junto ao cadáver embalsamado, um ritual fúnebre, o qual era praticado por López Rega com a provável intenção de que a terceira esposa de Perón “capturasse” a aura da falecida. O desejo das irmãs era que fosse reservado um tratamento mais respeitoso e que o cadáver fosse sepultado em Madri.¹²⁶ (PAGE, 2014).

¹²⁵ O governo contou com o apoio da Igreja Católica e de altos escalões do Exército. Para mais detalhes sobre esse episódio consultar o documentário “*Evita, la tumba sin paz*” (1997), dirigido por Tristán Bauer.

¹²⁶ Já em 1971 a família queria deixar o corpo em Madri, pois acreditavam que caso voltasse a Argentina naquele momento, poderia ocorrer algo semelhante a 1957.

A essa altura, López havia se transformado no “número três” da residência do casal Perón. Segundo Sáenz Quesada (2003), *el brujo*

Había escalado posiciones desde ser una suerte de valet, mayordomo, enfermero, guardaespaldas y secretario privado, a la participación en los asuntos más reservados del matrimonio Perón, no solo dinero y salud, sino también lo que Isabel calificaba de “estrictamente familiar”, o se a la devolución del cadáver de Evita. (SÁENZ QUESADA, 2003, p.94).

A revista *El Caudillo* deu todos os créditos do retorno do cadáver à Argentina a López Rega e Isabel. Porém, a devolução do corpo para Perón foi obtida através do sequestro e assassinato de Aramburu, em 1970, pelos *Montoneros* que exigiam que os militares entregassem os restos de Evita para que eles pudessem dizer onde estava o cadáver de Aramburu. Toda operação articulada pelos *Montoneros* está bem documentada, como já mencionado, na revista *La Causa Peronista* de 03 de setembro de 1974. Às vésperas do primeiro 17 de Octubre sem Perón, os *Montoneros* mais uma vez demonstraram que não haviam perdido seu gosto por formas estranhas de atrair atenção. Foram até o cemitério da Recoleta e roubaram o caixão onde estavam os restos mortais de Aramburu e declaram que estaria sob a guarda do grupo até que o governo trasladasse o cadáver de Evita à Argentina. (PAGE, 2014).



Figura 14 - Propaganda da CGT e das 62 *Organizaciones* na revista *El Caudillo* de 26 de novembro de 1974.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

Enquanto a violência entre esquerda e direita peronista aumentava e a economia se desmoronava, a ideia de López Rega para responder a esses desafios

foi voar secretamente a Madri e retornar com o cadáver de Evita. Sua chegada magistralmente orquestrada e a devolução do cadáver de Aramburu pelos *Montoneros* distraíram a opinião pública momentaneamente. Evita foi exposta junto ao ataúde de Perón na capela da residência presidencial de Olivos. Passada a novidade, o governo voltou a ter de enfrentar seus problemas, mas a revista *El Caudillo* seguia dando repercussão ao evento e dias após a chegada do corpo à Argentina, a CGT e a *62 Organizaciones*, publicaram uma página inteira com uma foto de Perón caminhando abraçado com Isabel e a imagem de Evita com a frase “17 de noviembre. A dos años del regreso del genial conductor. ISABEL DE PERÓN NOS DEVUELVE LA INMORTAL EVITA.” (*El Caudillo*, 26/11/1974, p.18).

Segundo a publicação, o desejo de milhões de argentinos era receber de volta o cadáver embalsamado daquela a quem eles veneravam e que alguns ousavam comparar com a presidente. Em outro artigo, com o título “Gracias España, gracias generalísimo” agradecem a Franco, mas, sobretudo, a López Rega por haver viajado a Madri para buscar “los restos preciados de Eva Perón, para que descansen definitivamente en nuestro suelo”. (*El Caudillo*, 26/11/1974, p.20). Na mesma edição os integrantes da revista se definem como “nacionais” enquanto glorificam a imagem de Evita e apontam haver recuperado uma relíquia: seu corpo. Denominaram o ato como revolucionário já que Evita representava a tocha que iluminará “esa Revolución en paz a la que nos está conduziendo Isabel”.

A imprensa argentina como um todo deu grande publicidade ao evento. Evita foi sepultada no cemitério da Recoleta, em 1976. Mais uma contradição: em vida sempre combateu a oligarquia, morta, descansa no cemitério mais oligárquico da Argentina. Até hoje a imagem de Evita é associada por seus admiradores à da mulher que mais fez pelo país em menos tempo, por quem que viveu os “gloriosos anos peronistas”, ou simplesmente por aqueles consideram-se o povo, os herdeiros do peronismo. (SILVA, 2009). Para seus detratores, ela foi uma mulher oportunista, que uma vez ao lado de Perón, soube aproveitar a oportunidade e manipulá-lo. Nesse sentido, os desafetos de Isabel a consideravam como a versão negativa de Evita, visto que sua aproximação com a direita a afastava de Evita, mesmo que esta não tivesse uma posição à esquerda.

Outra prática comum era Isabel parafrasear Evita. Em um discurso pronunciado em 27 de agosto de 1974 disse “y no tenga la mínima duda de que Isabel Perón, su alumna, su discípula, cumplirá fielmente su doctrina, caiga quien

caiga y cueste lo que cueste”. (*El Caudillo*, 30/08/1974, p.2). A expressão “caiga quien caiga y cueste lo que cueste” dita por Evita em defesa de Perón, tornou-se famosa e bastante mencionada pelos peronistas ao longo dos anos. Quando a revista comemorou o fechamento do jornal *Noticias*, afirmou que

Isabel (inesperadamente para todos nuestros enemigos) le está haciendo honor a su apellido. Isabel hoy es más Perón que nunca. Con todo el respeto que sentimos por Evita y por Perón, Isabel se proyecta en el pueblo como la síntesis de ambos por su decisión revolucionaria, y excluyente. O se está con Isabel o se está contra el país. Los sordos de siempre no quieren escuchar. (*El Caudillo*, 30/08/1974, editorial).

O apoio da revista ao governo de Isabel era tão ferrenho que, em alguns editoriais e matérias, as atitudes da presidente contra ala de esquerda do peronismo parecem colocá-la quase acima de Evita. A falecida primeira-dama também mantinha uma postura e um discurso irredutível contra os opositores de seu marido. Ao transformar Isabel como o catafalco de Evita, a revista legitimava cada vez mais sua posição como presidente e como garantia da continuação do peronismo mesmo sem a presença física do líder. Seus redatores souberam utilizar muito bem desse artifício de modo a colocar Isabel como a representação da falecida ex-primeira-dama e, assim, justificar seus discursos de lealdade.

3.3. “EJERZO LA PLENITUD DE MI PODER”: A VIOLÊNCIA PROTEGIDA

“Duro, duro, duro/ estos son los Montoneros/ que mataron a Aramburu”. O cântico, repetido durante as campanhas eleitorais de 1973, iria soar de maneira distinta um ano mais tarde, em um país que havia alcançado a estatística de uma morte política a cada 19 horas. (KANDEL; MONTEVERDE, 1976). As ditaduras militares na América Latina ficaram associadas a violação dos direitos humanos e, as democracias, ligadas a tolerância, opostas à violência. No entanto, não se pode simplesmente colocar o ator militar como o único agente estatal com responsabilidade na geração da violência. (FRANCO, 2013). Os atentados, as mortes e os sequestros aconteciam em larga escala, como noticiavam a imprensa do período.

Importante ressaltar que a atuação violenta da *Triple A* não ficou limitada somente ao campo da política, alcançaram também o mundo da cultura, do jornalismo, das artes e dos espetáculos. (CANALETTI; BARBANO, 2009). Na seção

“¡Oíme!”, os redatores de *El Caudillo* diziam que sua luta era contra a mídia liberal-marxista e que “no queremos televiseros con derechos, sino com deberes”. (*El Caudillo*, 30/08/1974, p.10). Em uma de suas listas de ameaças de 1975, por exemplo, apareceu o nome de Mercedes Sosa, famosa cantora argentina que, por pouco, não foi assassinada pela *Triple A*. Sosa exilou-se e voltou à Argentina em 1982. (BRACELI, 2003).

O terrorismo de extrema-esquerda, começou a somar-se ao da extrema-direita e o clima de caos no país era total. O extremismo de ambas as partes mereceu pronunciamentos condenatórios de setores que representavam um amplo espectro da opinião pública. Enquanto isso, nas capas de *El Caudillo*, a violência era aguçada, mas dissimulavam quando afirmavam que “El ERP quiere la guerra civil” e na contracapa “Isabel quiere la paz y e trabajo”. (*El Caudillo*, 16/08/1974). Após ter enviado ao Congresso um projeto para dar maior intensidade a repressão da violência entre seus militantes, Isabel convocou uma reunião multipartidária, na qual as opiniões foram coincidentes contra todo tipo de radicalismo. No entanto, a postura adotada por Perón, Isabel e seus partidários frente aos governos ditatoriais na América Latina era de total apoio. Desde o governo (interino) de Lastiri, o Estado reconheceu imediatamente o governo de Pinochet em 11 de setembro de 1973 (no dia 23 do mesmo mês se realizariam as eleições presidenciais na Argentina) e ignorou a ocorrência de maus tratos aos refugiados chilenos que chegaram a Ezeiza.

Pouco antes de falecer, em maio de 1974 Perón recebeu a visita de Pinochet e concedeu apoio ao ditador chileno. Para Eduardo Luís Duhalde, advogado de presos políticos, essa visita, longe de ser protocolar, seria um antecedente da Operação Condor. Nas Assembleias Gerais da ONU de 1974 e 1975, a Argentina foi um dos poucos países que rechaçaram projetos que condenavam a violação de direitos humanos no Chile. O apoio e colaboração do governo peronista com a ditadura de Strossner, no Paraguai, e a de Bordaberry, no Uruguai, assim como o fato da então presidente Isabel Perón ter condecorado o ditador Pinochet com a *Gran Cruz de la Orden de Mayo al Mérito Militar* demonstram que, na realidade, a luta contra a “subversão” era um sentimento compartilhado por esses países. A Operação Condor, que nasceu em fins de 1975, contou com ativa participação da Argentina, isto é, mesmo o país estando sob um governo, em teoria, democrático.

O terrorismo de Estado, característico de governos autoritários, é caracterizado pela suspensão total ou parcial do Estado de Direito ante casos considerados como ameaças da ordem com a concentração do poder nas mãos do executivo. (BAUER, 2014). Uma dessas medidas utilizada pelo governo de Isabel foi o decreto de Estado de Sítio em 6 novembro de 1974 “contra el terrorismo para garantizar el estilo de vida nacional y la familia”.¹²⁷ Essa medida foi imposta após os *Montoneros* assassinarem o delegado Alberto Villar – chefe da Polícia Federal, nomeado por Perón em janeiro de 1974 e que integrava a *Triple A* desde 1973. Interessante destacar que este decreto foi renovado sucessivas vezes e nunca retirado até 1983. Ou seja, durante um governo constitucional decretou-se uma medida autoritária e que esteve vigente durante toda a ditadura iniciada em março de 1976 e na qual só iria ser “aproveitada” pelos militares golpistas, no entanto

Os crimes cometidos durante a ditadura de 1966 a 1973, assim como o terrorismo dos anos democráticos de 1973 a 1975, não foram contabilizados, pois os membros da comissão [CONADEP] acreditaram que as desapareições somente se transformaram em política repressiva de Estado a partir do golpe de 24 de março de 1976. (BAUER, 2014, p.173).

Os trabalhos de María Sáenz Queasada (2003) e Marcelo Larraquy (2007) mostram o peso das políticas oficiais do governo peronista e sua relação com a repressão clandestina antes de 1976, porém concentram suas análises na figura de López Rega. Saliento que os autores não deixam de destacar o compromisso de Perón e Isabel com as políticas para a eliminação da guerrilha.¹²⁸ A revista *El Caudillo*, na edição de 10 de maio de 1974, publicou que “el general Perón había ordenado la ‘depuración’ de los elementos marxistas subversivos y que a pesar de la reiteración de esta directiva, la orden no se había cumplido”. Foi então que, depois da morte de Perón, em julho de 1974, os crimes da *Triple A* cresceram “y hasta el final del período constitucional, las bajas se multiplican por 25: los muertos por 17; los desaparecidos por 49.” (IZAGUIRRE, 2009, p.94). A presença do *brujo* no governo, possibilitou que a “*depuración*” desejada por Perón fosse colocada em prática. De acordo com Chitarroni Maycera (2004), *el brujo*, juntamente com a CGT, as 62 *Organizaciones* uniram forças para defender Isabel no cargo, pois acreditavam que ela terminaria definitivamente com a entrada dos “infiltrados” no governo.

¹²⁷ Decreto nº 1368. **La Opinión**, Buenos Aires, 08 nov. 1974.

¹²⁸ Hugo Gambini, em seu livro *Crímenes y mentiras. Las prácticas oscuras de Perón* (2017) disserta mais sobre a questão das práticas autoritárias do presidente desde seu primeiro mandato.

A partir do episódio do Massacre de Ezeiza, a figura de López Rega seria vinculada para sempre, pela esquerda peronista e grande parte de população, como um dos responsáveis pela tragédia juntamente com o coronel Jorge Osinde, o qual era o responsável pela segurança de Perón no dia de seu retorno. López Rega aparece como o idealizador da *Triple A* e, como chefe e patrocinador do grupo de extermínio, o qual intensificou seus atos criminosos

A partir de 1974, y con más impunidad luego de la muerte de Perón, los grupos de ultraderecha y la Triple A incrementan su actividad y firman más explícitamente sus asesinatos y acciones parapoliciales. Es el caso por ejemplo del asesinato del diputado Rodolfo Ortega Peña en pleno centro de la ciudad de Buenos Aires. Luego de la muerte de Ortega Peña, la Triple A emitió un comunicado diciendo que se había ejecutado al “agente del imperialismo rusocasta Ortega Peña... este ajusticiamiento será seguido por una larga lista de traidores al servicio de los imperialismos”. A partir de este momento resulta más evidente también la relación de estos hechos con el *lopezrrreguismo*: un automóvil de similares características al utilizado en el asesinato de Ortega Peña fue visto en el estacionamiento del Ministerio de Bienestar Social. (MARONGIU, 2007, p.4-5).

Com o contexto de crescente violência, o governo começou a pensar em medidas repressivas que estivessem de certa maneira dentro da legalidade. Os militares começaram a levantar sua voz para reclamar uma posição mais ativa na “luta antissubversiva”, dentro dos marcos constitucionais, já que em meados de 1974 dita ação havia sido enquadrada dentro da ação policial, assim como da atuação da *Triple A*, mas de forma ilegal. (FRANCO, 2013). Em agosto, setembro e novembro de 1974, o Exército participou de diversas operações repressivas nas províncias de Tucumán e Catamarca, sendo o decreto assinado por Isabel em fevereiro de 1975, denominado *Operativo Independencia*, uma das formas mais ostensivas de terrorismo de Estado durante o governo peronista uma vez que dava o aval para as Forças Armadas aniquilar “elementos subversivos” na província de Tucumán, no norte da Argentina, região na qual era dominada pela guerrilha do ERP.

Após a tomada do Regimento de Infantaria de *Monte 29*, na província de Formosa, em outubro, o *Operativo Independencia* estendeu a intervenção militar a todo território nacional e foram oficializados em uma série de decretos assinados por Ítalo Luder, quem assumiu a presidência durante a licença de Isabel para cuidar da saúde. Nenhum setor político contestou tal medida, nem mesmo a oposição. Apenas algumas forças, em geral de esquerda, denunciaram seu caráter repressivo. O

decreto continha elementos essenciais do universo ideológico da Doutrina de Segurança Nacional (DSN)¹²⁹ e facilitou o surgimento de centros clandestinos de detenção utilizando métodos de tortura e desaparecimento de pessoas que ficaram cada vez mais recorrentes. (FRANCO, 2013). Segundo Crenzel (2008), 25% dos desaparecidos na província de Tucumán foram sequestrados durante o governo de Isabel, ou seja, antes da ditadura de 1976.

Em 19 de fevereiro de 1975, *El Caudillo*, no editorial “Con votos o con balas”, afirmou que a presidente Isabel necessitava de todo apoio para realizar a grande tarefa que a esperava e que “TENEMOS QUE SER FANATICOS Y DECIDIDOS. Tenemos que ser sordos a cualquier tipo de ‘diálogo’. NUESTA VERDAD ES LA VERDAD. EL QUE DUDE ES UN INFILTRADO O UN TARADO”. (*El Caudillo*, 19/02/1975, p.3). A construção da figura do inimigo interno e a ameaça da ordem serviram de sustentação e legitimação para práticas de terrorismo de Estado como decreto contra a guerrilha em Tucumán. Porém, a construção discursivo-ideológico do inimigo interno era imprescindível para assegurar a legitimidade das normas de exceção e segurança.

Durante o governo de Perón e de Isabel, os membros da polícia podiam trabalhar normalmente em seus cargos ao mesmo tempo em que se utilizavam da repressão clandestina para eliminar elementos considerados “inimigos” para a nação. (FRANCO, 2012). Lastiri e Perón ao assinarem decretos reincorporando Villar, Margaride, Almirón e Morales às forças policiais sabiam que estavam colocando indivíduos criminosos a serviço do Estado. Antes mesmo da declaração do Estado de Sítio na Argentina no final de 1974, foi aprovada a lei 20840 de 28 de setembro, que previa a erradicação da subversão no país dentro dos marcos legais criando delitos vagos e ambíguos, restringia o direito de greve e da liberdade de imprensa, identificava como subversivos âmbitos sindicais e universitários, determinava a expulsão de estrangeiros e argentinos naturalizados. (FRANCO, 2013).

Além da polícia e das Forças Armadas, grupos fascistas como CNU e *La Jotaperra* também contribuíram a o crescimento da violência e de assassinatos e sequestros de elementos do próprio partido. Importante destacar que membros da

¹²⁹ Essa doutrina tinha como princípio o combate à “ameaça comunista” e que a segurança deveria ser a condição básica do desenvolvimento do país. Dentro dessa ameaça estavam os inimigos internos, os quais eram chamados de subversivos.

CNU atuaram durante a ditadura de 1976-1983 como forças denominadas “grupo de tarefas” dos repressores. (MARONGIU, 2007). O funcionamento da *Triple A* sob a tutela do Estado, pode detectar certos tipos de práticas autoritárias que promoveram a violência extrema em um país com um governo democrático eleito. Os decretos de Estado de Sítio e de aniquilação de elementos subversivos intensificaram o TDE, institucionalizado de forma mais enérgica durante a ditadura.

Em cada contexto sócio-histórico, existem coisas que não podem ser ditas ou feitas e coisas que não podem ser. (BALBI, 2007). A lealdade, valor moral próprio dos peronistas, é um recurso como tantos outros: um dos meios pelo qual certos atores levam adiante suas ações e disputam entre si. No entanto, Balbi (2007) afirma que é um recurso socialmente informado e, portanto, a medida em que pode ser tratado como tal está sempre socialmente determinada. Para os grupos de extrema-direita, a lealdade a Isabel era algo que estava acima de tudo quando respaldavam suas ações ao publicar que “ESTAMOS CON ISABEL, porque estuvo, está y estará para nosotros los peronistas fuera de toda la discusión, en sus errores y en sus aciertos, porque nadie mejor que ella puede continuar la obra de Perón”. (*El Caudillo*, 09/58/1974, p.3).

De acordo com Franco (2013), ao longo de 1975 o contexto também era de uma grande tensão política intragovernamental, sindical e de crise econômica, a presença pública militar ficou cada vez mais frequente e visível, especialmente ao ser legitimada a partir do Estado com as medidas mencionadas. Sendo assim, o período que Isabel esteve no poder constitui um emaranhado de práticas políticas, algumas legais, outras cuja legalidade se amparava na “excepcionalidade” da situação, outras ilegais e outras de caráter intrapartidário, mas interpretadas como políticas do governo. O teor das mensagens e discursos de Isabel entre os anos de 1974-1976, como destacam Servetto e Paiaro (2012), revelavam o tom ameaçador de suas palavras. Em geral seus discursos justificavam a necessidade de levar adiante uma política preventiva de coerção colocando em evidência a violência lícita ou legítima, isto é, que fosse consentida dentro de um Estado de direito, mesmo com componentes e posições arbitrárias, autoritárias e ilícitas. (SERVETTO; PAIARO, 2012).

A situação pela qual atravessava o país, segundo Isabel, era o produto da atividade de “inimigos” portadores de “ideologias estranhas” alheios ao autêntico

sentimento patriótico e cristão e que os inimigos se impunham mediando a violência. Em um discurso pronunciado na varanda histórica da Casa Rosada pediu

A todas las organizaciones políticas, obreras y empresariales un pronunciamiento concreto contra el terrorismo violento, la subversión y el extremismo ideológico y que definan con claridad la concreción de medidas que, a su criterio, serían eficaces para normalizar a la brevedad nuestra delicada situación. (SERVETTO; PAIARO, 2012, p.206).

A violência política foi crescendo no mesmo ritmo do enfraquecimento das instituições constitucionais. A ação indiscriminada de grupos de repressão como a *Triple A* em paralelo com a autorização das Forças Armadas para combater e aniquilar os grupos “subversivos”, somado aos sequestros e assassinatos diários de ambos os lados generalizaram o clima de violência política tão comemorada pela revista *El Caudillo* ao aplaudir as medidas repressivas da presidente. Para eles, os primeiros atos de governo de María Estela Martínez de Perón, deixavam claro que ela estava disposta a inaugurar um estilo “forte” e uma forma de atuar que não deixasse lugar para muitas réplicas, já que “se puede asegurar que el timón del país está dirigido por manos firmes y decididas. La que estaba conceptuada como la ‘mejor alumna’ de Perón está demostrando serlo”. (*El Caudillo*, 19/07/1974, p.3).

Considerando os três tipos de violências que assolaram ao país durante o governo de Isabel - a da guerrilha, da *Triple A* e das forças do Estado (policial e militar) - a mais grave por sua magnitude e efeitos foi, sem dúvida, a patrocinada de forma legal e ilegal por parte do próprio Estado. Porém, nas duas primeiras violências o componente peronista foi decisivo e isso muito se deve ao caráter contraditório do Movimento. Contudo, a história não terminou nessa etapa, pois além dessa montagem de cenários opostos, uma matriz predominante no peronismo exerceu o poder em nome da ordem e da estabilidade. O discurso da direita peronista de que a bandeira azul e branca jamais seria substituída pelo “sucio trapo rojo del marxismo internacional”, repetida várias vezes nas páginas de *El Caudillo*, demonstra que o inimigo interno e externo deveria ser combatido e, para isso, justificavam a violência praticada pelo governo.

Em um de seus últimos números, um dos poucos em que aparece uma imagem na capa, traz a foto de Isabel em um aperto de mãos com Lorenzo Miguel, líder dos metalúrgicos. No final do ano de 1975, Isabel se licencia do cargo alegando um quadro de esgotamento e leve de depressão. Assume, então, Ítalo Argentino

Luder, presidente do Senado como interino até a volta da presidente. Com o título da capa “Señora cuente con nosotros”, na página antes do editorial lê-se a frase “No hay peronismo sin Isabel”. Luder também assinou decretos contra a “subversão” e, dessa forma, a violência praticada pelo Estado longe de ser condenada, era comemorada, incentivada e protegida através das páginas de *El Caudillo*.



Figura 15 - Capa de *El Caudillo* de 6 de novembro de 1975.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

3.4. EM PRIMEIRA PESSOA: UM OUTRO OLHAR SOBRE MARÍA ESTELA/ISABEL PERÓN

O maior contingente de lealdade para com a presidente vinha de uma ampla parcela do aparato sindical e da direita do peronismo que apoiava, inclusive, sua candidatura para as eleições de 1976. Quando Perón a escolheu para ser sua vice, o sindicalista José Ignacio Rucci expressou que se o presidente escolhesse uma escova para vice ele votaria na escova. (LARRAQUY, 2007). Como vimos, a escolha de Isabel como vice foi uma saída tática em resposta a conjuntura imediata (derrota do *camporismo* e a ampliação do espaço de direita no Movimento). A divisão dentro do peronismo impôs a opção “Isabel ou o caos” e, desse modo “la incertitumbre ante un futuro para muchos adivinados como el fantasma del marxismo, legitimó Isabel en calidad de heredera personal del líder”. (DE RIZ, 1981, p.116).

Um dos fundadores do grupo *Montoneros*, Fernando Vaca Narvaja, em entrevista ao historiador Marcelo Larraquy para o livro “*López Rega. El peronismo y*

la Triple A” (2007), afirmou que quando um enviado da organização foi a Madri, em 1972, comentou com o líder a importância que teria a figura de Evita para promover seu retorno ao país. Porém, Perón respondeu que para a nova conjuntura ele já havia preparado Isabel. Não é difícil inferir que Perón voltaria com outra postura e que não estaria disposto a dividir o protagonismo com a mulher que quase ameaçou sua liderança durante seus dois primeiros mandatos. Evita já era uma figura indiscutida dentro do peronismo. Era necessário, portanto, dar espaço à sua nova esposa para que adquirisse a confiança dos peronistas e, ao mesmo tempo, passar a imagem de Isabel como de uma mulher forte e capaz.

No entanto, o fato de ser mulher e chegar ao maior cargo político do país fez crescer a desconfiança sobre a capacidade de Isabel de governar, mas a direita peronista acreditava na sua aptidão para a política, tanto que chegou a utilizar a expressão “un Perón de pollera” (um Perón de saia) para referir-se a amplitude da presidente e por julgar que ela havia sido preparada para tal missão

Hoy dicen que la verticalidad se acabó. Isabelita desde su llegada al país fue constantemente hostigada por los mismos sectores que hoy hipocritamente simulan atacarla diciendo “es el presidente constitucional”, pero, es una mujer “Perón era otra cosa”, etc., etc. POR ESO ESTAMOS CON ISABEL, CON LÓPEZ REGA, CON LORENZO MIGUEL, CON VILLAR y todos aquellos que desde el vamos estuvieron incondicionalmente con Perón y con el Movimiento. (*El Caudillo*, 09/08/1974, p.3).

Pode-se supor que, a partir da perspectiva de Isabel, sua condição de mulher não deveria se confundir com sua capacidade de estar à frente do governo nacional, ou seja, aquela não deveria se associar a imagem tradicional da fragilidade feminina. Em sua visão, naquele momento, as mulheres estavam sendo chamadas a atuar em todas as áreas anteriormente dominada pelos homens, fosse na política, no campo intelectual ou nos negócios. Em uma mensagem dirigida no Dia Internacional da Mulher disse que “la vida moderna con sus particularidades ha ido desbrozando el camino de los preconceptos y las costumbres, de manera tal que hoy tanto el hombre como la mujer cumplen tareas similares y aceptan iguales responsabilidades ante la sociedad”. (MARTÍNEZ DE PERÓN, 1975, p.10). A sua responsabilidade, desde julho de 1974, era a de conduzir o país, feito até então inédito para uma mulher.

Ao retirar do esquecimento historiográfico os anos do governo de Isabel, torna-se possível fazer uma revisão do julgamento a que ela foi submetida, sempre

esquemático e nada aprazível, que reduz a análise dessa época a um quadro de um país à deriva e em meio de um caos burocrático, político e econômico, presidido por uma governante incapaz e um ministro que estava interessado em bruxaria e na sua autopromoção. Esse julgamento, que tende a esconder os vários anos que as mulheres tiveram que estar apenas nos bastidores e, mudar essa condição, poderia acarretar no risco de tomarem posições de liderança no contexto de uma sociedade machista que estava sempre pronta a mandar as mulheres a lavarem a louça e não se meterem em assuntos masculinos. Durante a inauguração do *XIII Congreso Internacional de Mujeres de Negocios y Profesionales*, em agosto de 1974, Isabel afirmou que

La mujer de ayer representó la formación del hogar y la unidad familiar, aportando el sacrificio de su libertad y la cesión de sus derechos en aras de la unidad grupal. (...) En el presente la mujer se destaca por su capacidad intelectual, política, económica, artística y directiva, porque (...) al par que su sentido justiciero y maternal, la colocan como un exponente del avance del género humano. (MARTÍNEZ DE PERÓN, 1974, p.40).

A grande maioria achava que Isabel não teria as mínimas condições para governar após a morte de Perón, inclusive muitos duvidavam que fosse capaz de manter-se como uma figura simbólica. (DI TELLA, 1983). O fato de, nos últimos anos, as mulheres começarem a aparecer em primeiro plano na política argentina sem serem reconhecidas como “senhora de” demonstra que nem sempre a figura feminina precisa da masculina para sobreviver nos meios políticos.¹³⁰ Nesse sentido e naquela época, Isabel seguiu sendo tratada como uma figura dependente da presença masculina ao seu lado, fosse a de Perón ou a de López Rega.

Nos anos 70, enquanto Isabel chegava ao poder, começava a liderança da dirigente do partido conservador na Grã-Bretanha, Margaret Thatcher, que havia alcançado o cargo por mérito próprio e não por causa de seu marido. No entanto, para a maioria dos argentinos Isabel não teve o mérito algum por chegar onde chegou. Ignoram o contexto em que estava inserida e as jogadas políticas do esposo ao somente destacar sua dependência do *brujo*.

A crença da militância da ala ortodoxa do peronismo de que Isabel possuía méritos para ocupar o cargo ficou explícita na edição de 19 de julho de 1974 da

¹³⁰ Como foi o caso da governadora de Buenos aires Maria Eugenia Vidal, mesmo sendo casada com um político. Lembrando que além de Isabel, tanto Eva e mesmo a atual vice-presidente da Argentina, Cristina foram “senhoras de”: María Eva Duarte de Perón e Cristina Fernández de Kirchner. (HALPERÍN, 2009).

revista *El Caudillo* que em sua capa dizia “ISABEL NO ES LA HEREDERA DE PERÓN” e na contracapa “ES PRESIDENTE POR MÉRITO PROPIO”. Fica bastante claro que, para uma parte do Movimento, Isabel tinha capacidade e entendimento necessário, além de legitimidade para governar, pois

María Estela Martínez de Perón, es presidente de los argentinos por mérito propio, por voluntad popular, por haber sido elegida por nuestro Líder y apoyada por todo nuestro Pueblo. Isabelita no es presidente por un mandato testamentario, sino por sus largos años de militancia, por su capacidad, lealtad y trabajo demostrados al lado de Perón en todos ellos. (*El Caudillo*, 19/07/1974, p.3).

Segundo Sáenz Quesada (2016), nos quatro dias que seguiram após a morte de Perón, a Argentina recebeu uma enxurrada de matérias que falavam sobre o luto e a dor da perda do presidente eleito três vezes pelo povo. No dia 12 de julho, a capa e a contracapa de *El Caudillo* apresentaram uma faixa preta sob seu nome e o título “El Pueblo con Isabel no está sólo”, mostrando que apesar do líder haver falecido, o “Pueblo” estaria sob a liderança e os cuidados de Isabel. No editorial “Todo el pueblo llora a Perón” mostraram todo seu apoio a agora presidente

[...] nosotros que gritamos hasta llastar la garganta el nombre de Isabel para que el grito sea el prologo de la bala con que cortaremos las ambiciones de los cuervos, porque Perón nos legó el poder para que Isabelita lo custodie. (*El Caudillo*, 12/07/1974, p.9).

Para os membros de *El Caudillo* renegar a condução de Isabel Perón ou questionar os dirigentes sindicais Lorenzo Miguel e Casildo Herrera, significava renunciar ao peronismo. (BESOKY, 2016). Na mesma edição, no artigo “Isabel no está sola”, “os verdadeiros peronistas” argumentam que quando lutaram pelo retorno do peronismo e votaram na chapa Perón-Perón sabiam o que estavam fazendo, isto é, reconheciam que a vice era a esposa do líder e que possuía legitimidade para o cargo. Reafirmam seu apoio, que o povo a acompanhava e que “la guía el espíritu del Caudillo y la orienta el alma de Evita imortal”. Afirmam que María Estela Martínez de Perón tem aptidão e formação para a liderança política, lembrando que ela teve anos de aprendizagem com Perón no exílio.

Acrescentam que “siete millones y medio de votos la respaldan en su gestión” e concluem que estão ali para fazer a Revolução e cumprir a sangue e fogo o mandato de Perón. Em outras palavras, para eles, apoiar Isabel “até a morte” significava a possibilidade de transformar em realidade os postulados do *Justicialismo*. O editor ainda sugere que o apoio à presidente significa o mesmo que

apoiar ao general Perón, uma vez desaparecido fisicamente, transferiu seu poder a sua esposa. Os membros da direita peronista consideravam-se como “peronistas verdadeiros” e, como tal, deveriam defender ferozmente o término do mandato da presidente. Essa aproximação que *El Caudillo* faz com a figura de Isabel e a de Perón mostra que os responsáveis se colocavam como mediadores para que a militância mais inclinada à aceitação da presidente a reconhecesse como a nova líder.

Segundo Eric Wolf (2003), o mediador precisa ter a capacidade de comportar-se de forma apropriada nos diferentes ambientes em que circula, para agir como um amortecedor entre o que o autor denomina de “grupos orientados para a nação e grupos orientados para a comunidade”. (WOLF, 2003, p.82). Sendo assim, a revista servia aos interesses do grupo atuante em nível nacional, tanto a presidente como os grupos sindicais e promoviam a mediação entre o governo e os militantes do partido, sobretudo entre os simpatizantes da direita peronista. Percebe-se, então, o total engajamento em defender o mandato da *señora*, uma vez que ela era, agora, a voz a quem eles deveriam prestar obediência.

A chegada de Isabel à presidência implicou não apenas assumir um lugar no qual ninguém pensaria que assumisse, como também, manobrar politicamente em um contexto extremamente desfavorável para o país. (NAPAL, 2014). A questão da fragilidade entre o equilíbrio e a legitimidade da origem de seu poder (em virtude de ter sido eleita democraticamente, seguindo a Constituição Nacional Argentina em eleições livres) e a legitimidade pelo exercício do cargo, entendida como um processo dinâmico, construído a partir de suas ações no governo. Sendo assim, Isabel estava não só exercendo seu direito constitucional como também estava cumprindo com o desejo de uma importante parcela da população (62% dos votos) que confiou na chapa na qual ela formou junto ao líder. A presidente considerava que os votos obtidos nas últimas eleições não haviam sido dirigidos exclusivamente a Perón e, por isso, o acesso ao cargo lhe era garantido pela Constituição.

Não seria estranho pensar, pelo histórico de ditaduras na Argentina que, logo após a morte de Perón, os militares - principalmente por parte dos antiperonistas - poderiam ter articulado um golpe para extrair Isabel do poder. Porém, havia algumas alas castrenses que achavam justo dar uma oportunidade a Isabel. A principal surpresa consistiu no fato de que a presidente não assumiu uma posição decorativa nem uma atitude que a colocou acima das facções opostas. Pelo contrário, com a

ajuda de López Rega tratou de conduzir o governo e levou adiante, de forma surpreendente e enérgica, um programa de direita de linha muito autoritária. (DI TELLA, 1983). No entanto, em alguns de seus discursos, Isabel descreveu-se como uma mulher “pequena”, “fraca” e “pacífica”, mas essas imagens eram só falsas aparências. Por trás se escondia alguém que era capaz “de tomar el ‘látigo’ o el ‘hacha’ para imponer el orden subvertido”. (SERVETTO; PAIARO, 2012, p.16).

Como afirma Napal (2014), ao longo de seu governo e através de seus discursos Isabel apresentou uma imagem de si mesma que oscilava entre uma mulher fraca e uma mulher forte. Essa contradição respondia as desclassificações que recebia por sua condição feminina e por sua suposta fragilidade e desequilíbrio emocional que costumavam associar ao gênero feminino. Ou seja,

Contrastaba su apariencia de debilidad para destacar la fortaleza de su carácter, su compromiso y voluntad de cumplir con su tarea. Martínez de Perón buscaba despertar emociones – que se transformaran en apoyo y adhesión - en su auditorio. (NAPAL, 2014, p.158).

Devemos lembrar que, após a morte de Perón, existia o consenso de defesa da institucionalidade apesar de tudo e as diferentes forças políticas enxergaram em Isabel uma pessoa capaz de levar adiante sua missão de conduzir o país dentro dos marcos legais da constitucionalidade, respeitando a democracia. No funeral de Perón, o líder da UCR, Ricardo Balbín expressou a viúva “[...] los partidos políticos argentinos estarán a su lado en nombre de su esposo muerto para servir a la permanencia de las instituciones argentinas, que Ud. simboliza en esta hora”. (KANDEL & MONTEVERDE, 1976, p.9).

Entretanto, também existia aqueles que pensavam que a população havia lhe outorgado o poder através do voto, mas afirmavam que esse poder havia sido concedido para ocupar o cargo de vice-presidente e não o de presidente. Porém, esse pensamento esbarrava no Artigo 76 da Constituição Nacional Argentina (1957),¹³¹ o qual previa que

En caso de enfermedad, ausencia del país, muerte, renuncia o destitución del Presidente, el Poder Ejecutivo será ejercido por el Vicepresidente de la Nación. En caso de destitución, muerte, dimisión o inhabilidad del Presidente y Vicepresidente de la Nación, el Congreso determinará qué funcionario público ha de desempeñar

¹³¹ Em 1974 estava vigente a Constituição de 1957, da época da *Revolución Libertadora*. Somente em 1994 houve uma nova reforma na Constituição, sob a presidência do peronista Carlos Saúl Menem.

la Presidencia hasta que haya cesado la causa de la inhabilidad o un nuevo presidente sea elegido.¹³²

Sendo assim, Isabel estava cumprindo o que a Constituição determinava. Outro fato importante a ser considerado: ela não era qualquer mulher, mas sim, a mulher de Perón, assim como foi Eva, a quem usava como exemplo e como uma de suas referências de liderança feminina afirmava “sé que muchos piensan que porque soy una mujer, no puedo llevar el timón, pero tengo dos brazos y en una mano a Perón y en la otra a Eva Perón”. (MARTÍNEZ DE PERÓN, 1974, p.5). Se durante os anos 40 e 50 houve uma mulher que soube levar adiante seu poder de liderança com o fez Eva Perón, durante os anos 70 Isabel procurava colocar-se na mesma posição.

Em 1972 publicou “*Las veinte verdades del Justicialismo*”, em qualidade de esposa de Perón e representante dele durante a viagem à Argentina em 1965 e 1971, afirmou que

EVA PERÓN dejó jirones de su vida llegando hasta el renunciamento total y el holocausto final, en cumplimiento de los preceptos doctrinarios del Justicialismo. El General PERÓN padeció toda clase de ataques, injurias, persecuciones y necesidades, en un exilio infamante que lleva ya 16 años largos. (MARTÍNEZ DE PERÓN, 1974b, p.6).

Antes das eleições de 1983 o governo militar impôs a Isabel a pena de inabilitação para exercer cargos públicos. Nesse momento, os peronistas estavam muito divididos, pois a derrota do candidato peronista Ítalo Luder para a presidência havia agravado as contendas entre seus partidários. Contudo, no primeiro fracasso do peronismo em eleições limpas, de certa forma, Isabel preservou seu espaço simbólico. Em sua condição de presidente do *Partido Justicialista*, além de ir à Argentina para posse de Alfonsín (a convite do presidente eleito), discursou para a militância e insistiu na má imagem do peronismo na imprensa europeia e a necessidade da volta dos ensinamentos do general

Me extraña mucho que todos hayan dicho que son leales a mi persona. ¿Acaso sospechan que no lo hayan sido? Creo que éste es un problema de consciencia de cada uno. Yo no vengo a cortar cabezas, pero sí les voy a dar un buen tirón de orejas... Yo sé que es duro lo que les debo decir: conozco todos los contactos que han tenido con el gobierno de facto, unos por interés político y otros por salvar su situación personal. Muchos me han preguntado por mi

¹³² **Constituciones Argentinas. Compilación histórica y análisis doctrinario.** 1ra. Edición - Noviembre 2015. Disponível em: http://www.saij.gob.ar/docs-f/ediciones/libros/Constituciones_argentinas.pdf Acesso em: 8 dez. 2019.

silencio. Bueno, era por eso, por la inhabilitación. Y recuerdo que Perón ni a mí me contaba sus estrategias. Yo tampoco tengo que contárselo a nadie”. (SÁENZ QUESADA, 2003, p.463).

Para Sara Weir (1997) Isabel teve um grande êxito político como representante de Perón na Argentina em 1965, tanto que, através de suas reuniões privadas preparou de maneira efetiva o retorno de seu esposo. É possível que Perón tenha feito essa mesma leitura e essa talvez possa ter sido uma das razões (mas não a única, como já mencionei) que expliquem sua escolha para a acompanhá-lo na chapa presidencial. Como alega Bellotta (2007), Perón necessitava de uma mulher para sentir-se completo e, nesse caso, Isabel seria mais que uma esposa, seria a companheira política ideal para que o peronismo se perpetuasse no poder. Perón, certamente não era ingênuo, sabia das fraquezas de Isabel, mas também conhecia suas virtudes.

Acredito que Perón, após refletir sobre sua herança política e a atuação de Isabel, tenha optado por escolher a mulher que era a detentora de seu sobrenome e a quem ele havia preparado para atuar no campo político, embora alguns historiadores acreditem que isso não aconteceu de maneira concreta, como sustenta o biógrafo de Perón, Joseph Page. No entanto, a influência de López Rega também deve ser considerada, mesmo que não se saiba ao certo se o *brujo* realmente aconselhou o general a colocá-la na chapa, mas certamente era um grande desejo seu. A leitura de que López teria orientado o general a escolher sua esposa é muito frequente dentro da esquerda peronista que acreditava no “cerco”, como discuti no capítulo anterior.

Para Page (2014), o que Isabel tinha a oferecer era apenas o simbolismo de ser a mulher de Perón, pois o líder provavelmente a considerava como um recipiente vazio o qual ele poderia encher e agitar como desejasse. O autor argumenta que ele talvez não percebesse que poderiam existir outras pessoas que também explorariam essas mesmas características. Apesar disso, se levarmos em conta somente sua atuação como a mensageira e articuladora de Perón, talvez a afirmação de Page faça sentido parcialmente. Ela fez o que o líder queria, mas, ao mesmo tempo teve autonomia para atuar em certas ocasiões importantes estando à frente do comando do Movimento enquanto o líder encontrava-se em Madri. Ao considerar apenas a viagem de 1965 como a razão principal de sua escolha, provavelmente

restringiremos outras possíveis causas e sua importância como ator político naquele contexto.

Isabel era sua herdeira legal e talvez pudesse ser sua legatária política mesmo que fosse apenas por ter seu sobrenome. Sendo assim, a nomeação de Isabel, não era totalmente inesperada, mas deu a impressão de que Perón retornava às práticas personalistas e arbitrárias de antes, como o líder carismático que não suporta concorrência alguma. (SÁENZ QUESADA, 2003). Casos parecidos aconteceram em outros países latino-americanos nos anos setenta. Em agosto de 1973, a senadora colombiana María Eugenia Rojas, filha do ditador Gustavo Rojas Pinilla, chamada de “Evita da Colômbia”, foi indicada à presidência de seu país, fato inédito até então. Enquanto isso, na Venezuela, Flor Chalbaud de Pérez, esposa do ex-ditador Marcos Pérez Jimenez foi proclamada candidata para as eleições de novembro. Para o jornal *El Tiempo* de Bogotá, as candidaturas fazem “parte do ‘novo feminismo latino-americano’,¹³³ que consiste em colocar uma senhora para substituir o presidente, caso este morra por idade avançada, como foi o caso de Isabel”. (*Jornal do Brasil*, 31/08/1973, p.8).

O fato de uma ala do peronismo colocar López Rega como o grande influenciador e articulador de Isabel, fez com que a história colocasse sua atuação como presidente sempre condicionada as vontades do *brujo*. A partir dessa hipótese, é possível que sejam feitas duas leituras: 1) negação de Isabel como um sujeito histórico com o uso do arbítrio e que não decidia sobre os rumos do governo, pois López Rega era quem realmente governava; 2) a fusão da imagem de Isabel e López Rega, onde não é possível determinar de quem partiu, por exemplo, determinados atos repressivos de seu governo. No entanto, quando López deixa o país em julho de 1975, Isabel não mudou sua postura autoritária.

Enquanto isso, mesmo mantendo essa conduta, tanto os chefes sindicais como os chefes militares aspiravam capitalizar as fraquezas da presidente. (SAÉNZ QUESADA, 2016). Mas essa atitude convertia-se em uma faca de dois gumes pois, enquanto a “coluna vertebral” do Movimento (sindicalistas/trabalhadores fieis a Isabel) entendiam que a mulher de Perón os legitimava por não questionar a qualidade de herdeira do legado do General, para grande parte do Exército ela

¹³³ Essas duas mulheres eram ligadas por laços familiares a ex-ditadores, quer dizer, em realidade esses casos não parecem se tratar de algum tipo de feminismo, mas sim de dominação, forjando uma falsa ideia de autonomia. A opressão patriarcal seguia presente e elas eram o que os maridos/pais queriam que elas fossem, isto é, sucessoras de seus legados e de seus sobrenomes.

constituía uma presença incômoda e imprevisível. Nesse último grupo estava o general Jorge Rafael Videla, que ocupava um lugar estratégico no Exército e visava uma unificação das Forças Armadas. Videla representava o setor antiperonista do Exército, que era maioria entre os generais. Foi ele quem iniciou a investigação sobre a *Triple A* e, por isso, não gozava da simpatia de López Rega.

Na ala oposta, simpáticos ao peronismo e ao nacionalismo, estavam o Comandante Geral do Exército, general Alberto Numa Laplane e os generais Guillermo Ezcurra, Francisco Rosas, Alberto Cáceres, dispostos a levar a adiante um projeto para “bordaberryzar”¹³⁴ Isabel, isto é, deixa-la em uma posição meramente protocolar no governo, onde deveria cogovernar com os militares, além da incorporação de oficiais das Forças Armadas em atividades no gabinete presidencial, como acontecia no Uruguai. (FRAGA, 1988).

O Exército, apesar de dividido, teve um papel muito importante na crise de julho de 1975. López Rega controlava de forma indireta o Ministério da Economia, onde queria implementar uma política de choque ao invés da gradualista que estava sendo seguida para conter a inflação. (DI TELLA, 2017). Convenceu Isabel a colocar Celestino Rodrigo no Ministério, o qual propôs um programa de austeridade que incidiria principalmente sobre os trabalhadores, pondo limite aos aumentos que se podia dar aos convênios coletivos, enquanto duplicava o valor do dólar, aumentando as tarifas de serviço e de transporte. Em respostas a essas medidas organizou-se um grande ato que convergiu com outras correntes de protesto contra Rodrigo e López Rega.

Em junho a CGT convocou uma grande manifestação na *Plaza de Mayo* em apoio a Isabel e para pedir a saída de Rodrigo e López Rega do governo ao decretar uma greve de 48h para forçar a liberação dos aumentos de salários sancionados por comissões partidárias entre empresários e sindicatos. (DE RIZ, 1981). Esse primeiro processo de rebelião durante o governo peronista ficou conhecido como “*Rodrigazo*” e, em 11 de julho, López Rega renunciou levando Celestino Rodrigo a fazer o mesmo no dia 18. No dia seguinte o *brujo* fugiu do país, para evitar ser vítima do tipo de violência que ele mesmo havia promovido. (DE RIZ, 1981). Isabel estava, então, “livre” da influência do *brujo*, acreditavam alguns oficialistas, porém, a *Triple A*

¹³⁴ O termo refere-se ao então presidente uruguaio Juan María Bordaberry (1972-1976).

seguiu atuando enquanto a presidente promovia ainda mais as medidas autoritárias através de decretos contra a guerrilha.

Em agosto, Isabel ordenou ao General Laplane impor sua autoridade, mas quando quis cumprir a ordem advertiu que não contava com apoio total de seus subordinados, porém alguns coronéis pareciam estar dispostos a obedecer. No final do mês Isabel convocou uma reunião para anunciar o novo comandante do Exército. O escolhido foi o general Jorge Rafael Videla. A decisão gerou espanto e preocupação dentro do Exército, entretanto havia um setor dentro do governo que aceitava Videla como, por exemplo, o presidente do Senado, Ítalo Luder, que via nele um aliado.

Portanto, sem a influência de López Rega, Isabel escolheu aquele a quem o *brujo* não nutria simpatias. Havia, portanto, uma ala das Forças Armadas que estava com Isabel e outra parte que não queria se comprometer. Videla estava nesse último grupo. Quem era contra o *brujo* incentivou a nomeação de Videla, sendo assim, Isabel não o escolheu diretamente. Seu nome foi recomendado e a presidente acatou. Na realidade, ela saiu derrotada em uma clara demonstração de que o legado de Perón havia saído de controle. (SÁENZ QUESADA, 2016). Com a ascensão de Videla, foi aberto o caminho para a conspiração dentro das Forças Armadas que contou com o apoio do almirante Emílio Eduardo Massera e o brigadeiro Orlando Ramón Agosti.

Isabel tinha convicção de seus atos, pois nem mesmo quando se livrou da presença de López Rega, mudou sua conduta de perseguição aos “subversivos” ou retirou o Estado de Sítio e outras medidas autoritárias. Não podemos negar que, mesmo ela conduzindo o governo com medidas de exceção, teve o mérito de haver permanecido um tempo razoável no cargo, ainda mais para uma mulher em um contexto conturbado e sem a experiência política que o momento requeria. Levando-se em conta a situação dos países da América Latina, a maioria sob governos ditatoriais e o clima da Guerra Fria, se sua postura fosse mais progressista, os militares poderiam ter entrado mais cedo em cena.

Os militares sustentavam que os atos terroristas tinham algum grau de impacto sobre a durabilidade do governo, pois se eles tomassem o poder e fracassassem ao tentar estabilizar o país, os terroristas poderiam levar a extrema-esquerda ao poder o que, para eles, seria a pior das possibilidades. (YOFRE, 2008). Quando Isabel se licenciou do cargo para tratar da saúde em 13 de setembro de

1975, viajou para Ascochinga, em Córdoba, na companhia das esposas dos três comandantes gerais das Forças Armadas. Logo surgiu a versão de que ela não voltaria para reassumir o cargo que estava nas mãos de Ítalo Luder.

O ex-presidente Arturo Illia pedia uma renúncia patriótica enquanto o embaixador dos Estados Unidos, Robert Hill previa o golpe quando informou ao Departamento de Estado a respeito de Isabel afirmando que a autoridade de presidente e sua posição estavam minadas e que não conseguiria tomar as rédeas do poder. Se voltasse, provavelmente haveria um golpe militar até o fim do ano e os Estados Unidos não precisariam fazer nada. (YOFRE, 2016). Contudo, Isabel retornou no dia 17 de Outubro para os festejos do *Día de la Lealtad*. A presidente saiu à varanda da Casa Rosada e “columnas obreras, prolijamente encuadradas de trás de los distintivos de sus organizaciones, la ovacionaron al grito ‘si la tocan a Isabel habrá guerra sin cuartel’”. (YOFRE, 2008, p.276). Isabel retomou seu ritmo de trabalho na Casa de Governo com gestos de autoridade ao desfazer alguns atos do interino Luder, como recolocar Julio González no cargo de secretário privado e trocar o ministro do Bem-Estar Social nomeado durante sua licença para que assumisse Aníbal Demarco.

Enquanto isso, o almirante Emilio Eduardo Massera, assim como havia conquistado Perón mediante sua audácia e simpatia, queria agora aproximar-se da viúva, aconselhá-la e colocá-la a seu lado. Massera conhecia a maioria dos políticos e sindicalistas de algum prestígio e isso colocaria o ambicioso almirante mais perto do poder. López Rega era tido por ele como um intrometido e tiveram algumas brigas. Segundo Sáenz Quesada (2016), Isabel tinha muita confiança em Massera, tanto que frequentava a residência de Olivos com bastante frequência. Eles possuíam uma relação cordial e quando Isabel estava presa em Neuquén queixando-se do tratamento que recebia, Massera a trasladou – quando a repressão estava em seu apogeu em 1976 - para a base naval Juan Bautista Azopardo, em Azul, onde ficaria sob sua “asa protetora”.

Embora a repressão tenha recaído mais duramente sobre a esquerda peronista do que a direita do Movimento, quase todos os ministros de Isabel, funcionários do gabinete da Presidência e os chefes sindicais que eram seus amigos foram presos. Durante os vinte e um meses em que esteve no poder, Isabel teve trinta e cinco ministros e a imprensa insistia no fracasso do governo, pela instabilidade política, pela inflação, pela violência protegida, pela corrupção. Quando

o juiz Rafael Sarmiento foi a base naval tomar seu depoimento pelas causas em que estava indiciada, observou que aqueles que a mantinham presa davam a Isabel o posto de presidente no exílio e declarou a sua biógrafa anos mais tarde que

Hay una cosa muy rescable en la mujer de Perón: tenía mucho coraje. Y yo siempre digo: hay que tener mucho coraje para firmar la declaración de guerra que le hizo a los guerrilleros marxistas, porque no fueron Luder, ni Videla, ni Massera, ni Agosti, los que firmaron, fue ella; y eso con el tiempo son las cosas que pueden computar. (SÁENZ QUESADA, 2003, p. 451).

A partir da declaração do juiz Sarmiento, podemos inferir que, até mesmo aquelas pessoas que a condenavam, não negavam sua coragem ao assinar decretos que poderiam custar seu mandato e sua liberdade. O último número de *El Caudillo* saiu às bancas três meses antes do golpe chamado de *Proceso de Reorganización Nacional*. O lema “seguí luchando Isabel, seguí luchando, seguí luchando que te vamos a apoyar” aparece em suas derradeiras edições quando o governo já estava agonizando. Enquanto Isabel reunia-se com seus funcionários, ministros e sindicalistas na noite anterior ao golpe, no exterior da Casa Rosada eram ouvidos os gritos “Isabel, solución, contra toda la reacción”; “Perón, Evita, ahora Isabelita”. (KANDEL; MONTEVERDE, 1976, p.216).

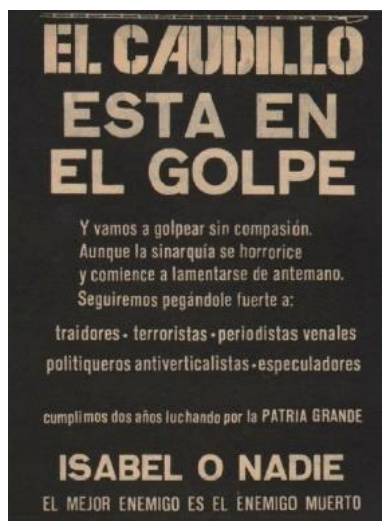


Figura16 – Capa da última edição de *El Caudillo* de 18 de dezembro de 1975.

Fonte: <https://ruinasdigitales.com.br>

O grupo que ali estava em vigília, segundo Kandel & Monteverde (1976), em torno de umas 50 mulheres e alguns guarda-costas, foram convidados pela polícia a deixar a porta da casa do governo e dirigirem-se para a *Plaza de Mayo*. Havia uma

ala feminina que a apoiava, pois certamente enxergava nela um modelo de mulher forte. Na madrugada de 24 de março de 1976, Isabel já não era mais presidente. O *The New York Times* repercutiu a notícia da seguinte maneira “los militares argentinos merecen respeto por su patriotismo, al tratar de salvar un barco que se hunde. El fin del gobierno civil, normalmente un hecho lamentable, era en este caso una bendición”. (YOFRE, 2008, p.405). Isabel, discípula do líder, cometeu erros irreparáveis que abreviaram sua permanência no poder.

A viúva de Perón assumiu a presidência em um contexto de uma profunda crise política agravada pela violência dos grupos revolucionários e da ação dos grupos parapoliciais, além de toda conjuntura internacional da Guerra Fria e da crise do petróleo em 1974. Contava com uma legitimidade de origem, ao ser eleita pelo povo em eleições livres, e a situação do país a levou a uma série de ações estratégicas com o objetivo de legitimar-se no cargo. Após analisar as fontes, parece claro que Isabel demonstrou em muitos momentos uma postura decidida e forte. Através de seus discursos, colocou em primeiro plano as virtudes das mulheres vinculadas a sua capacidade intelectual e política. Em sua qualidade de mulher destacou essas características e quis remarcar a possibilidade das mulheres de seu tempo em desempenhar qualquer tarefa em âmbitos antes restrito ao mundo masculino, o que permitiu justificar o lugar que ocupava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

María Estela Martínez Cartas ou Isabel, Isabel Perón, Isabel Martínez, *Chabela*, *Señora de Perón*, “*Compañera presidente*”, “*La Martínez*” foram algumas das formas pelas quais a primeira mulher a ocupar a presidência da Argentina foi referenciada tanto pela direita como pela esquerda peronista. No contexto em que esteve inserida durante os anos setenta, além de enfrentar o quadro da falta de representatividade do sexo feminino na política, Isabel teve a responsabilidade de encabeçar a transição do Movimento Peronista após a longa liderança carismática de seu fundador e foi capaz de manipular seus interesses particulares ao utilizar ao máximo suas habilidades pessoais para ocupar um lugar junto ao líder.

Perón buscou doutrinar sua esposa, a herdeira de seu sobrenome, a fim de retomar as rédeas do Movimento Peronista que estava ameaçado com a ascensão do sindicalista Augusto Vandor que propunha um “peronismo sin Perón”. Isabel vivenciou o machismo, foi acusada de ser prostituta, aproveitadora e espiã da CIA. Mesmo assim, assumiu o risco ao viajar à Argentina para ser a porta-voz do líder exilado e teve a grande ousadia em apresentar-se como sua nova esposa, caráter que, até o momento, só era reconhecido a Eva Perón. Como mulher, essa talvez tenha sido uma das tarefas mais difíceis durante toda sua vida.

Desde seu encontro com o velho caudilho no Panamá, em 1955, Isabel teve de lidar com presença constante da falecida ex-primeira-dama, mas soube aproveitar os dez anos que se seguiram para preparar-se para o importante papel que teve de desempenhar na Argentina como mensageira de seu esposo. A nova companheira de Perón reuniu-se com trabalhadores, sindicalistas (tanto adeptos como rebeldes) e partidos políticos durante sua missão de quase um ano, ocasião em que pode mostrar seu valor e seu poder de articulação ao reunir a militância e percorrer o país participando de comícios para as eleições provinciais.

Mexeu com as bases do peronismo, que naquele momento começava a segmentar-se, e provocou protestos de setores antiperonistas, certificando-a como uma figura capaz de atrair a atenção de diferentes camadas da sociedade. Esse período pode ser considerado como um dos determinantes para sua escolha anos mais tarde quando veio a concorrer como vice na chapa de Perón. A partir dessa sua primeira experiência política foi construindo sua imagem como uma personagem complexa dentro e fora do peronismo. Foi nesse contexto que conheceu José López

Rega, um ex-cabo de polícia, obcecado por assuntos esotéricos que acabou por ter grande influência em sua vida e no governo.

López Rega, participou ativamente da campanha para a escolha de Isabel como vice de Perón nas eleições de 1973 e continuou como ministro de *Bienestar Social* após a vitória do casal que contou com um número expressivo de votos, embora parte do Movimento rejeitasse Isabel para o cargo ao mesmo tempo em que recebeu amplo apoio da ala mais ortodoxa do peronismo. Desempenhou de forma discreta suas atribuições no Senado, porém destacou-se em viagens oficiais representando Perón e ao receber chefes de Estado na Argentina. Em julho de 1974 iniciou a etapa mais conturbada de sua trajetória ao assumir a presidência de uma nação traumatizada com a perda do líder que havia regressado com a promessa de pacificar o país.

Após a morte de Perón, o clima de violência política intensificou-se com assassinatos diários, atentados e sequestros entre os próprios partidários fazendo com que Isabel mostrasse seu lado autoritário. A relação de proximidade com os ditadores Pérez Giménez (Venezuela), Somoza (Nicarágua), Trujillo (República Dominicana) e Franco (Espanha) durante o período em que acompanhou Perón no exílio, por certo influenciou na sua formação política de direita, também evidente na própria conduta de seu esposo que estava longe de ser identificada com a esquerda como queriam os *Montoneros*. Apesar de terem a mesma postura, Isabel era quem sofria com os ataques, enquanto Perón era blindado por uma parte do peronismo.

Isabel nunca escondeu sua postura anticomunista, fato que ficou claro durante seu governo através das estratégias utilizadas para permanecer no poder, as quais agravaram ainda mais o conflito entre a esquerda e a direita do peronismo. Seu comportamento autoritário chegou ao auge quando assinou os decretos de Estado de Sítio e de aniquilação da guerrilha, além da conivência com os crimes da *Triple A* que foram constituindo-se como um obstáculo à prática da democracia. Diante de muitos outros fatores, como o marco recessivo da economia mundial, a crise do petróleo e a Guerra Fria, o período de julho de 1974 a março de 1976 demonstrou que não bastava contar com um amplo apoio eleitoral para poder governar.

Acusada de corrupção quando esteve à frente da *Cruzada de la Solidaridad Justicialista* por desvio de fundos da instituição, viu seu nome envolvido em uma grande polêmica por conta de um cheque que assinou para pagar parte da herança

as irmãs de Eva Perón, que lhe imputou processos judiciais. Sofreu com a conspiração das Forças Armadas, foi deposta da presidência e esteve presa, a disposição do Executivo, durante cinco anos. Mesmo absolvida de alguns crimes, - como o caso do cheque da *Cruzada* - teve de enfrentar outras acusações e processos na justiça Argentina após deixar o país em 1981 para viver no exílio.

Acredito que existam épocas deliberadamente esquecidas por serem muito dolorosas de serem incorporadas na memória coletiva e concordo com a historiadora argentina María Sáenz Quesada ao afirmar que na Argentina o governo isabelino acaba escondendo-se atrás do véu do ridículo como forma de ser esquecido. A própria imagem de Isabel tem se prestado a esse jogo em uma sociedade machista que, na época, afirmava que o lugar da mulher era na cozinha lavando a louça. Ao longo dos anos tem sido “politicamente correto” considerar que sua presidência foi caótica e que os militares tiveram razão em assumir o poder. Desconsideram que seu governo não constitui um fato isolado, pois os anos anteriores (de ditaduras e fracos governos civis) foram de crises e os que se seguiram também (como o colapso econômico de 2001 quando Fernando de la Rúa presidia o país). No meu entender, a Argentina parece não saber como resolver seus conflitos políticos do passado utilizando-se de uma memória seletiva, apesar de celebrar o *Día de la Memoria* todo 24 de março.

A consolidação da negação de Isabel na memória coletiva deve-se talvez ao fato de os argentinos da década de setenta terem buscado sempre por lideranças fortes e não quiseram enxergar nesta mulher uma nova líder, pois a consideravam como alguém que possuía uma linguagem política simples, que foi manipulada pelas forças sindicais e prisioneira voluntária de seu círculo mesquinho formado pelas piores figuras da direita. Como procurei explicar através da análise das revistas que integravam a imprensa partidária peronista dos anos setenta, Isabel escolheu as pessoas mais fanáticas ao seu redor, as quais estiveram dispostas a apoiá-la apesar de tudo e contra todos enquanto teve de encarar uma forte oposição dentro do próprio Movimento antes mesmo de assumir a presidência.

Acredito que nessa história há várias nuances e que a função do historiador é justamente destacá-las. Trazer sob uma nova ótica a história de Isabel não foi uma tarefa fácil, pois faltam documentos e sobram versões sobre essa personagem, sempre limitada a uma visão danosa e nefasta. Aos 89 anos de idade, o próprio silêncio de Isabel, passados mais de quarenta anos de seu governo, impede o

acesso a seu depoimento para que se possa compreender suas decisões naquele difícil quadro político e social. O desprezo a Isabel por parte de alguns setores do peronismo, que deixa a salvo a imagem Perón, assim como a de Evita, - a “malvada” de outros tempos que também sofreu com os julgamentos de sua época – acaba colocando-os em um lugar imaculado. A viúva de Perón foi acusada de emular Evita ao se vestir, ao discursar, ao apresentar-se ao lado do líder, ao levar adiante a candidatura a vice-presidência.

Ao mesmo tempo que Evita foi se constituindo como uma figura poderosa dentro do peronismo por ter a seu lado os sindicatos, as mulheres, os setores menos favorecidos da população, Perón vetou (de forma velada) sua candidatura a vice-presidência em 1951. Já nos anos setenta, sem que tivesse a mesma aclamação popular e carisma da falecida ex-primeira-dama, concedeu a Isabel o cargo tão desejado por Evita. Com isso, o velho general mostrou que suas esposas foram peças estratégicas na política, pois apesar de Evita possuir um poder informal, conseguiu atrair legiões de aficionados para dentro do peronismo, enquanto Isabel alcançou o poder real de estar na presidência e perpetuou seu sobrenome. Ainda assim, Isabel foi uma mulher julgada por sua vida pregressa, por sua incapacidade política, por sua postura autoritária, mas esses fatores não devem importar para que sua figura seja ignorada dentro do processo histórico pelo qual o país passou nem ter sua capacidade de articulação minimizada. Afinal, ela se manteve no poder em um dos períodos mais complicados para a política nacional.

Sendo assim, creio que seja pertinente aqui a afirmação do historiador Peter Burke o qual atribui que a função do historiador é lembrar a sociedade aquilo que ela quer esquecer. Assumindo meu papel profissional e social, quis colocar Isabel Perón em seu lugar como sujeito histórico de relevância que merece ser explorado com maior atenção. Creio que ainda há muitos pontos a serem discutidos em sua trajetória para que a historiografia, que tanto a desconsiderou, reconheça a importância de sua atuação em um contexto difícil e doloroso, mas que é necessário ser lembrado. Mesmo que suas atitudes sejam questionadas por distintos setores da sociedade, ao afirmar apenas que seu governo foi caótico e que deve ser esquecido, sepulta uma parte da história da Argentina. O peronismo, ainda tão complexo, permanece vivo e mutante e, por isso, faz-se indispensável incluir o período em que o país teve pela primeira vez uma mulher na presidência.

REFERÊNCIAS

AELO, Oscar. El Partido Peronista argentino: diseños organizativos y prácticas políticas (1947-1955). In: **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 602-625, jul./dez. 2016.

ALONSO, Dalmiro. **Ideología y Violencia Organizada en la Argentina**. Tesis de Licenciatura. Mendoza: Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, 2012. Disponível em: https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/4513/dalmiro-alonso-tesis.pdf Acesso em: 30 jul. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. São Paulo: Annablume, 2002.

BALBI, Fernando Alberto. **De leales, desleales y traidores: valor moral y concepción política en el peronismo**. Buenos Aires: Antropofagia, 2007.

BARRANCOS, Dora. **Mujeres en la sociedad argentina: una historia de cinco siglos**. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

_____. **Mujeres entre la casa y la plaza**. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.

BASCHETTI, Roberto. **La memoria de los de abajo 1945-2007: hombres y mujeres del peronismo revolucionario, perseguidos, asesinados, desaparecidos, caídos en combate**. Buenos Aires: La Campana, 2007.

BAUER, Caroline Silveira. **Brasil e Argentina: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória**. 2ª ed. Porto Alegre, 2014.

BELLOTTA, Araceli. **Las mujeres de Perón**. Buenos Aires: Booket, 2007.

BESOKY, Juan Luís. **Perón y la Triple A: ¿Una relación necesaria?** VI Jornadas de Sociología de la UNLP. La Plata, 2010. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.5120/ev.5120.pdf Acesso em: 18 dez. 2018.

_____. **La derecha peronista. Prácticas políticas y representaciones (1943-1976)**. Tesis de doctorado en Ciencias Sociales. Universidad Nacional de La Plata. La Plata, 2016. Disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/55209/Documento_completo_.pdf?sequence=3&isAllowed=y Acesso em: 24 ago. 2018.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; GIANFRANCO, Pasquino. **Dicionário de política**. v. 1 e v.2. 13ª ed. Brasília: UNB, 2010.

_____. **Esquerda e direita**. Razões e significados de uma distinção política. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.

BONASSO, Miguel. **El presidente que no fue. Los archivos ocultos del peronismo**. Buenos Aires: Planeta, 2002.

BRACELI, Rodolfo. **Mercedes Sosa, La Negra**. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

BUFANO, Sergio. **Revista Lucha Armada en la Argentina**. Nº 3, 2005. Disponible em: http://www.elortiba.org/old/pdf/Sergio_Bufano_Peron_y_la_Triple_A.pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

BUFANO, Sergio; TEIXIDÓ, Lucrecia. **Perón y la Triple A: Las 20 advertencias a Montoneros**. Buenos Aires: Sudamericana, 2015.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: _____ (org.). **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 335-356.

CALVO, Luis; DE TENA, Torcuato Luca; PEICOVICH, Esteban. **Yo, Juan Domingo Perón**. Relato autobiográfico. Barcelona: Planeta, 1976.

CÁMPORA, Hector José. **Como cumplí el mandato de Perón**. Buenos Aires: Quehacer Nacional, 1975.

CANALETI, R; BARBANO, R. **Todos mataron**. Génesis de la Triple A: el pacto siniestro entre la Federal, el gobierno y la muerte. Buenos Aires: Planeta, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHÁVEZ, Fermín. **Eva Perón sin mitos**. Buenos Aires: Theoría, 1996.

CHITARRONI MACEYRA, Horacio. **Cámpora. Perón. Isabel**. Buenos Aires: Editores de América Latina, 2004.

CRENZEL, Emilio. **La historia política del Nunca Más**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

DAMÍN, Nicolás. **La transformación organizacional en el justicialismo de los setenta: La Juventud Sindical Peronista (1973-1976)**. Nuevos Mundos. Mundos Nuevos, 2013. Disponible em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/1767/La_transformaci_n_organizacio_nal_en_el_justicialismo_de_los_setenta_La_Juventud_Sindical_Peronista__1973-1976_.pdf?sequence=4&isAllowed=y Acesso em: 19 mai. 2019.

DE RIZ, Liliana. **Retorno y derrumbe: el último gobierno peronista**. México, DF: Folios, 1981.

DI TELLA, Guido. **Perón-Perón**, Buenos Aires: Editorial Hyspamérica, 1983.

DI TELLA, Torcuato. Populismo e reforma na América Latina. In: CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevan (orgs.) **Política e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1983. p.335-355.

_____. **História social da Argentina contemporânea**. Brasília: FUNAG, 2017.

FEIMANN, José Pablo. Cronología de la violencia paraestatal producida durante la presidencia de Juan Domingo Perón (12 de octubre de 1973 – 29 de julio de 1974). In: **Peronismo. Filosofía política de una obstinación argentina**. Suplemento Especial de Página 12. 14 de março de 2010. Disponível em: https://www.pagina12.com.ar/especiales/archivo/peronismo_feinmann/CLASE121C1.pdf Acesso em: 21 set. 2019.

FRAGA, Rosendo. **Ejército: del escarnio al poder (1973-1976)**. Buenos Aires: Planeta, 1988.

FRANCO, Marina. **Un enemigo para la nación: orden interno, violencia y “subversión”, 1973-1976**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

_____. La seguridad interna como política de Estado en la Argentina del siglo XX. In: ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Autoritarismo e cultura política**. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013. p. 33- 64.

GALASSO, Norberto. **Perón: exilio, resistencia, retorno y muerte. 1955-1974**. Tomo II. Buenos Aires: Colihue, 2005.

GAMBINI, Hugo. **Historia del peronismo. El poder total (1943-1951)**. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2007.

_____. **Historia del peronismo. La violencia. (1956-1983)**. Buenos Aires: B de Books, 2016.

GASPARINI, Juan. **La fuga del brujo**. Historia criminal de José Lopez Rega. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2005.

GILLESPIE, Richard. **Soldados de Perón: historia crítica sobre los montoneros**. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letas, 1998).

GRASSI, Ricardo. **El Descamisado. Periodismo sin aliento**. La revista que cubrió el conflicto y la ruptura de Perón con Montoneros. Buenos Aires: Sudamericana, 2015.

GONZÁLEZ, Julio. **Isabel Perón: intimidades de un gobierno**. Buenos Aires: El Ateneo, 2007.

GRIMSON, Alejandro. **¿Que és el peronismo?** De Perón a los Kirchner, el movimiento que no deja de conmover la política argentina. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2019.

GURRUCHARI, Eduardo. **Alberte, un militar entre sindicalistas y guerrillero.** Buenos Aires: Colihue, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2013.

HALPERÍN, Jorge. **Las muchachas peronistas.** Eva, Isabel y Cristina. ¿Por qué desatan odios las mujeres en el poder? Buenos Aires: Aguilar, 2009.

IRIBARNE, María Clara. Los semanarios El Descamisado y El Caudillo: antagonismos y filones de una cultura política compartida. **Estudios.** n° 34, Jul-Dez, 2015, p. 51-78. Disponível em: <https://revistas.psi.unc.edu.ar/index.php/restudios/article/view/13335/13536> Acesso em: 10 mar. 2018.

KANDEL, Pablo; MONTEVERDE, Mário. **Entorno y caída.** Buenos Aires: Planeta, 1976.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra Inês; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração.** São Leopoldo: Oikos, 2015.

LANDAJO, Ramón. **Al final del camino.** (1994) Disponível em: <https://www.alipso.com/monografias/alfinaldelcamino/> Acesso em: 29 jan. 2019.

LARRAQUY, Marcelo. Argentina. **Un siglo de violencia política: 1890-1990.** De Roca a Menem. La historia del país. Buenos Aires: Sudamericana, 2017.

_____. **López Rega el peronismo y la triple A.** Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007.

_____. **Primavera sangrienta.** Argentina 1970-1973 un país a punto de explotar. Guerrilla, presos políticos y represión ilegal. Buenos Aires: Sudamericana, 2017.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas.** A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p.225-249.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2011. p.111-153.

MARONGIU, Federico. **La ultraderecha en el gobierno justicialista de 1973-1976: Triple A, Juventud Peronista de la República Argentina y Concentración Nacional Universitaria**. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán. San Miguel de Tucumán, 2007. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-108/579.pdf> Acesso em: 30 nov. 2018.

MARTÍNEZ DE PERÓN, María Estela. **Discursos y mensajes de la presidente de la Nación María Estela Martínez de Perón**. Buenos Aires: Presidencia de la Nación. Secretaría de Prensa y Difusión, 1974.

_____. María Estela. **Las veinte verdades del justicialismo**. Buenos Aires: Presidencia de la Nación. Secretaría de Prensa y Difusión, 1974b.

_____. María Estela. **Adhesión al año internacional de la mujer**. Mensaje dirigido al mundo por la presidente de la Nación, señora María Estela Martínez de Perón. Buenos Aires: Presidencia de la Nación. Secretaría de Prensa y Difusión, 1975.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Santa Evita**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O romance de Perón**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Ercílio da Silva. Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 60 e 70. **Epígrafe**, São Paulo, v. 6, n. 6, pp. 43-66, 2018.

MAZZIERI, Diego. **Ni yankis ni marxistas ¡Peronistas!** Demoliendo mitos y calumnias de gorilas e infiltrados. Rosário: Ediciones Antisinárquicas, 2012.

MOYA, Alberto; MURANO, Adrián. Los intelectuales del brujo. **Veintitrés**, n.450, 15 de fevereiro 2007. p.20-24.

MURMIS, M; PORTANTIERO, J.C. **Estudos sobre as origens do Peronismo**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

NAPAL, María Celeste. **“Sólo soy la mano de Perón”: La presidencia de María Estela Martínez de Perón, entre el liderazgo vacante y la construcción discursiva de la legitimidad (1974-1976)**. Tesis de Licenciatura. Universidad Nacional del Sur. Departamento de Humanidades, Bahía Blanca, Argentina, 2012. Disponível em: <http://repositoriodigital.uns.edu.ar/bitstream/123456789/2988/1/Napal%2c%20Ma.%20Celeste.%20Tesina.pdf> Acesso em: 26 fev. 2018.

NAVARRO, Marysa. **Evita**. Buenos Aires: Edhasa, 2000.

NEIBURG, Federico. **Os intelectuais e a invenção do peronismo**. Estudos de antropologia social e cultura. São Paulo: Edusp, 1997.

O'DONNELL, Guillermo. **El estado burocrático autoritario**. Buenos Aires: de Belgrano, 1982.

ORTIZ, Alicia Dujovne. **Eva Perón**. A madona dos descamisados. Rio de Janeiro: Record, 1997.

PAINO, Salvador Horacio. **Historia de la Triple A**. Montevideo: Editorial Platense S.A, 1984.

PAGE, Joseph A., **Perón**. Una biografía. Buenos Aires: Sudamericana, 2014.

PAVÓN PEREYRA, Enrique. **Los últimos días de Perón**. Buenos Aires: Ediciones de la Campana, 1981.

PERÓN, Juan Domingo. **Conducción política**. Buenos Aires: CS Ediciones, 1998.

PIGNA, Felipe. **Evita: jirones de su vida**. Buenos Aires: Planeta, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. **Barbarói** (UNISC), v.24, p. 87-118, 2006. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605> Acesso em: 18 mai. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> Acesso em: 17 jun. 2018.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Marina Maria de Lira. **“Uma onda de lama e sangue ameaça cobrir a república”: os discursos sobre a violência no governo de Isabelita Perón (junho 1975 - março 1976)**. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. El lugar de Isabel, entre lo popular y la dictadura. **Perfil**. 29 de jun. 2014. Disponível em: <https://www.perfil.com/noticias/elobservador/el-lugar-de-isabel-entre-lo-popular-y-la-dictadura-20140629-0074.phtml> Acesso em: 15 abr 2019.

_____. A memória, o historiador e o cidadão. A memória do Processo argentino e os problemas da democracia. **Topoi**, v. 8, n. 15, jul./dez. 2007, p. 9-23.

ROSTICA, Julieta. Apuntes sobre la "Triple A". Argentina, 1973-1976. **Desafíos**. 23-II, 2011, p. 21-51.

SÁENZ QUESADA, María. **Isabel Perón: La Argentina en los años de María Estela Martínez**. Buenos Aires: Planeta, 2003.

_____. **La primera presidente: Isabel Perón - una mujer en la tormenta**. Buenos Aires: Sudamericana, 2016.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção**. Borges, Eva Perón e Montoneros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SERVETTO, Alicia María; PAIARO, Melisa. Las palabras del terror. Los discursos de la presidenta María Estela Martínez de Perón y su legitimación de los dispositivos de la violencia estatal y paraestatal. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Vol. 4, no.2, mai./ago. Rio de Janeiro: 2012. p. 193-212.

SIGAL, Silvia; VERÓN, Eliseo. **Perón o muerte**. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Buenos Aires: Eudeba, 2004.

SLIPAK, Daniela. **Las revistas montoneras**. Cómo la organización construyó su identidad a través de sus publicaciones. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015.

SILVA, Nádia Cristiane Coelho da. **Quando Eva foi Evita: uma análise do papel social e político da primeira-dama argentina (1945-1952)**. Pelotas, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

SILVA, Natália. **Aproximaciones al discurso político de la derecha peronista durante el régimen democrático de los setenta**. *X Jornadas de Sociología*. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, 2013. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-038/359> Acesso em: 03 jan. 2020.

SYLVESTRE, Gustavo. **Intrigas, alianzas y traiciones: el detrás de nuestra democracia**. Buenos Aires: Ediciones B, 2016.

TCACH, César. Obreros rebeldes, sexo y religión en el origen del peronismo cordobés. In: MACOR, Darío y TCACH, César (Eds.). **La invención del peronismo en el interior del país**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2003.

TERRAGNO, Rodolfo. **El peronismo de los 70 (II)**. Camino a la dictadura. Buenos Aires: Capital intelectual, 2005.

VEZZETTI, Hugo. **Pasado y presente. Guerra, dictadura y sociedad en la Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2002.

WEBER, Max. A dominação carismática e sua transformação. In: **Economia e Sociedade: fundamentos da sociedade compreensiva**. Brasília: Editora UNB, 1999. p. 323-356.

WEIR, Sara. Peronismo. Isabel Perón y la política argentina. In GENOVESE, Michael (Comp.). **Mujeres líderes en política: modelos y perspectivas**. Madri: Nercea, 1997.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, jul. 1994. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1978> Acesso em: 15 fev. 2019.

WOLF, Eric. Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf**. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Ed. Unicamp, 2003, p. 73-91.

YOFRE, Juan Bautista. **“Nadie fue”**. Crónica, documentos y testimonios de los últimos meses, días y horas de Isabel Perón en el poder. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.

_____. **1976. La conspiración: civiles y militares en el día que cambió la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana, 2016.

ZICOLILLO, Jorge. **La era de los culatas. La derecha peronista**. Buenos Aires: Javier Vergara, 2013.

JORNAIS E REVISTAS

Alianza, Buenos Aires, 1963-1973 – *Ruinas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/alianza-libertadora-nacionalista/> Acesso em 21 fev. 2019.

Caudillo de la Tercera Posición, El. Buenos Aires, 1973-1975 - *Ruínas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/el-caudillo/listado-de-numeros/> Acesso em: 17 jun. 2018.

Causa Peronista, La. - Buenos Aires, 1974 – *Ruinas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/causaperonista/> Acesso em: 24 jan. 2018.

Confirmado, Buenos Aires, 1965 – Biblioteca Digital Argentina. Disponível em: https://catalogo.bn.gov.ar/F/?func=direct&doc_number=001181046&local_base=GE NER Acesso em: 24 jan. 2018.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1972-1973 - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_08&pasta=ano%20197&pesq= Acesso em: 2 out. 2018.

Clarín, Buenos Aires. – Online. Disponível em: <https://www.clarin.com/>

Cruzeiro, O. Rio de Janeiro, 1965 -1973 - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=870915&pasta=ano%20196&pesq=> Acesso em 18 abr. 2019.

Descamisado, El. - Buenos Aires, 1973-1974 – *Ruinas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/el-descamisado/descamisadolistadodenumeros/> Acesso em 27 mai. 2018.

Evita Montonera - Buenos Aires, 1975-1976 – *Ruinas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/evita-montonera/listado-de-numeros/> Acesso em: 22 jul. 2018.

Izquierda Popular, Buenos Aires, 1972-1976 – *Ruinas Digitales*. Disponível em: http://www.ruinasdigitales.com/izquierda_popular_numeros/ Acesso em: 20 fev. 2019.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1958-1960 - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%201958&pesq= Acesso em: 19 jul. 2018.

Manchete, Rio de Janeiro, 1965-1973 - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20196&pesq=> Acesso em: 25 jun. 2018.

Militancia Peronista, Buenos Aires, 1973 - *Ruinas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/militancia-peronista/listado-de-numeros/> Acesso em 7 jan. 2019.

Noticias - Buenos Aires, 1973-1974 – *Ruinas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/noticias/> Acesso em 15 jan. 2019.

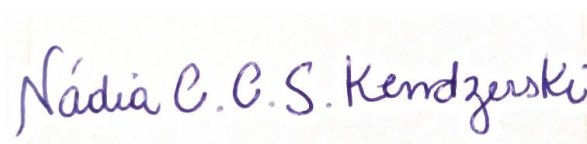
Peronista Lucha por la Liberación, El. – Buenos Aires, 1974 – *Ruinas Digitales*. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/peronista/elperonistalistadodenumeros/> Acesso em: 14 jan. 2019.

Primera Plana, Buenos Aires, 1966 – Acervo da autora.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, **NÁDIA CRISTIANE COELHO DA SILVA KENDZERSKI**, matrícula nº **18103036** declaro para todos os fins que o texto em forma de (x) Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado “***Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...***”: as visões antagônicas sobre Isabel Perón através da imprensa partidária peronista (1973-1976), é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 24 de abril de 2020.



ASSINATURA